



Biblioteca Parque Villa-Lobos

### editorial

## CONTRIBUIÇÕES PARA A VIDA NO PLANETA

Por mais alheia que seja a pessoa ao que passa em seu redor ou por mais afastada que esteja dos grandes meios de comunicação, nas metrópoles, nas cidades do interior, nas vilas e até na zona rural uma preocupação existe, uma interrogação persiste: O que está acontecendo? As estações do ano se misturaram e embaralharam nos meses, sem uma linha definidora como antes havia. Chuva e sol mudaram seus planos e rumos. Estiagens longas, temperatura muito alta, incêndios florestais...chuvas prolongadas e torrenciais provocando cheias nos rios que invadem as cidades a que servem, destruindo bens e matando pessoas.

E a cobrança vem de imediato para os governos, os dirigentes dos países, as autoridades constituídas. E não é sem razão, mormente em nosso país onde o povo anda arqueado uma carga de impostos das mais pesadas no mundo e um retorno mínimo para o bem estar do cidadão...

O Estado é visto como uma fera insensível e devoradora, cujo principal objetivo é arrecadar... quando a Ciência Política ensina que o Estado é uma instituição pessoa, criado para o fim de viabilizar o bem estar de seus instituidores que reconhecem ser esta tarefa impossível quando realizada individualmente.

E sobra também para nós, Maçonaria e Academias de Letras Maçônicas...Com que contribuimos ou ao menos podemos contribuir para minorar esta situação, esfriar estes ânimos, diminuir este desespero?

Alguém diria, desavisadamente: Uma coisa não tem nada a ver com a outra!

E este engano é fatal. A Maçonaria tem muito a ver com isto. A Sublime Ordem tem objetivos que transcendem estas apreciações apressadas e imediatistas, de interpretação literal dos ideais que servem de colunas e de alvos para a Sublime Instituição. Buscando que todos os seres se dêem as mãos a Maçonaria prega a fraternidade universal, abrangendo todos os seres, sem acepção de qualquer natureza. Mas de que serve este ideal grandioso se sabemos que a natureza humana é tendenciosa e que habitam em nossas almas a prepotência, o orgulho, a vaidade, a altivez?

Resplandece aí o papel da Maçonaria: ensinar o seu seguidor a trabalhar a pedra bruta que é o ser humano endurecido pelas tendências negativas da matéria, desbastá-la de suas

irregularidades, quinas cortantes ou nódulos enegrecidos, até que a mesma possa ser polida e possa apresentar a sua verdadeira face, a sua verdadeira beleza. Passa o maçom a vida inteira neste trabalho, corrigindo-se, aperfeiçoando-se, crescendo como criatura divina, sob os auspícios das regras e comandos da Ordem que somente buscam um fim último: que o ser humano, na maçonaria, seja suplantado pelo ser espiritual, recolocando os polos nos seus devidos lugares e prioridades, pois não somos seres materiais vivendo uma experiência espiritual mas seres espiritual vivendo uma experiência material. É o engano quando a estas polaridades que leva as criaturas aos desastinos da matéria.

Mas, perguntariam ainda: E o que tem a Academia de Letras com este desiderato? O que pode fazer?

Aparentemente, nada.

Verdadeiramente, tudo!

As artes são a pura manifestação do espírito. São lampejos divinos que alcançam as mentes e os corações dos homens e os fazem produzir as obras que encantam, que perfumam os corações e maravilham a vida. E entre as artes desponta a LITERATURA. O poder de usar as palavras, dons de Deus aos seres humanos, para conduzir as almas aos paraísos mais espetaculares, às emoções mais tocantes, aos sentimentos mais profundos.

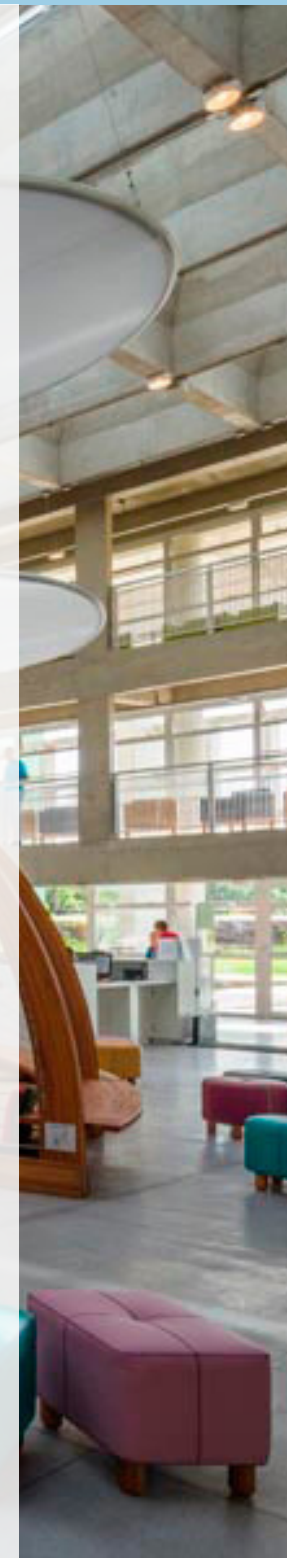
Arte não é produto da matéria. Apenas dela se serve para dar forma, cor, aparência e sentido físico às grandes elucubrações do espírito.

E é o que estamos a fazer: motivar as criaturas, levá-las à reflexão, conduzir os seus pensamentos, encaminhando-os para o bem. Despertar as Pessoas para o Amor, para a sabedoria, para a vontade, para a ordem, para o rigor, para a paciência e para a humildade, as sete tendências básicas do ser divino

A arte literária, bem conduzida, nos levará a isto e nos fará encontrar os dois pontos capitais para a preservação da vida: o Amor e a Consciência.

Com estas duas armas poderosas o ser humano afojará a ambição pelo poder e a inconsciência quanto às consequências que o levam a poluir, devastar, destruir, desequilibrar, desqualificar por fim inviabilizar a vida planetária.

Comissão editorial



## ações na agml

### REUNIÃO E POSSE SOLENE DE NOVOS MEMBROS

Maio de 2024





## fala do presidente

### NOSSO COMPROMISSO COM A NATUREZA

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Academia Goiana Maçônica de Letras, sob o teto ornamentado com símbolos de sabedoria e fraternidade, ecoando vozes comprometidas com a preservação do meio ambiente realizará o Seminário sobre Meio Ambiente: **Resíduos Sólidos e Líquidos**, pela primeira vez em Goiás, marcando o dia do Meio Ambiente, bem como a celebração do Dia Nacional das Academias de Letras, no dia 21 de junho.

Com esse olhar bem alargado para a natureza, os mestres das Letras vão além e tomam dimensões que estreitam o encontro entre os planos, unidos em um só propósito, se tornam e convocam especialistas de diversas áreas para debaterem e compartilharem soluções para um dos desafios mais prementes de nosso tempo, ou seja, o manejo responsável dos resíduos que geramos e deixamos a céu aberto.

Observamos que o nosso compromisso com a natureza está prescrito também em regulamento e rituais institucional, o que levou a confraria a reunir e promover um diálogo profundo e reflexivo entre estudiosos, ativistas e autoridades que se reúnem para explorar as complexidades desse tema

vital. Dos problemas enfrentados às inovações tecnológicas, cada aspecto será minuciosamente examinado. Palestras magistrais enriquecerão mentes ávidas por conhecimento, enquanto mesas redondas fomentarão debates acalorados e construtivos.

O compromisso comum de encontrar soluções sustentáveis reverberou por entre os corredores da academia, impulsionando os organizadores a agirem com determinação e empatia.

Ao final do seminário, não apenas ideias serão compartilhadas, mas laços serão estreitados. Uma rede de solidariedade e comprometimento se formará, conectando mentes brilhantes em prol de um futuro mais limpo e harmonioso para nosso planeta, com a participação de todas as potências maçônicas de Goiás.

A Academia Goiana Maçônica de Letras, em sua nobre missão de promover o saber e a fraternidade, ergue-se como farol de esperança em tempos desafiadores. Que os ensinamentos colhidos nesse seminário ecoem além dos seus muros, inspirando ações transformadoras em toda a sociedade.



## DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente  
José Mariano  
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente  
Adegmar José  
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário  
Isaias Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário  
Hamilton Rios  
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro  
Carlos A. B.  
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro  
Anestor Porfírio  
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de  
Patrimônio  
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural  
Anderson Lima  
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação  
João Batista  
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário  
Airton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador  
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica  
Breno Boss C. Caiado

## CONSELHO FISCAL

### Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José  
Vieira



CADEIRA Nº 25

Paranyha  
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.  
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino  
Lima



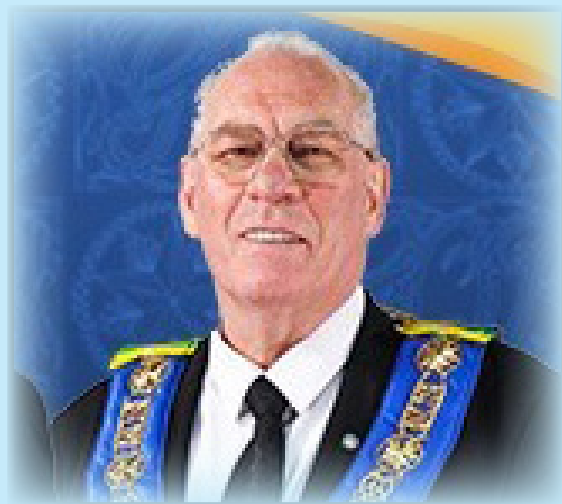
CADEIRA Nº 15

Jefferson S.  
de Carvalho

## SENSIBILIZAÇÃO

# OS DESAFIOS ENFRENTADOS NO SEIO DA FAMÍLIA MODERNA E O PAPEL DA MAÇONARIA

Ademir Cândido da Silva | Colaborador – Grão-Mestre Geral



Vivenciamos grandes mudanças no cenário mundial sobre a importância da Família no desenvolvimento e no amadurecimento do cidadão e, principalmente, das suas atitudes diante da sociedade. A Família sempre foi a base da educação e da cultura do cidadão, pois nela aprendemos os primeiros conceitos de respeito e amor ao próximo. São os Pais que, pelo seu exemplo e pelas orientações, moldam o caráter das crianças, para no futuro tornarem-se grandes cidadãos.

Em nossas viagens pelo Brasil, conversando com muitos Irmãos, Cunhadas, Sobrinhos e Não Maçons também, percebemos que a Família como até então conhecemos, quase não existe mais na maioria dos lares, devido às mudanças na rotina dos Pais e da era das comunicações tecnológicas. É perceptível que as crianças e os próprios Pais têm ficado muito tempo focado em seus smartphones e dispositivos eletrônicos e, com isso, dificultado a necessária aproximação pessoal para a transferência de conhecimento, por meio do método tradicional de gerações, isto é, pelo convívio social. Também temos visto a transferência da obrigação da educação de caráter para os professores e escolas. Tal obrigação passa longe de se aprender na escola, pois sempre veio, como dizemos, “de berço”. Importante observarmos que, embora não possamos retirar os smartphones das nossas crianças, pois não deixam de ser uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional, são necessárias uma fiscalização e uma supervisão maiores, visando fornecer orientação sobre os assuntos que eles se deparam na internet.

A Maçonaria é uma instituição que tem a Família como base no desenvolvimento do ser humano. Por formação forjamos ou temos a obrigação de forjar no seio da Ordem, homens e mulheres fortes e plenos de virtudes para assumirem responsabilidades, no futuro, em favor de uma sociedade justa e igualitária. Minha observação aqui é justamente sobre nossos deveres como Maçons, Pais, Tios e Cidadãos, em fazer o melhor

para desenvolver, em nossas crianças, a vontade de manter relações interpessoais e a tradição da formação do caráter do ser humano, por meio do exemplo.

Sabemos das dificuldades de tempo e sociabilidade que o atual momento nos impõe, mas por obrigação temos que trabalhar essa responsabilidade e condição de dividir nosso tempo por meio dos simbolismos que representam as ferramentas de trabalho que encontramos em nosso Templo e os respectivos ensinamentos, para podermos, pelo exemplo, sermos a diferença no mundo moderno.

Ao continuarmos firmes em nossa missão de vida, através dos bons conselhos aos mais jovens, faremos as mudanças necessárias para o desenvolvimento da humanidade. Gratidão Amados Irmãos e Família.

Disponível em: <https://www.gob.org.br/informativo-sempre-a-frente-o-gob-e-voce-edicao-n-002-de-27-de-fevereiro-de-2024/>



## ciência & saúde

# A IMPORTÂNCIA DOS DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS NA SAÚDE

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Nos últimos anos, a tecnologia avançou a passos largos, transformando diversos aspectos de nossas vidas, incluindo a maneira como gerenciamos e monitoramos nossa saúde. Dispositivos eletrônicos, como wearables, aplicativos de saúde e plataformas de telessaúde, têm se tornado ferramentas essenciais para promover um estilo de vida saudável e melhorar a qualidade de vida. Nesta conversa, quero trazer a vocês as novidades que acompanhei na maior feira da América Latina em Saúde, realizada em maio de 2024 em São Paulo. Vamos explorar a importância de alguns dispositivos na saúde, destacando suas funcionalidades e benefícios.

Para indivíduos que vivem com condições crônicas, como diabetes e hipertensão, dispositivos eletrônicos são um aliado poderoso. Monitores de glicose, como o Freestyle Libre, e monitores de pressão arterial permitem o acompanhamento contínuo de parâmetros vitais. Estes dispositivos fornecem dados em tempo real que são cruciais para a gestão eficaz dessas condições, permitindo intervenções rápidas e ajustes no tratamento conforme necessário. A capacidade de monitorar a saúde de

maneira constante e precisa pode prevenir complicações graves e melhorar a qualidade de vida.

Dispositivos vestíveis, como o Apple Watch e o Fitbit, revolucionaram a maneira como as pessoas monitoram e incentivam a atividade física. Estes dispositivos rastreiam passos, calorias queimadas, distância percorrida e até padrões de sono. Ao oferecer metas diárias e feedbacks instantâneos, esses dispositivos incentivam os usuários a adotarem um estilo de vida mais ativo. Estudos mostram que a atividade física regular reduz o risco de doenças crônicas, melhora a saúde mental e aumenta a longevidade.

Sobre a qualidade do sono dispositivos como o Fitbit e o Withings Sleep ajudam a monitorar padrões de sono. Eles fornecem informações sobre a duração e a qualidade do sono, identificando interrupções e possíveis distúrbios. Com essas informações, os usuários podem fazer ajustes em seus hábitos para melhorar a qualidade do descanso, o que, por sua vez, melhora a saúde mental, a concentração e a energia diária.

Na gestão do estresse que é um problema de saúde crescente, existem dispositivos eletrônicos que oferecem uma solução prática para monitorá-lo

e gerenciá-lo. Alguns deles medem a variação da frequência cardíaca para avaliar os níveis de estresse e sugerem técnicas de relaxamento, como exercícios de respiração e meditação guiada. A gestão eficaz do estresse pode prevenir uma série de problemas de saúde, incluindo doenças cardíacas, depressão e ansiedade.

Para adesão ao regime de medicação se torna crucial para o tratamento eficaz de muitas condições. Dispositivos como dispensadores inteligentes e aplicativos móveis podem lembrar os usuários de tomar seus medicamentos no horário correto, reduzindo a probabilidade de esquecimentos. Essa funcionalidade é especialmente útil para idosos e pessoas com múltiplas prescrições, ajudando a garantir que o tratamento seja seguido conforme recomendado.

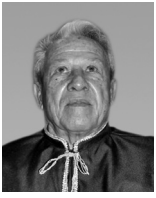
A telessaúde tem se mostrado uma ferramenta inestimável para todos os profissionais da saúde, especialmente em tempos de pandemia. Tablets e smartphones permitem consultas a distância, facilitando o acesso a cuidados de saúde sem a necessidade de deslocamento. Esta tecnologia é particularmente benéfica para pessoas em áreas remotas ou com mobilidade reduzida. A telessaúde

também permite um acompanhamento mais regular e conveniente, melhorando a continuidade dos cuidados e a satisfação do paciente.

Por fim, a coleta contínua de dados de saúde através de dispositivos eletrônicos permite uma análise detalhada e precisa das condições do paciente. Os profissionais podem usar esses dados para personalizar tratamentos de maneira mais eficaz, adaptando intervenções de acordo com as necessidades específicas de cada paciente. A personalização do tratamento melhora os resultados de saúde e aumenta a eficiência dos cuidados.

Verificando estes novos modelos de cuidados à saúde na HOSPITALAR 2024, os dispositivos eletrônicos representam uma revolução na maneira como gerenciamos nossa saúde. Eles proporcionam um monitoramento contínuo e preciso, incentivam hábitos saudáveis e facilitam o acesso a cuidados de saúde. No entanto, é importante lembrar que esses dispositivos devem ser usados como complementos e não substitutos dos cuidados tradicionais. A interpretação correta dos dados e a consulta regular com profissionais de saúde são fundamentais para garantir que a tecnologia realmente beneficie a saúde e o bem-estar.

*Um Olhar Moderno sobre a Tecnologia e o Bem-Estar*



**tempo de estudo**

## 21 DE ABRIL: DIA DE TIRADENTES

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

Joaquim José da Silva Xavier nasceu na fazenda do Pombal, comarca do Rio das Mortes, próxima a Vila de São José Del Rei (atual Tiradentes), no ano de 1.746, não se sabendo, porém o dia do seu nascimento. Era o quarto filho de Domingos da Silva Santos, português e de dona Antônia da Encarnação Xavier, e seus irmãos eram: Domingos, Antônio, José, Antônia Rita, Maria Vitória e Eufrásia Maria. Foi batizado no dia 12 de novembro de 1746, tendo sido seu padrinho o dentista Sebastião Ferreira Leitão e como madrinha Nossa Senhora da Ajuda. Foi criado e passou parte de sua infância na fazenda de seu pai, sendo que aos nove anos de idade morre sua mãe e aos doze seu pai. A família se desfez. Foi morar na casa de seu padrinho.

Poucos sabem que Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, era maçom, bem como quase a totalidade dos líderes do movimento de independência. Naquela época, a maçonaria permitia que se fizessem iniciações fora dos templos e, às vezes, por um irmão com autoridade, o que era denominado de Iniciação por Comunicação. E assim, José Álvares Maciel iniciou Tiradentes, tendo este tipo de iniciação sido suprimido em 1907, com a promulgação da Constituição Lauro Sodré. "O Coronel Francisco de Paula Freire não gostava do alferes Tiradentes, com o qual mantinha fria distância". Esse tratamento mudou completamente, quando o alferes, de volta do Rio de Janeiro, participou-lhe que havia sido iniciado nos mistérios da maçonaria.

O movimento de independência tinha como caráter principal três províncias do Brasil, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que o resto do país deveria acompanhá-las. A inconfidência mineira começou em Vila Rica, sendo um dos principais movimentos sociais da história do Brasil. Significou a luta do povo brasileiro pela liberdade e contra a opressão do governo português.

No século XVIII, em pleno ciclo do ouro, o Marques de Pombal impôs uma cobrança sobre o ouro de um quinto sobre o peso do mesmo que deveria ser mandado a Portugal por um prazo de 10 anos consecutivos, mas isto durou 60 anos. As minas de ouro da região de Minas Gerais esgotaram-se e os mineiros não tinham como pagar o quinto do imposto. Para piorar, o ouro estava diminuindo, Portugal estabeleceu uma cota fixa, devendo ser arrecadado 1.500kg por ano, não importando a quantidade de produção. Nesta época, Portugal criou a Derrama. Cada região deveria pagar 100@ por ano para a metrópole. Quando a região não conseguia cumprir estas exigências soldados da coroa entravam nas casas das famílias para retirar os pertences até completar o valor devido. Atitudes que provocavam insatisfação muito grande no povo, fazendeiros, donos de minas que queriam pagar menos impostos, mas, possuírem maior participação na vida política do país. A cobrança de impostos atrasados (538@ de ouro) afetou as elites mineiras, aumentando o sentimento de revolta.

Alguns membros da elite brasileira (intelectuais, fazendeiros, militares e donos de minas), influenciados pelas ideias de liberdade que vinham do iluminismo europeu, começaram a se reunir para buscar uma solução definitiva para o problema: A Conquista da Independência do Brasil.

Em Minas Gerais, Tiradentes começou a pregar em Vila Rica e arredores, a favor da independência daquela província. Organizou um movimento aliado a integrantes do clero e da elite mineira, como Cláudio Manuel da Costa, antigo secretário de governo, Tomás Antônio Gonzaga, ex-ouvidor da comarca e Inácio José de Alvarenga Peixoto, minerador. O movimento ganhou reforço ideológico com a independência das colônias estadunidenses e com a formação dos Estados Unidos da América. Ressalta-se que, à época, oito de cada dez alunos brasileiros em Coimbra eram oriundos das Minas Gerais, o que permitiu à elite acesso aos ideais liberais que circulavam na Europa.

Os objetivos deste movimento eram o de conquistar a liberdade definitiva e implantar um governo republicano independente de Portugal, criar manufaturas no país que surgiria, uma universidade em Vila Rica e fazer de São João Del Rei a capital. Seu primeiro presidente seria, durante 03 anos, Tomás Antônio Gonzaga, após o qual haveria eleições. Sobre a questão da escravidão, o grupo não possuía uma posição definida. Chegaram a definir uma nova bandeira para o Brasil. Ela seria composta por

um triângulo vermelho num fundo branco, com inscrição em latim: Libertas Quae Sera Tamen (Liberdade ainda que tardia). O dia do movimento seria para uma data em que a derrama seria executada. Assim poderiam contar com o apoio da população revoltada. Um dos inconfidentes, Joaquim Silvério dos Reis, delatou o movimento para as autoridades portuguesas, em troca do perdão de suas dívidas com a coroa. Todos os inconfidentes foram presos, enviados para o Rio de Janeiro e acusados pelo ato de infidelidade ao Rei. Alguns ganharam como punição o degredo para a África, outros uma pena de prisão.

Os réus foram sentenciados pelo "crime de lesa-majestade", definido, pelas ordenações Afonsinas, como traição contra o Rei, crime comparado à hanseníase. Lesa-majestade quer dizer traição cometida contra a pessoa do Rei, ou Real Estado, que é tão grave e abominável crime, que o comparavam à lepra. Por carta de clemência de D. Maria I, todas as sentenças foram alteradas para degredo, a exceção apenas de Tiradentes, que permaneceu com a pena capital, porém não por morte cruel, como previam as Ordenações do Reino: Tiradentes foi enforcado.

Como foi o único a assumir a responsabilidade, provavelmente, por ser o inconfidente (aquele que trai a confiança) de posição social mais baixa, todos os outros ou eram mais ricos, ou detinham patente militar superior, é que se cogita que Tiradentes seria um dos poucos inconfidentes não maçons ou detentor de um cargo de menor graduação na Ordem.

Tiradentes, após assumir a liderança do movimento, foi condenado à força em praça pública. E assim, numa manhã de sábado, 21 de abril de 1792, Tiradentes percorreu em procissão as ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, no trajeto entre a cadeia pública e o lugar onde fora armado o patíbulo. O governo transformou aquela execução numa demonstração de força. A leitura da sentença estendeu por 18 horas, com discursos de aclamação à Rainha, fanfarras e cortejo com toda tropa local. Esse espetáculo despertou a ira da população que presenciou o evento.

Este foi Tiradentes, herói místico, assumiu a postura de mártir. Era o mártir ideal e imaculado na brancura de sua túnica de condenado. Foi vítima de um sonho, de um ideal, dos "loucos desejos de uma tão sonhada liberdade". Vítima não só do governo português, até mesmo de seus amigos. Vítima da traição de Silvério dos Reis, amigo pessoal. Vítima também dos outros companheiros da conspiração que se acovardaram e lançaram sobre ele toda a culpa. Culpa que assumiu de boa vontade. Congratulou com os companheiros quando foi comunicada a suspensão da sentença morte, satisfeito por ir sozinho ao cadafalso.

Considerado pela Coroa Portuguesa como o cabeça da conjuração mineira, morto por enforcamento, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, tornou-se herói nacional e uma das figuras mais polêmicas da nossa história. Muito se tem falado nele, mas sabe-se pouco de sua vida. Pela intensidade e pela trama que se envolveu foi deixado envolvente material que permite não só polemizar, como discutir esta figura, da nossa história.

Segundo o escritor francês Balzac, há duas histórias: a oficial, que é mentirosa e a verdadeira, que é secreta. Com a abertura democrática de nosso país vai-se sabendo de coisas diferentes das aprendidas na escola, uma delas é a respeito de Tiradentes.

Tiradentes não usava nem barba e nem bigode. Esta imitação de Cristo foi feita há tempos e sacramentada pela Lei Federal 4.897 de 1966, por Castelo Branco quando foram definidas a imagem com barba e cabelos longos, assim como Cristo. Como militar, o máximo que Tiradentes poderia permitir era um discreto bigode. Na prisão, onde passou os últimos 03 anos de sua vida, os detentos eram obrigados a raspar a barba e cabelo a fim de evitar piolhos. Também, o nome do movimento, "Inconfidência Mineira", de seus participantes, os "inconfidentes", foi cunhado posteriormente, denotando caráter negativo da sublevação, inconfidente é aquele que trai a confiança.

O trabalho, "o martírio de Tiradentes, uma farsa criada pela maçonaria e por líderes da Inconfidência Mineira", mencionado por [www.adesg.com.br](http://www.adesg.com.br) e citação de Guilhobel Aurélio de Camargo, afirmam que "a mentira que criou o feriado de 21 de abril é: Tiradentes foi sentenciado a morte e foi enforcado no dia 21 de abril de 1792, no Rio de Janeiro,

no local chamado Campo da Lampadosa, que hoje é conhecido como a Praça Tiradentes. Com a Proclamação da República precisava ser criada uma nova identidade nacional. Pensou-se em eternizar Marechal Deodoro, mas o escolhido foi Tiradentes. Ele era de Minas Gerais, estado que tinha na época a maior força republicana e era um polo comercial muito forte. Jogaram ao povo uma imagem de Tiradentes parecida com a de Cristo e era o que bastava: um Cristo na multidão. Transformam-no em herói nacional cuja figura e história agradavam tanto a elite quanto ao povo.

E foi assim que foi armada a traição, em 15 de março de 1789, com Silvério dos Reis indo ao Palácio do Governador e denunciando Tiradentes. Ele foi preso na cadeia velha no Rio de Janeiro, seu julgamento prolongou-se por 02 anos. Durante todo o processo ele admitiu ser líder do movimento, porque tinha a promessa que livrariam sua cabeça na hipótese de uma condenação por morte. Em 21 de abril de 1792, com a ajuda de companheiros da maçonaria foi trocado por um ladrão, o carpinteiro Isidro Gouveia. O ladrão havia sido condenado a morte em 1790 e assumiu a identidade de Tiradentes, em troca de ajuda financeira a sua família. Gouveia foi conduzido ao cadafalso e testemunhas se diziam surpresas por aparentar bem menos que seus 45 anos.

No livro de Hipólito da Costa (Narrativa da Perseguição) é documentado a diferença física de Tiradentes com o executado naquela época.

O historiador e grafotécnico carioca, Marcos Correa, viu fotocópias em Lisboa, de assinatura semelhante às de Tiradentes, ao pesquisar a assinatura de José Bonifácio, com o nome de Antônio Xavier da Silva, concluindo que as semelhanças eram impressionantes.

Simples alferes, não lideraria coronéis, brigadeiros, padres, desembargadores, verdadeiros líderes do movimento. Foi maçom, mas estava longe dos demais envolvidos, porque eram cultos, recém regressados "formados de Coimbra". Não tinha família, tinha uma filha ilegítima, tinha planos de casar-se por motivos econômicos com a sobrinha do padre Rolim. Era "uma codorna no chão", o mais frágil dos inconfidentes. Sem família, dinheiro, preparo cultural e pouco amigos era a melhor escolha para o papel de bode expiatório.

"Ele estava muito bem vivo, um ano depois, em Paris. O feriado de 21 de abril é fruto de uma história fabricada que criou Tiradentes como bode expiatório, que levaria a culpa pelo movimento da Inconfidência Mineira. Quem morreu no lugar dele foi um ladrão chamado Isidro Gouveia".

Tiradentes teria embarcado incógnito, com a ajuda dos irmãos maçons, na nau Golfinho, em agosto de 1792, com destino a Lisboa. Junto seguiu sua namorada Perpétua Mineira e os filhos do ladrão morto. Em uma carta que foi encontrada na Torre do Tombo, em Lisboa, existe a narração do autor, Simão Sardinha na qual diz ter-se encontrado, na Rua do Ouro, em dezembro de 1792 com alguém, muito parecido com Tiradentes, a quem conheceu no Brasil, e que ao reconhecê-lo saiu correndo. Há relatos que em 1808 Tiradentes teria voltado ao Brasil quando abriu uma botica na casa da namorada, na Rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias e que morreu em 1818.

Atualmente, onde se encontrava sua prisão, foi erguido o Palácio Tiradentes; onde foi enforcado ora se encontra a Praça Tiradentes. Em Ouro Preto, na antiga cadeia hoje há o Museu da Inconfidência. Tiradentes é considerado o Patrono Cívico do Brasil, sendo a data de sua morte, 21 de abril, feriado nacional. Seu nome consta no Livro de Aço do Panteão da Pátria e da Liberdade, sendo considerado herói nacional.

Salve 21 de abril! Salve Tiradentes!

### Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS  
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico "Násseri Gabriel" - GOB-GO  
Goiania-Goias - Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca - Cadeira nº 06  
Editor/design: Guilherme Fonseca - Colaborador  
Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Leles

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca  
Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima  
Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior  
Programação/editoração: Adriana Almeida  
Coordenação gráfica: Gráfica Poder - 62. 98190-5857  
Tiragem desta edição: 500 exemplares  
Divulgação: Físico / Digital [<http://agml.com.br/>]  
A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.

expediente



## educação&maçonaria

### VISÃO, ESTÍMULO E PERTENCIMENTO

Newton Agrella | Colaborador

Como é desestimulante pensar no futuro deste país quando os mais recentes dados coletados e divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indicam que segundo o Censo 2022, o Brasil contava com 579,8 mil estabelecimentos religiosos, enquanto havia 264,4 mil de ensino e 247,5 mil de saúde. Apenas os Estados de São Paulo, Piauí e os três Estados do Sul são as únicas unidades da federação, cuja soma entre estabelecimentos de ensino e de saúde supera a de religiosos.

Esse levantamento é uma prova inequívoca de que historicamente, entra governo, sai governo e inobstante seu viés político, a Educação continua sendo um mero instrumento de discursos vazios, cujo investimento continua sendo algo solenemente relegado a segundo plano.

Fica a pergunta que não quer calar:

Como uma nação pode aspirar a melhoria de vida de seu povo se demagógicamente seus políticos estão mais preocupados em oferecer "conforto espiritual" e isenção de impostos a estabelecimentos religiosos ao invés de oferecer eficientes e profícuos instrumentos de ensino e dispositivos tecnológicos às gerações de jovens desde o ensino elementar?

Nessa mesma esteira de pensamento, como é possível esperar o desenvolvimento da capacidade crítica, argumentativa e interpretativa do estudante brasileiro se

as ferramentas de ensino são tão rudimentares e os processos pedagógicos ainda se arrastam lentamente como se ainda vivêssemos nos primórdios do século passado?

Não vale contar as parcas ilhas de ensino mais avançado localizadas em poucos pontos do país.

O Brasil não se resume a três ou quatro Estados mais desenvolvidos.

Esse hiato cultural que inibe a própria desenvoltura intelectual da grande maioria de seu povo, impacta diretamente na performance inclusive de instituições voltadas para o desenvolvimento e potencialidades humanas como por exemplo a Maçonaria.

É nítido perceber que o saudável hábito da leitura constitui-se numa das atividades menos incentivadas no Brasil.

Em face disso e como resultado dessa política avessa à Educação é que hoje nos deparamos com um contingente cada vez maior de Maçons que pouco lêem e que por conseguinte, mal conseguem elaborar juízos de valor sobre temas de conteúdo histórico, social, antropológico e principalmente filosófico de maneira que possam trazê-los para um consistente fórum de debates.

Como consequência disso, a grande maioria das Lojas espalhadas pelo país, acabam recaindo na superficialidade, dando corpo a discussões ocas de conteúdo e destituídas de qualquer caráter verdadeiramente

dialético na busca pelo aprimoramento do maçom e na missão que se espera dele em prol da sociedade.

A permanente preocupação com o crescente êxodo de Maçons das Lojas e claro, a baixa frequência às sessões, grosso modo deve-se antes de tudo, à própria maneira como são iniciados na Ordem.

O raquítico processo de Sindicância abdica de passar uma ideia mais consistente do que significa a Maçonaria.

É e deveria ser função do Venerável Mestre instruir aos Irmãos sindicantes o "modus operandi" e o maior rigor durante as entrevistas aos candidatos.

Aliás, como proposta especulativa seria sempre interessante, além das triviais e protocolares perguntas: "O que você espera da Maçonaria?"

ou

"Por que você quer ingressar na Maçonaria?"

Se perguntasse ao Candidato:

"O que você pode oferecer à Maçonaria?"

Afinal de contas, se o candidato demonstra algum interesse em ingressar na Ordem ele deve ter algum motivo!

Fato é, que o que se espera é uma relação de comprometimento e interação do Maçom com a Ordem.

Essa interação e o interesse contínuo pelo estudo, sempre incentivados pelos Veneráveis Mestres, é o que acabam gerando o tão decantado e relevante sentimento de "Pertencimento", que se traduz como a real percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de um grupo, e ao mesmo tempo sentir-se verdadeiramente integrado.

Não há como erigir um templo começando pela sua cobertura, sem que sua base esteja solidamente sedimentada.



## artigo

### DIREITO À LIBERDADE DE ESCOLHA E DE INFORMAÇÃO

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Nas várias áreas de trabalho do mundo empresarial (produção, intermediação, industrialização, distribuição e comercialização), os grandes conglomerados empresariais têm a capacidade na fixação dos preços de mercado, inclusive manter influência sobre as políticas dos governos. Isto porque na qualidade de detentores dos bens e serviços introduzidos no mercado de consumo, os conglomerados estão sempre a impor sua vontade em detrimento da grande massa consumidora. E o fazem mediante contratos nos quais são inseridas cláusulas contratuais leoninas, especialmente via contrato de adesão. E para solver essa discrepância conflituosa entre fornecedores e consumidores, aparece o Estado para regulação da matéria.

De fato, afrontaria o princípio da lógica – *como ocorria outrora quanto a aplicação do vício redibitório nos contratos* –, pudesse o fornecedor colocar determinados produtos ou serviços no mercado de consumo que ocasionasse danos à integridade física ou psíquica dos consumidores, e ao mesmo tempo não pudessem sofrer a reprimenda legal.

Seguindo a trilha do princípio-rei da legalidade contido na Carta Política (CF, art. 5º, II), segundo o qual "Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei (CF, art. 5º, II), o legislador ordinário editou o preceito contido no inciso II do art. 6º do Código de Defesa do Consumidor que preconiza *'a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações'*

Como visto, é o CDC acolhendo o princípio da liberdade sob o prisma do "livre arbítrio", também conhecido como "liberdade do querer" por via da qual o consumidor, entre duas ou mais alternativas de contratação e escolha, tem a liberdade substantiva de optar pela escolha que bem lhe aprouver<sup>1</sup>. E mais. Na perspectiva de garantir a realização de negócios legítimos, o Estatuto de Consumo, além de outras normas de proteção do consumidor, já traz preceituado um quadro de situações que fulminam de nulidades tanto o contrato quanto a

quaisquer de suas cláusulas que estejam inquinados, porque considerados abusivos, conforme alude o CDC em seu art. 51 e seus dezoito incisos;

**Art. 51 – São nulas de pleno direito, entre outras, as cláusulas contratuais relativas ao fornecimento de produtos e serviços.**

Por sua vez o § 1º. do dispositivo acima, o Estatuto de Consumo já traz ínsito o conceito de abusividade da disposição contratual, a saber:

**§ 1º. – Presume-se exagerada, entre outros, a vantagem que ofende os princípios fundamentais do sistema jurídico a que pertence; restringe direitos ou obrigações fundamentais inerentes à natureza do contrato, de tal modo a ameaçar seu objeto ou equilíbrio contratual; ou que se mostre excessivamente onerosa para o consumidor, considerando-se a natureza e conteúdo do contrato, o interesse das partes e outras circunstâncias peculiares ao caso.**

O CDC é rico em normativos de proteção ao consumidor. Conheça seus direitos.

#### DIREITO À INFORMAÇÃO

No bom vernáculo, a palavra informar quer dizer "avisar, esclarecer, dar informações" sobre algo. Daí dispor a letra da lei nº. 8.078/90 art. 36:

*"A publicidade deve ser de tal forma que o consumidor, fácil e imediatamente, a identifique como tal"*

Sobretudo porque o Código, de forma taxativa, impõe a todo e qualquer fornecedor descrito no figurino legal especial do art. 12, o dever legal e moral de responder junto ao consumidor pelos danos que ocasionar, decorrentes do Fato do Produto e do Serviço.

É assente, a informação do consumidor sobre as condições nas quais contrata tem um efeito preventivo, haja vista que permite renunciar à contratação que não lhe traz proveito, além de conhecer os seus direitos e deveres no ajuste

Note-se que a expressão *'fato do produto ou do serviço'* quer significar o defeito do produto ou do serviço,

#### Direitos do Consumidor

que além de atingir a incolumidade econômica do consumidor, atinge igualmente a sua incolumidade física ou psíquica<sup>2</sup>

A esse respeito cabe destacar algumas circunstâncias que caracterizam o defeito do produto ou do serviço, a ensejar a reparação de danos, a saber;

a) o modo e forma de sua apresentação do objeto contratado; b) do uso e dos riscos que razoavelmente dele se espera; c) época em que o produto ou serviço é introduzido no mercado de consumo.

Cabe assinalar, em quaisquer destas circunstâncias acima, e cabalmente demonstradas pelo consumidor nos autos do processo judicial, tanto o defeito quanto o vício do produto ou do serviço serão objeto de valoração pelo Juiz da causa, mais especialmente na sentença de mérito.

Um brevíssimo esclarecimento. No Código Civil de 1916 vigia o instituto do 'vício redibitório', hoje superado pelo direito moderno do consumidor. Assim, não vamos confundir o *defeito* – art. 12 a 14 com o *vício* – art. 18 a 20-, do produto ou do serviço.

Alude o CDC em seu art. 18;

**Os fornecedores de produtos de consumo duráveis e não duráveis respondem solidariamente pelos vícios de qualidade ou quantidade que os tornem impróprios ou inadequados ao consumo, a que se destinam ou lhes diminuam o valor, assim como por aqueles decorrentes de disparidade com as indicações do recipiente, da embalagem, rotulagem ou mensagem publicitária, respeitadas as variações decorrentes de sua natureza, podendo o consumidor exigir a substituição das partes viciadas.**

Na hipótese, o vício, seja aparente seja oculto, é caracterizado como um defeito intrínseco do produto ou do serviço, e **não ocasiona dano à integridade física ou psíquica do consumidor** como, por exemplo, a TV que capta imagem, porém, não tem som; ou ar condicionado que embora ventile não refrigera; a motocicleta que circula na pista de rolamento, porém, morre toda hora.

Por sua vez, o art. 12, § 1º. Que aborda sobre o defeito, textua:

... continua na próxima edição.



**opinião**

## RELAÇÕES ENTRE MAÇONARIA E POLÍTICA NO BRASIL

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Essa é uma questão que, devido à sua instabilidade entre as partes (maçonaria e política) propiciou-lhes, ora momentos de paz, ora momentos de graves atritos cujos resultados se transformaram em sérias consequências para os maçons.

No Brasil, os registros dos altos e baixos entre maçonaria e política se encontram nas obras de historiadores que apontam como principais desavenças (estas de grandes repercussões) entre as mencionadas instituições, as seguintes ocorrências: os movimentos pela abolição da escravatura, pela nossa independência e pela proclamação da República, nos quais os maçons tiveram participação decisiva, atitude que feriu o brio de políticos sem decoro, de pensamentos contrários, e os fizeram ver a maçonaria como resistente adversária que deveria ter suas atividades suspensas e seus templos fechados o que, de fato, se consumou no final do ano de 1.822.

Depois de assistir diversas mutações políticas pelo mundo afora e constatar a

sua instabilidade por toda parte, a maçonaria adverte os maçons a esse respeito afirmando: “No pleno gozo dos vossos direitos, podereis também ver, de um momento para o outro, um usurpador declarar a sua vontade, única lei e, nesse caso, sereis levados a defender os direitos do povo e a majestade da lei, contra ele”.

Daquela época para cá, os tempos mudaram, o progresso chegou e a maçonaria que até então era tida como uma associação cheia de mistérios, com os seus templos funcionando a portas fechadas, também mudou seus hábitos passando a realizar sessões públicas em momentos oportunos com a presença de mulheres, crianças, adolescentes e cidadãos não maçons, desta feita, abrindo as portas dos seus templos de forma a oferecer a quem se interessar, ainda que por mera curiosidade, a oportunidade de conhecer o que é a maçonaria dos dias atuais.

Com os maçons orgulhosos de seus feitos e comemorando até hoje as vitórias alcançadas no passado, principalmente

nas lutas em que se empenharam em prol da independência de nações colonizadas e libertação de povos escravizados, a maçonaria segue perseguindo o alcance de seus ideais supremos, cujo lema é LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE, argumentando que “os maçons não são inimigos de governos ou autoridades se estes são justos”. Ao mesmo tempo, evitando abandonar a preocupação que sempre teve com a formação moral, intelectual e espiritual de seus iniciados, prossegue no tempo em busca de novos progressos, levando consigo advertências quanto às consequências pelas quais poderá responder o maçom que, ao abraçar a carreira política, consentir tornar-se instrumento da tirania, apoio da usurpação e apologistas da injustiça e do desprezo às leis que contêm as eternas garantias de liberdade”.

Segue sustentando, no mesmo tom de advertência, que o maçom não deve lutar apenas pela correção de seus próprios defeitos. Isto porque, afirma ela que ainda há outros inimigos da humanidade contra os quais seus iniciados devem manter-se em luta constante em defesa da maçonaria. São eles: os hipócritas que a enganam, os pérfidos que a defraudam, os fanáticos que a oprimem, os ambiciosos que a usurpam e os corruptos sem princípios que abusam da confiança do povo.

A maçonaria é uma instituição apártida, isto é, que se mantém afastada de

todos os partidos políticos e que, mesmo apesar dessa sua posição, apoia e estimula seus membros a fazerem parte da política, porém, com a recomendação de não filiação a agremiações cujas ideologias políticas sejam antagônicas aos princípios e postulados maçônicos, dentre os quais encontram-se o direito de ir e vir, a garantia de liberdade e dos direitos individuais reconhecidos universalmente.

Em tempos de eleições não é mais novidade a maçonaria ser procurada por candidatos que, às vezes, nem são maçons solicitando permissão para falar de seus programas em Loja.

A princípio, parece-nos estarmos diante de situação normalíssima, no entanto esse privilégio só deve ser permitido a candidato maçom. Na ocasião deveremos ouvi-lo, oferecer-lhe apoio e o compromisso do nosso voto, cumprindo, assim, o que se acha escrito no ritual de iniciação na Ordem Maçônica quando o Venerável se dirige ao recém-admitido: “considerai-nos como verdadeiros irmãos e amigos que conquistastes”.

Em função da mudança de estratégia de lutas, a maçonaria não mais adota critérios de confrontos diretos na consecução de seus objetivos. Porém, como se vê acima, ela segue impoluta, agindo dentro de seus princípios, normas e fundamentos, na posição de sentinela em defesa dos direitos do povo, sendo esta empreitada uma obra que não tem data para ser concluída.



**artigo**

## A MAÇONARIA MUNDIAL, BRASILEIRA E GOIANA – II

Henrique de Oliveira Brito | Colaborador

### MAÇONARIA ESPECULATIVA

A Maçonaria Especulativa corresponde a segunda fase, que utiliza os moldes de organização dos maçons operativos[3] juntamente com ingredientes fundamentais como o pensamento iluminista, ruptura com a Igreja Romana e a reconstrução física da cidade de Londres, berço da maçonaria regular. (1666 – Grande Incêndio De Londres) Com o passar do tempo as construções tornavam-se mais raras. O feudalismo[19] declinou dando lugar ao mercantilismo. Com consequência o enfraquecimento da igreja romana. Havendo uma ruptura da unidade cristã advindas da reforma protestante.

Superada a tragédia da peste negra que dizimou a população mundial, particularmente da Europa, teve início o Iluminismo no século XVIII, que enfatizou a razão e a ciência para explicar o Universo, em contraposição à fé.

A Inglaterra surge como o berço da maçonaria especulativa regular durante a reconstrução da cidade após um incêndio de grandes proporções em sua capital Londres em setembro de 1666 que contou com muitos pedreiros para reconstruir a cidade nos moldes medievais.

Para se manter foram aceitas outras classes de artífices e essas pessoas formaram paulatinamente agremiações que mantinham os costumes dos pedreiros nas suas reuniões, o que diz respeito ao reconhecimento dos seus membros por intermédio dos sinais característicos da agremiação.[20]

Essas associações sobreviveram ao tempo. Os segredos das construções não eram mais guardados a sete chaves, eram estudados publicamente. Todavia o método de associação era interessante, o método de reconhecimento da maçonaria operativa era muito útil para o modelo que surgiu posteriormente. Em vez de erguer edifícios físicos, catedrais ou estradas, o objetivo era outro: erguer o edifício social ideal.[20]

### MAÇONARIA NO BRASIL

As ideias liberais que entravam em terras brasileiras junto com os viajantes estrangeiros e por meio de livros

e de outras publicações, incentivavam o sentimento de revolta entre a elite de Pernambuco, que participava ativamente, desde o fim do século XVIII, de sociedades secretas. Em 1796, o naturalista Manuel Arruda Câmara fundou a Sociedade Secreta Areópago de Itambé, primeira loja maçônica do Brasil, que difundiu ideias libertárias, contra a repressão colonial.

O GOB participou a Independência do Brasil, o maior acontecimento da Nação. Numa data posterior, o segundo grande acontecimento do Brasil, a Proclamação da República, foi realizada pelo então Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil: Marechal Deodoro da Fonseca.

Aliás, o papel do Grande Oriente do Brasil, na formação política do nosso país, foi de grande importância. Desse papel fala o grande pesquisador Adelino de Figueiredo no seu livro, nos bastidores do mistério: “O Grande Oriente do Brasil foi durante mais de um século, o manancial inesgotável onde o Império e a República recrutavam alguns dos mais insígnos estadistas.

### CAMPANHA PELA EXTINÇÃO DA ESCRAVATURA NEGRA NO PAÍS

Assim, distinguiu-se na campanha pela extinção da escravatura negra no país, obtendo leis que foram abtendo o escravagismo, paulatinamente; entre elas, a “Lei Euzébio de Queiroz”, que extinguiu o tráfico de escravos, em 1850, e a “Lei Visconde do Rio Branco”, de 1871, que declarava livre as crianças nascidas de escravos daí em diante. Euzébio de Queiroz foi maçom graduado e membro do Supremo Conselho da Grau 33; o Visconde do Rio Branco, como chefe de Gabinete Ministerial, foi Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. O trabalho maçônico só parou com a abolição da escravatura, a 13 de maio de 1888.

### GOIÁS – HISTÓRIA – MAÇONARIA

No contexto histórico do início da maçonaria em solo goiano, podemos citar a fundação da Loja da Razão em 1835, na antiga CAPITAL DE GOIÁS (Vila Boa), hoje, Cidade de Goiás.

Neste contexto, históricos, cita-se que em 21 de agosto de 1835, há quase 188 anos passados (2023), portanto, era lançada às margens do lendário Rio Vermelho, em Vila Boa de Goiás, a primeira semente do ideal maçônico em nosso Estado. Oriunda da Loja Maçônica “Razão”, do Oriente de Cuiabá MT., foi fundada pelos maçons: Sêneca, Bion e Felon. Tais pseudônimos escondiam a verdadeira identidade daquela idealistas, para escaparem à implacável perseguição moda contra a Maçonaria naquela época, sobretudo, do BISPADO da Igreja Católica na Cidade de Goiás, então capital província de GOYAS.

Iniciava-se então, uma luta sem tréguas contra os escravagistas que teimavam em manter cativos a seu serviço, maculando os princípios de liberdade, ferindo a dignidade mínima da condição humana; reduzindo-a ao estado de barbárie, e dos irracionais.

Da fundação da primeira Loja Maçônica em Goiás, a Loja Azilo da Razão, na cidade de Goiás, em 10. de agosto de 1835, até a década de 30, apenas duas Lojas foram fundadas no Estado: a Loja Paz e Amor III, de Catalão e a Loja Paz e Amor IV, de Ipameri. De 1934 a 1940 foram fundadas mais 9 Lojas.

Neste contexto, histórico NÃO poderíamos deixar de CITAR o curioso nome da Cidade de MOSSÂMEDES, que de forma contrária, qual seja, de trás para frente teria o nome de SEDEMASSOM.

Coincidiu esse surto de crescimento da maçonaria em Goiás, com a fundação da cidade de Goiânia, que se constituiu, portanto, num divisor na história da maçonaria goiana.

### DA NOVA CAPITAL – TRAÇADO MAÇÔNICO

A identidade maçônica no projeto urbanístico da nova capital do Estado – Goiânia – não por acaso criado em 24 de outubro de 1933, pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira.

Observando a imagem área de GOIÂNIA, é possível perceber que a figura do compasso é formada pelas avenidas Goiás, Tocantins e Araguaia que convergem para a praça do governo e quando se encontram são interceptadas pela Avenida Paranaíba, a composição final é remanescente a maneira em que o compasso e o esquadro são dispostos na Maçonaria.

Algo que corrobora com a crença de que esta poderia ser uma homenagem à Ordem, vem da informação de que Pedro Ludovico Teixeira era o interventor federal do Estado na época da construção da cidade e, segundo registros, ele também era um Maçom de grau 33º, tendo sido iniciado na Loja Luz e Caridade de Uberlândia em Minas Gerais.

*Continua na próxima edição...*



**artigo**

## MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

Participou de Congressos Mundiais de Grão-Mestres: 1996 – Lisboa, Portugal; 1997 – Tulsa, Oklahoma – USA; 1998 – São Paulo; 1998 – Nova Iorque – USA; 1999 – Itália; 2000 – Savana – Geórgia – USA; 2001 – Madri – Espanha.

O Grão-Mestre Adjunto foi Roldão Oliveira de Carvalho, pertencente na época, a Loja Independência nº 40, de Anápolis.

### REALIZAÇÕES:

1. CONSTRUÇÃO DO TEMPLO NOBRE DA GRANDE LOJA. Foi construído o Templo Nobre da Grande Loja, o qual passou a ter a denominação de “Fortunato Bento de Macedo”; com área de 420 m2, com 600 cadeiras estofadas e confortáveis. Com serviço de acústica, central de ar condicionado com três máquinas grandes, piso em granito, porta e altares em madeira de mogno. No Templo Nobre encontram-se instalados, corretamente, todos os móveis e símbolos de um Templo Maçônico: sala dos passos perdidos, altares, degraus, colunas, corda de 81 nós, abóbada celeste, o sol, a lua, as estrelas, representação do pavimento de mosaico, altar dos juramentos, harmonia, bastões, pedra bruta e polida, etc.

2. PROMULGAÇÃO DA NOVA CONSTITUIÇÃO. A Assembleia Constituinte aprovou a nova Constituição, sendo promulgada pelo Decreto nº 051-96/99, de 28/03/98, o qual revogou a Constituição anterior, promulgada no Grão-Mestrado de Licínio Leal Barbosa, pelo Decreto nº 45-75/78, de 15/10/77.

3. NOVO REGULAMENTO GERAL. Promulgada a nova Constituição, a Assembleia Legislativa Maçônica aprovou o novo Regulamento Geral, o qual foi sancionado e promulgado pelo Decreto nº 081-96/99, de 05/04/99.

4. CONSTRUÇÃO DO 3º ANDAR DO PALÁCIO MAÇÔNICO. Construído o 3º andar do edifício da Grande Loja, contendo auditório, com 162 M2,

mobiliado com 153 poltronas estofadas, ar condicionado, sala destinada à presidência do Coral Vozes da Grande Loja e o museu, com área de 171 M2.

5. PROMULGAÇÃO DOS NOVOS CÓDIGOS. Foram promulgados ainda os novos Códigos, sendo o Penal, o de Processo Penal, o Eleitoral e o Tributário, estes após aprovação da Assembleia Legislativa da Grande Loja.

6. ASSEMBLÉIA GERAL DA CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL, EM JULHO DE 1999. Composição da mesa quando da realização da XXIII Assembleia Geral da CMSB – 1999. Foi realizada em Goiânia, em julho de 1999, sob o patrocínio da Muito Respeitável Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, a Assembleia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), com a participação de todas as Grandes Lojas do Brasil, com seus respectivos Grão-Mestres. Segundo os comentários dos participantes, foi a melhor e mais bem organizada Assembleia Geral da CMSB de todas quantas já realizadas.

7. CONSTRUÇÃO DA Pousada ACÁCIA DO ARAGUAIA. Foi construída a Pousada Acácia do Araguaia, em Aruanã, colônia de férias com área de 6.100 m2. Contendo casa de empregado, portaria com recepção, área de estacionamento, guarda-canoa com cobertura, duas piscinas (olímpica e infantil), área para churrasco com churrasqueiras, área de camping, poço artesiano, caixa d’água modelo taça, dezoito apartamento, sendo oito com uma cama de casal e três beliches e dez com uma cama de casal e um beliche, três quiosques, sala de jogos, campo de futebol soçaite, etc. Pousada Acácia do Araguaia: início e término da construção.

8. AQUISIÇÃO DOS LOTES. Foram adquiridos seis lotes no Setor Jaó, na mesma quadra onde está o Edifício sede da Grande Loja. Foram fundadas as Lojas Cavaleiros da Esperança nº 147, em Goiânia; José

Ruy Rocha de Macêdo  
Décimo Quarto Grão-Mestre  
Período de 1996/1999 e 1999/2002



do Patrocínio nº 148, em Valparaíso de Goiás; Vale do Bonsucesso nº 149, em Senador Canedo; Estrela de Davi nº 150, em Goiânia. Campanha de desarmamento promovido pela Grande Loja em conjunto com a Secretaria de Segurança Pública. Comemorações do Cinquentenário da Grande Loja, em julho de 2001, onde se vê a composição do trono, as autoridades de compareceram e o plenário do Templo Nobre da Grande Loja. Inauguração da galeria de fotos dos Ex Grão-Mestres, na Loja Educação e Moral nº 8.



**crônica**

## CAOS

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

A humanidade e nossa sociedade convivem, especialmente após o encerramento da segunda grande guerra mundial em 1945, com um processo bem mais acelerado de desenvolvimento de pesquisas em várias áreas. O que tem trazido com maior velocidade novos conhecimentos e consequentes impactos sobre o Ser, individual e social, com reflexos diretos também nos processos políticos, que norteiam e regulam o conviver individual e coletivo.

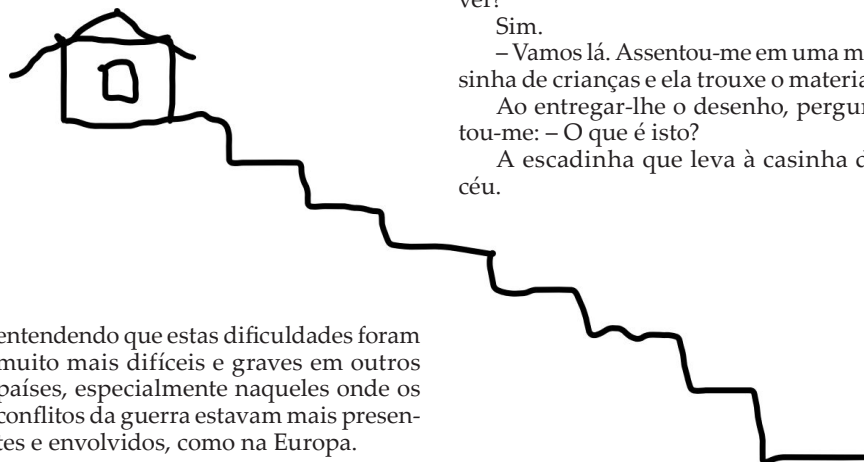
Nasci no período de plena guerra e quando encerrou, pouco a pouco, crescendo como ser, eu estava na fase de vida para desenvolvimento da própria memória. E para tanto fui recebendo informações de como meus pais e quem atuava comigo tiveram de agir para manter o meu melhor desenvolvimento como pessoa, especialmente no que tange minha alimentação.

Relataram que no período de guerra havia escassez de alimentos em geral, destacando o açúcar, de produtos

farmacêuticos e dentre outros relativos a vestuário, habitações e combustíveis.

Assim, fui recebendo informações sobre as dificuldades em período de incertezas, de desordem e transtornos vários.

Com o meu crescer como pessoa, fui



entendendo que estas dificuldades foram muito mais difíceis e graves em outros países, especialmente naqueles onde os conflitos da guerra estavam mais presentes e envolvidos, como na Europa.

Mais tarde, pude entender melhor a minha primeira reação naquele contexto, na casa do Sr. Axinho.

Ele era casado, tinha três filhas uma adolescente e duas adultas jovens, que haviam fundado na casa dos pais um Jardim de Infância, a partir dos três anos de idade e para meninas.

Ia com minha Mãe levar minha irmã mais velha com 5 anos, e numa dessas vezes, uma das professoras puxou conversa comigo.

– Você gosta de desenhar?

Sim, respondi.

– Se lhe der uma folha de papel e um lápis, você desenha uma figura para eu ver?

Sim.

– Vamos lá. Assentou-me em uma mesinha de crianças e ela trouxe o material.

Ao entregar-lhe o desenho, perguntou-me: – O que é isto?

A escadinha que leva à casinha do céu.

– O que tem lá?

Paz, alegria e amor.

Voltando aqui agora, será que tem a ver com o momento atual que estamos vivendo no Brasil e no mundo? Aqui infelizmente lidando com as consequências das enchentes no Rio Grande do Sul e no mundo com a guerra na Ucrânia e o conflito entre Israel e Palestina.

Claro que sim. As notícias nas redes sociais e na imprensa oficial e autorizada estão mostrando a extensão dos estragos, com até submersão de parte de cidades provocando um número elevado de mortes de pessoas, animais e destruindo também até vegetações, estradas, deixando um número elevado de desabrigados..

No mundo uma preocupação constante com a possibilidade de o conflito acima possa desencadear situações mais graves das que já aconteceram e estão acontecendo ainda.

A saída do caos passa necessariamente pela valorização das práticas de bons costumes, amparados nas virtudes já conhecidas. Assim poderemos aproveitar melhor os desenvolvimentos e os conhecimentos adquiridos no pós-segunda grande guerra, e colaborar para a instalação da paz e melhor distribuição de bens e serviços às populações dos vários países acolhidos pelo planeta Terra, sob a proteção do Grande Arquiteto do Universo.



## sensibilização

### EXERÇA A GRATIDÃO

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Com o título acima, o Pastor Junior Rostirola, no Livro “Café com Deus Pai”, na devocional do dia 31 de maio, entre outras afirmações, escreveu: “Só ama quem é grato. O mundo e a sociedade precisam de amor. As pessoas têm sofrido por causa da falta de amor.

Se queremos viver em uma igreja mais grata, com certeza isso passa por escolher amar as pessoas. Se o mundo afunda na indiferença, nossa resposta deve ser amar. Sabemos que amar não é fácil. Relacionar-se com pessoas não é uma tarefa isenta de riscos, desafios e boas doses de entrega e sacrifício.

Para exercer gratidão, precisamos amar em qualquer circunstância, perdoar em qualquer circunstância, honrar em qualquer circunstância. A mágoa, a raiva e a intolerância nos impedem de amar, de aceitar, de perdoar e, em consequência,

de ser gratos. Honramos porque somos nobres, não porque as pessoas necessariamente merecem.

Sobre o que você tem falado, celebrado e agradecido? Fale do que Deus tem feito! Só testemunha quem é grato. Depois de receber uma bênção, o grato volta para contar a quem o abençoou que ele foi abençoado. O grato conta para outras pessoas como foi honrado e abençoado por Deus ou por alguém usado por ele”.

No Livro da Lei encontramos o Evangelista Mateus, no capítulo 23, versículos 11 e 12, escrevendo:

“Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado”.

Quanto ao Tronco de Solidariedade, o Apóstolo Paulo escreveu em 1 Coríntios, capítulo 16, versos 1 e 2: “Quanto á coleta

para os santos (irmãos e cunhadas), fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for”.

Como estamos agindo no momento?

Temos a situação de uma cunhada, viúva de um irmão da Liberdade e União, falecido em acidente doméstico e com filho necessitando de cuidados médicos de urgência. Sem condições de tratamento do filho, procurou alguns irmãos que levaram o problema à Loja.

Correu-se um Tronco especial, que não foi suficiente.

Um irmão indignado, bradou em altas vozes, apelando para a Comissão de Beneficência, pedindo maior atenção e urgência na solução da pendência, o que está sendo providenciado.

É por este e outros fatos, que perguntamos: onde está a nossa fraternidade e caridade cristã?

Cumpramos, pois, nossos compromissos de ajuda ao próximo, como prometemos por ocasião da nossa Iniciação.



## artigo

### O ESCULTOR DA LIBERDADE: ALEIJADINHO – III

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 – Colaboração\*

É difícil definir, mas o fato é que Antônio Francisco Lisboa foi acometido de uma doença rara e misteriosa que mostra seus primeiros sinais no fim de 1766. Inúmeros autores discorrem sobre o diagnóstico exato da moléstia que na verdade se tratava de uma forma grave de porfiria cutânea tardia, desconhecida pela medicina daqueles tempos. Era a forma tardia agressiva, com origem na alteração do DNA da pessoa, causando acúmulo de íons ferro no sangue, fígado e sistema nervoso central, levando à deformação de nosso gênio por completo. Começou causando ferimentos em seu rosto, causava aversão ao sol e depois foi paralisando alguns movimentos, tanto que a partir de 1770, o Mestre já era conhecido como o Aleijadinho. Precisava de apoio para trabalhar, usando órteses que ele mesmo

fabricava e que o auxiliavam a caminhar e manejar o maço e o cinzel. Essas órteses eram verdadeiras maravilhas da ciência e viriam a ser adotadas pela medicina, pois facilitavam em demasia a vida das pessoas portadoras de deficiências físicas.

Aleijadinho teve uma vida alegre, mesmo na fase inicial de sua doença sempre sorria e se mostrava feliz com tudo que recebia, era grato por poder alegrar o coração das pessoas com a beleza de sua obra. Com a idade de 39 anos teve um filho com uma bela mulher mineira chamada Narcisca Rodrigues da Conceição, filho que chamou com o nome de seu pai, Manuel Francisco Lisboa. Mais tarde a mãe se mudou para o Rio de Janeiro e levou o filho com ela, onde ele se tornou artesão, seguindo os passos do pai. Tinham pouco contato, mas o Mestre nunca abandonou seu filho. Gostava de tomar um vinho com os amigos, gosto que herdou de Manuel, seu pai. Nunca criou confusões e nunca causou prejuízos a quem quer que fosse. Chegou a servir por 3 anos, tendo se alistado no Regimento da Infantaria dos Homens Pardos de Ouro Preto. Além de Arquiteto, Mestre de Obras, escultor e desenhista, foi também pintor e pedreiro. Aleijadinho era um Mito entre os habitantes daquelas paragens. Todos tinham grande respeito por aquele mulato que dava vida às próprias pedras. A cabeça grande, o cabelo armado em desalinho,

a barba por fazer, os olhos pretos e injetados eram de um homem que não tinha uma aparência muito agradável, mas ele demonstrava uma presença forte, com um vigor e uma energia sobre-humana, criando uma aura de respeito e admiração, adotada por todos que o conheciam. Na verdade, as pessoas tinham vontade de conhecê-lo. Conversar por alguns minutos com o Mestre era uma dádiva.

Com o evoluir de sua doença, como sentia muitas dores, se tornou irritadão, taciturno e recluso. Perdera a paciência, mas tentava praticar a tolerância. Passou a beber vinho apenas com as pessoas que mais gostava. Tinha um hábito de dar três pancadas fortes na madeira quando queria chamar alguém ou falar algo.

Foi iniciado como irmão na Irmandade de São José de Ouro Preto em 5 de agosto de 1772. Mas antes dessa data e antes de começarem os sintomas da doença, por influência de seu pai, foi iniciado como Aprendiz Maçom na Loja Vida Eterna de Tejuco, cidade hoje conhecida como Diamantina. Depois foi elevado ao grau de Oficial e mais tarde chega a Mestre na mesma Loja.

O fato é que o Mestre Aleijadinho era Maçom e viveu uma vida maçônica, tendo deixado diversos sinais maçônicos em várias de suas obras. Gostava de azul, vermelho e branco, cores da bondade, inteligência e poder, ou ainda, da Fraternidade, Liberdade e Igualdade, ideais que sempre defendeu em sua vida pública e pessoal. Quem visita Ouro Preto, Congonhas, Sabará, Mariana, São João Del Rey, Caeté, Barão dos Cocais, Catas Altas, Santa Rita Durão ou Tiradentes, cidades onde o Mestre trabalhou, pode se deparar com sinais deixados propositalmente, mesmo com toda a dificuldade para serem colocados em obras contratadas e pagas pelos inimigos e perseguidores da Maçonaria que eram os padres da época.

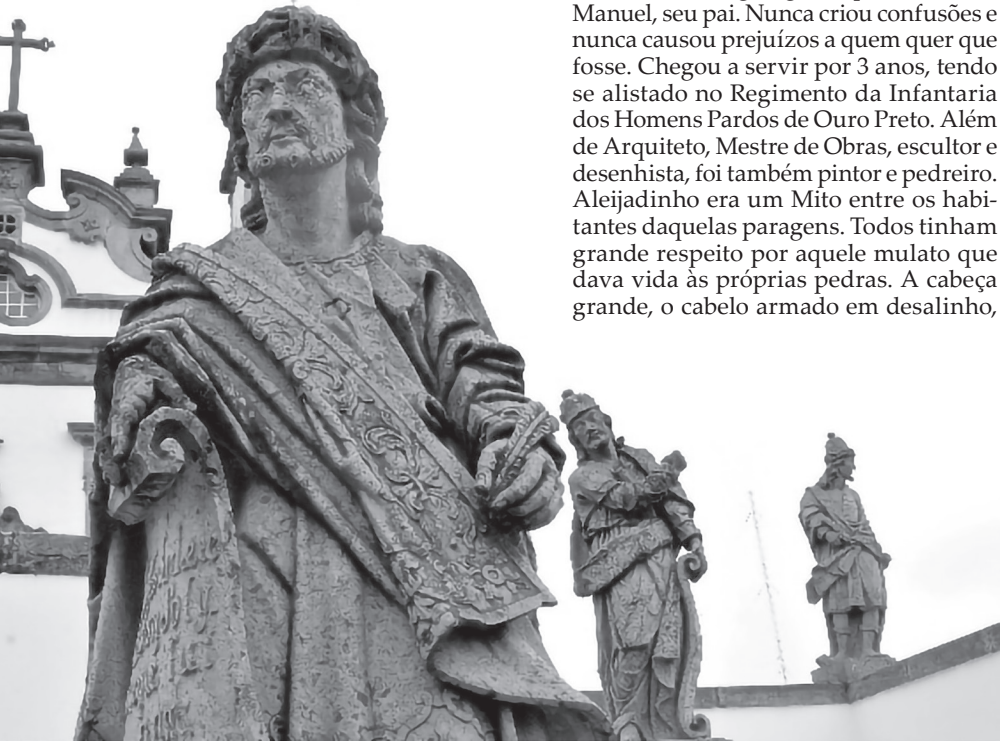
Aleijadinho pregava a independência do artista, no sentido de se livrar da rotina de trabalhar para os senhores e padres ricos, apenas com obras sob encomenda. Ele ansiava por mais, por concluir obras que quisesse fazer, sem ter que ser obrigado por quem o contratava. Colocou diversos

símbolos maçônicos em seus trabalhos, justamente por se revoltar com a situação de ser um peão na mão dos capitalistas. Queria se livrar da servidão. Esse anseio surgiu pelo seu conhecimento dos pensamentos iluministas propagados pelos Maçons que ele conhecia. Notícias d’além mar chegavam aos seus ouvidos atentos por seus Irmãos, principalmente por Tomás. O Mestre nunca se rendeu a ter que vender a arte. Vendia por precisão, para ajudar uma causa nobre. Precisava sobreviver e pagar seus empregados, mas nunca amealhou fortuna. Poderia tê-lo feito, mas preferiu usar seu dinheiro com outras obras como livrar escravos com cartas de alforria. Não aceitava alunos que muitas vezes queriam pagar para aprender a talhar madeira e pedra. Mas o Mestre dizia que esse dom era recebido pelo Grande Arquiteto do Universo e só poderia ser repassado a quem tivesse amor real pela pedra e pela madeira. Era pioneiro e atrevido, enganando sempre os padres quando ocultava seus símbolos amados, entalhados e esculpidos nas obras entregues. Além desse interesse simbólico, tinha também um interesse metafísico, tentando construir algo para o futuro.

O Mestre falava sobre o indivíduo ter uma postura em relação à morte, demonstrando conhecimento da filosofia estoica. Dizia que a pessoa precisava dar o melhor de si naquele dia, pois não se sabia como seria o amanhã. Por ter esse pensamento sua obra se perpetua por mais de 2 séculos e meio.

A simbologia maçônica pode ser observada em várias obras, mas especificamente no mais belo conjunto arquitetônico de Ouro Preto, a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, cercada por mistérios, fórmulas e pelo número cabalístico 7. Aqui se tem a prova de sua participação maçônica. Ergueu a fachada da igreja com 2 colunas em sua entrada, coroadas com romãs. São réplicas das duas colunas do Templo de Salomão, Jaquim e Boaz. No alto das duas torres da igreja, erigiu duas antenas piramidais para captar bons fluidos cósmicos, baseado em seus conhecimentos herméticos adquiridos dentro da Ordem.

\* Extraído de rede social: Maçonaria Ensinamentos, texto de João Vicente Silva  
Continua na próxima edição...







**reflexão**

## O QUE ACONTECE COM UM, ACONTECE COM TODOS

Helder Vinhal | Cadeira nº 35

O aplicativo de notícias tocou em meu celular: A enchente inundou várias cidades do Rio Grande do Sul. Parei o carro, e quando notícias em cima de notícias anunciavam o pior, e depois de chorar – perguntei, o que fazer? o que vão fazer? e acima de tudo entender. Cada vida perdida, cada desaparecido e cada desabrigado e os que ficaram ilhados em busca de socorro.

Como vão fazer? quem vai fazer? A situação ficou crítica. Aos poucos as notícias vão chegando e a vontade de ir ao encontro dos desamparados na melhor versão do que acontece com um, acontece com todos.

O plano de contingências no caso da capital Porto Alegre, pois as comportas e as bombas falharam e parte da cidade ficou alagada sem poder escoar a água invadida pelas águas do Guaíba. No primeiro momento minimizar a elevada quantidade de mortos, remover as inúmeras famílias nos topos dos telhados ou dispersos na água, e em seguida abrigar as vítimas da calamidade em locais seguros. Com a quantidade elevada de desabrigados, informados para manter em suas casas no pavimento superior. Sem energia, pouca água potável ou nenhuma, sem conexão dos celulares, e acima de tudo com pouca comida ou nenhuma. E agora?

A força tarefa envolvendo em princípio os governos municipais, estadual e federal. Não exatamente nessa ordem, e o plano emergencial foi tomando frente minimizando mortes da maior calamidade no estado do Rio Grande do Sul. De qualquer forma a maior energia foi das pessoas, da solidariedade do voluntariado, e

de todas famílias desta terra jamais visto em nosso país. Populismo à parte dos governantes, ineficiência do plano emergencial principalmente quando bombas eram para funcionarem para extrair a grande quantidade de água.

As mortes foram aumentando, os desaparecidos diminuindo até estabilizar e uma grande quantidade de estradas foram sendo consertadas para o tráfego de veículos, pois o aeroporto de Porto Alegre estava submerso de tanta água, que poderia acelerar a ajuda na fase emergencial se estivesse em operação. Há quem diga que poderia ser pior no quantitativo de mortes, Peral! Houve mortes! Não importa se 1 milhão a 4 milhões de mortes quando ocorreu inundação do Rio Amarelo (huang ho) na China em 1931, ou quando ocorreu a inundação de 2020 com 219 mortos, também na China.

E digam outros que a morte das 95 pessoas que morreram na inundação de 1941 no Rio Grande do Sul deveriam ser um aprendizado, doce ilusão! Ela retornou em 2024 com 169 mortes com a devastação que ficará marcada na história. Pelo menos sabemos que a devastação das lavouras serão recuperadas e que não deixaremos que venham a fome, pela ação daqueles anônimos do Bem. É sabido que a força da natureza retorna de tempos em tempos, e cabe entender que estamos cada vez mais conectados como seres humanos seja com as ferramentas tecnológicas ou com o calor humano solidário. Que a próxima inundação estejamos mais preparados.

O próximo passo será a reconstrução, com o aprendizado de que as empresas

privadas ofereceram muito mais recursos e que as doações são importantes para amenizar a dor e até mesmo salvar os ilhados entre tantas cidades, de fato, em estado de calamidade. Aos poucos os que foram salvos incorporam ao voluntariado por ser de bom coração. A Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros, os Correios, as Forças Armadas, sem deixar de citar as forças civil e militar entre tantas outras, que rendemos à nossa Gratidão. Instituições que são praticamente autônomas por servir como Estado. Todos sincronizados, para atender dentro das limitações, mas sobretudo com adesões de todos estados da federação e até mesmo de outros países – tudo para salvar, e conduzir menor sofrimento das vítimas na fase emergencial. Seria injusto dizer que houve omissão, talvez no quesito planejamento ou plano contingencial, mas foi feito o que cabe a cada instituição para destacar, que se foi feito pouco cabe aos seus dirigentes a reflexão de preparar com melhor capacitação, sem política e sem defensivas e sim aprimorar menor intervenção de governo e mais de Estado. Por que temos que mudar governos de tanto em tanto tempo, se não conseguem manter as melhorias de um planejamento a longo prazo? Por que ter que interromper obras ou projetos de manutenção para mostrar que um é melhor do que outro? Entender que é preciso pensar no coletivo, pois a morte de um ente querido seja ela vítima de uma calamidade é o atestado de que estamos realmente no caminho errado. Inovar os sistemas de Governo e promover sistemas de Estado, onde nenhum Prefeito, nenhum Governador e sobretudo nenhum Presidente possam alterar.

A força solidária dos voluntários com o engajamento serviu para produzir o elemento AMOR que há em cada um. Ou seja, navegar na lagoa para levar água e comida àqueles necessitados. Isso conduz ao caminho reto que tornar uma pessoa feliz, mesmo que despedaçada por perdas de entes queridos ou devastação de todos seus pertences. Realmente são os

nossos heróis anônimos. A verdadeira história dos gritos e lágrimas ainda serão revelados pelas vítimas que conseguiram sobreviver, sem censuras e informes importantes para que todos possam compreender e buscar soluções para manter a vida, chega de mortes!

Na fase de reconstrução haverá novos aportes já com um plano de contingência mais aperfeiçoado, imagino. Os próximos 80 ou 100 anos teremos em tese uma Era de Paz até que venha novamente a demonstração da natureza que pede passagem com seus ventos, com a força de suas águas. Será que China ou Rio Grande do Sul estarão preparados para uma nova inundação? Será necessário mais do que governos ou instituições públicas à serviço da emergência, e sim uma população mais unida para que possam escrever que não haverá mais mortes. Não haverá vítimas, pois essas estariam salvas de qualquer interferência da natureza. Haverá melhores caminhos para escoar a água e sobretudo haverá mais concórdia sem discursos populistas ou salvadores de situações. É a premissa de que Amar o próximo como a si mesmo é válida, e sobretudo dos seus entes queridos.

A grandeza está em reconhecer as falhas, de assumir as responsabilidades e de sensibilizar com as causas provocadas no meio ambiente para o debate sadio entre todos. Planejar não apenas a reconstrução necessária, mas produzir o melhor de todos os planos, que é a vida em primeiríssimo lugar. Cuidar de vidas requer muito mais do que patentes ou cargos públicos, requer da seriedade de salvar a vida que poderá ser a sua própria vida.

Eis o maior dos desafios, que é agir rápido para que cidades fiquem livres de enchentes, mesmo que possam mudar cursos de água ou mudar de localização, desde que a solução técnica seja essa. O melhor está em cada um, e repito, o que acontece com um, acontece com todos. Os nossos mais sinceros sentimentos a todos familiares que perderam entes queridos em tragédias que poderiam ser evitadas.



**opinião**

## OS DESAFIOS DA POLARIZAÇÃO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Breno Alves de Oliveira | Colaborador

As eleições municipais que se aproximam enfrentam diversas dificuldades, sendo uma das mais prementes a polarização política que tem assolado a realidade do Brasil. Nos últimos anos, essa polarização tem se intensificado de maneira alarmante, dividindo a sociedade e influenciando negativamente o processo eleitoral.

A principal questão é que a polarização cega aqueles que se tornam adeptos de uma ou outra ideologia diante de políticas públicas úteis e necessárias para a sociedade, fazendo-os perder de vista o que realmente importa: soluções práticas e eficazes para os problemas das suas cidades.

Muitos candidatos adotam essa polarização como estratégia para a vitória, o que pode ser muito arriscado e prejudicial no sentido coletivo, pois desvia a atenção dos desafios locais reais. A

polarização do eleitorado (polarização de massas) é um fenômeno que tende a estar associado a identidades partidárias intensas, do tipo “nós contra eles”, e também a grandes diferenças de opinião e ideologia entre os eleitores identificados com cada um dos partidos. Medir a polarização é claramente um desafio, pois diferentes formas são usadas para medir o conceito, o que, muitas vezes, resulta em conclusões divergentes (Borges; Vidigal, 2018, p. 57).

A polarização torna muito difícil estabelecer um diálogo construtivo. A política vira um campo de batalha, onde o objetivo é derrotar o adversário a qualquer custo, ao invés de buscar soluções compartilhadas para os problemas comuns. O governo que se elege, por sua vez, se torna fragmentado e ineficaz, por vezes até ilegítimo, onde as políticas públicas são

constantemente sabotadas por disputas ideológicas nas esferas do Poder. Para Borges e Vidigal (2018), a polarização é uma questão de grupos que envolve dois ou mais grupos; a polarização aumenta quando a “dispersão dentro do grupo” é reduzida; e a polarização aumenta quando as distâncias entre os grupos crescem.

Além disso, essa cansativa polarização leva ao desinteresse e à apatia política por parte da população, quando muitos cidadãos, cansados das brigas incessantes e da falta de resultados concretos, acabam se afastando do processo eleitoral. Tal afastamento enfraquece a democracia, onde a participação popular é essencial para a construção de um governo que realmente represente e responda às necessidades da sociedade.

Borges e Vidigal (2018) argumentam: “Em suma, a polarização é uma questão de grupos que envolve dois ou mais grupos que é aumentada quando a “dispersão dentro do grupo” é reduzida e quando a distância entre os grupos cresce”.

Ainda que identificação partidária e polarização do eleitorado sejam fenômenos distintos, em determinadas condições o aumento da polarização tende a favorecer o fortalecimento das identidades partidárias.

Em especial, quando o processo de polarização partidária aumenta a diferenciação dos partidos no eleitorado, devemos obter como resultado preferências partidárias mais intensas do público (Borges; Vidigal, 2018, p. 58-59).

Sendo assim, raramente elas permitem a discussão e nestes casos é comum que ocorra a manifestação de atos de intolerância, ódio, desrespeito e difamação do outro e por fim acabam por consolidar em ataques violentos e agressivos com intuito de degradar o rival. A população deve estar consciente cada vez mais de que nenhum político ou partido tem o poder de transformar radicalmente a vida dos cidadãos. No máximo, podemos esperar uma melhoria nas condições do país, dos estados e das cidades. É essencial que os eleitores votem de maneira consciente, avaliando as propostas e a capacidade dos candidatos de implementar políticas públicas eficazes, conforme sua representatividade.

As eleições municipais de 2024 são, de fato, uma oportunidade crucial para os brasileiros repensarem seu papel no processo democrático, onde a população poderá exercer seu direito ao voto com responsabilidade e discernimento. Só assim será possível superar os desafios da polarização e construir um futuro melhor para todos.



**artigo**

## O INGRESSO DO OBREIRO – II

Hélio Pereira Leite | Colaborador

I – Saudações fraternas Irmão e amigo Hélio Pereira Leite.

Eu sindicalizei Irmãos, por indicação da Diretoria da Loja. Muitos indicados foram aprovados por mim, mais em função dos irmãos que me pediram para sindicá-los, pois eu, na verdade, pouco conhecia sobre a vida pregressa desses irmãos.

Na verdade, hoje tenho plena consciência que esses irmãos não deveriam sequer passar perto de uma Loja Maçônica, que dirá integrá-la.

Observo que a questão FRATERNIDADE deixa muito a desejar, refiro-me a minha LOJA SIMBÓLICA, o que não ocorre nas Lojas de Perfeição, Capítulo, Rosa Cruz, Kadosh e Consistório.

Outro fato são as panelinhas...

Teria muito para relatar, mas cansei...

Quando a Loja era pequena e precisavam de obreiros eu fui utilíssimo, mas depois...

Lamento, mas é o que penso...

Ao ingressarmos numa Loja Maçônica temos grandes expectativas quanto ao aspecto FRATERNIDADE, mas no meu caso, evidentemente tenho irmãos respeitáveis, mas OS DONOS DA LOJA é que determinam...

II – Bom dia Sap. Ir. Hélio!

A sua análise é muito pertinente e atual.

Estamos em busca de um modelo que possa minimizar essas constantes evasões após um longo esforço para o processo de admissão.

As organizações maçônicas regulares do Brasil adotam o princípio da massificação, tentando engordar as suas fileiras, como se disputássemos o território pela grandeza de seu quadro de Lojas e obreiros. O resultado é isso que assistimos: entradas e saídas com pouco crescimento organizacional.

Talvez, empiricamente comentando, deveríamos adotar um calendário de admissões para o GOB, a fim de propiciar o devido tempo de nos prepararmos e melhorarmos os níveis de instrução, de forma programática.

O modelo de iniciações sem uma devida programação torna o esforço muito repetitivo, pelas admissões em calendários imprevisíveis e a Loja não consegue avançar na formação de seus quadros.

Esse fator pode um dos efeitos que assistimos com as evasões.

Observe que o RGF impõe um interesse para obter o grau até chegar a MM. A CF orienta quais os conteúdos que a organização preconiza para o conhecimento dos obreiros.

Falta, talvez, uma nova metodologia baseada em definição de um calendário.

III – Sapientíssimo irmão HPL.

Fico feliz em saber da vossa preocupação com a nossa ordem, sempre se posicionando para o bom andamento da mesma.

Segue nosso pensamento: 1) Como você bem sabe, o mundo maçônico é cheio de melindres que não agrada a todos; 2) poderia haver bloqueios de iniciação, (se houvesse uma equipe para sindicâncias), por parte dessa equipe, dependendo da Loja que estivesse mandando a ficha do candidato. (perseguições) etc.; 3) A loja interessada nessa iniciação poderia não ver com bons olhos um candidato da sua loja sendo avaliada por uma equipe fora da sua Loja; 4) Pode ter certeza, alguns iriam questionar a competência de quem irá julgar, ou que equipe é essa que vai julgar (acho que se existir não deverá ser divulgado os nomes); E por aí vai... Você sabe mais do que eu, que existem IIRR que não admitem que isso seja feita por uma equipe fora da Loja; 5) Sabemos também que o VM pode recrutar qualquer IR® para fazer tal sindicância, não precisa ser do Quadro da Loja, e essa máxima é de fundamental importância, pois não fica só na Loja a sindicâncias, dando oportunidade a visão de outros IIRR.: fora da Loja.

Posto isso, acho que seria melhor capacitar os sindicantes da própria Loja, mostrando a eles os quesitos para se aprovar um candidato para a Maçonaria.

É o que penso.

TFA.

IV – Bom dia prezado Bro. Hélio. Desculpe, mas não concordo com o que foi exposto nesse artigo. Incrementar as Iniciações sem antes resolver nosso problema, gravíssimo, de evasão, é comprometer o futuro da Ordem. O “profano” atual, através da Internet e mídia social, sabe muito bem o que está ocorrendo no meio maçônico. Eu acho que a Maçonaria atual está saindo um pouco “dos antigos trilhos”. Essa maçonomia que realizamos hoje, não compromete sua existência futura, mas compromete sua verdadeira essência. Talvez eu esteja enganado ou exagerando nos meus pensamentos. Faça uma enquete com o pessoal do Conselho do qual vc

faz parte. 33 cabeças de ilustres pensadores é melhor do que uma. Por que vc não sugere uma pesquisa sobre esse assunto, a ser realizada por uma das grandes Secretarias do GOB, junto a todos os Deputados Federais, que são os dignos representantes das Lojas?

V – Entendo, mas dar verdadeiro valor a um novo Iniciado para uma Loja ajuda em que? O problema da Evasão, aparentemente, não está no Iniciado, mas na Loja ou no comportamento da loja.

VI – Meu Poderoso e Sapientíssimo Irmão Conselheiro, interessante e oportuna a sua observação, que considero uma recomendação, dada a importância do assunto para a maçonomia. Entendo que até então as Lojas centralizaram em suas diretorias tal obrigação. Essas por acomodação burocrática deixa correr os processos a mercê dos irmãos interessados e isto se vai, mais devagar que parado, de vez em quando com uma iniciação. Apoio a alerta do Irmão no sentido de fazer com que se aconteça. Parabéns pela preocupação e análise.

VII – Bom dia meu amado irmão e amigo. Não tiro nem colocou uma só vírgula, aprovo e apoio sua iniciativa. Parabéns, o caminho do sucesso da Loja Maçônica é por meio de uma aquisição de obreiros de qualidade. Não quero lhe repetir: artigo simplesmente maravilhoso. Grande abraço e uma ótima semana pra você.

VIII – Excelente... Creio que deveria ser uma tarefa integrada dos Grãos Mestrados com as secretarias gerais com ampla divulgação e implantação nas Lojas.

IX – Muito bom seu artigo sobre a “Avaliação sobre ingresso de novos obreiros”.

X – Mano Hélio, bom dia! Como sempre eu sempre acompanho você. Gostei muito dessa matéria.

XII – Acabei de ler seu artigo e gostei muito da maneira como você abordou o assunto. Claro que você tem um conhecimento profundo sobre a Maçonaria e fez uma comparação muito interessante com os métodos usados pelas empresas para contratar pessoas.

Concordo completamente com a ideia de que as Lojas se beneficiariam de um departamento dedicado a buscar e escolher novos membros, como você, muito felizmente, sugeriu. Isso poderia realmente melhorar a qualidade dos novos membros

*A avaliação empírica que se faz com o ingresso de um novo obreiro em uma loja maçônica*

e garantir que eles estejam alinhados com os valores e metas da nossa Ordem.

Deixa-me adicionar algumas ideias que podem ajudar ainda mais. Por exemplo, já pensou se as Lojas tivessem programas de mentoria? Os membros mais experientes poderiam ajudar os novatos a se adaptarem e entenderem melhor como tudo funciona. Isso poderia fortalecer os laços entre os membros e talvez diminuir o número de pessoas que deixam a Maçonaria.

Outra sugestão é fazer avaliações regulares com os membros para ver como eles estão se sentindo e identificar o que pode ser melhorado. Isso ajudaria a manter as práticas de recrutamento atualizadas (a tua sugestão) e tornaria a experiência na Loja mais agradável para todos.

Parabéns novamente pelo seu excelente artigo e obrigado por trazer esse assunto importante à tona. Espero que minhas sugestões contribuam para o debate sobre como podemos melhorar o recrutamento e a retenção de membros na Maçonaria Brasileira, sempre tendo em mente que precisamos de mais UNIÃO!

XIII – O importante hoje é \$\$\$\$ quantidade e não qualidade, isso não importa mais, e é esse o grande motivo da evasão.

XIV – em um passado recente você falava com orgulho “MAÇONARIA É COISA SÉRIA”, hoje você precisa pensar antes de falar.

XV – Simplesmente perfeito. Em se consagrando essa sua excelente ótica, a maçonomia terá, certamente, quadro de obreiros coeso com os preceitos da Arte Real. Vale a pena trabalhar essa condição. Parabéns, meu querido amigo e irmão Hélio.

XVI – A ideia é interessante, desde que as sindicâncias partam de membros das Lojas receptoras do candidato. Mas isso não impede que sua ideia frutifique, no sentido de um órgão institucional de “recrutamento” que possa cuidar da parte burocrática de ingresso do candidato. É algo a amadurecer.

XVII – A priori, não vejo com bons olhos uma proposta de retirada da autonomia das lojas em escolher os seus obreiros, no entanto, entendo necessário uma definição melhor pelas normas do Grande Oriente do Brasil do que deve ser entendido como ser “o homem justo e de bons costumes” e como proceder para melhor escolher os futuros Maçons.

*Continua na próxima edição...*



**saúde & psicologia**

## MUDE-SE ENQUANTO É TEMPO

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Mude, recomece, seja a pessoa extraordinária que você nasceu para ser. Não importa o que falam, somente você conhece a sua história, cada obstáculo que precisou enfrentar, cada medo que precisou superar. Para chegar até aqui, você precisou abrir mão de si mesmo em muitos momentos. Mas viver é espetacular e a vida sempre traz novas oportunidades, novas escolhas, novos momentos, novas pessoas. E conforme o tempo passa, você vai descobrindo que foi capaz de superar tantas coisas. Disseram que você não iria conseguir, mas olhe só quantas coisas incríveis você já conquistou! É por isso que muitas vezes as tempestades parecem ser invencíveis, os obstáculos surgem e tantas coisas te desafiam. É porque você continua

sendo forte e continua acreditando que é capaz de vencer, superar, mudar e fazer a sua vida ser linda.

Muitas vezes as folhas caem mas a árvore não morre. Ela suporta firme o inverno na certeza de que a primavera vai voltar trazendo folhas, flores e novos frutos. Por isso não desanima diante das dificuldades. Deus está presente em cada estação da sua vida. Ainda que as folhas caíam você continuará de pé pois Deus sustentará suas raízes!

Na vida a gente só precisa de duas coisas para ser Feliz!

A primeira é colocar Deus na frente de tudo... A segunda é fechar a boca, tomar cuidado para quem contamos as coisas; nem todo mundo que nos olha sorrindo tem a intenção de nos ver feliz.



## tempo de estudo

### VIRTUDES MAÇÔNICAS – II

Paulo Marra | Cadeira nº 17

**A** liberdade exigida é ampla, sem compromissos que inibam o cumprimento das obrigações maçônicas, sem restrições mentais e religiosas. (Camino, 2006).

De acordo com Figueiredo (2007), para ingressar nas fileiras da Maçonaria, o cidadão, em pleno gozo de seus direitos civis, precisa ser também subjetivamente livre (de preconceitos, superstições, maledicências e qualquer escravidão) e de bons costumes.

A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Só os homens e mulheres livres e de bons costumes, em igualdade de oportunidades, podem conviver fraternalmente numa sociedade organizada. (Figueiredo, 2007).

Maçonicamente, talvez fosse mais natural a inversão desse trinômio: Fraternidade, Igualdade E Liberdade, pois numa sociedade antes de tudo *fraternal*, todos os seus membros são *livres e iguais* perante a lei.

A TOLERÂNCIA constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um.

É de suma importância para os Maçons sendo, talvez a virtude mais difícil de se alcançar. Para Camino (2006), tolerância vem do latim – *tolerare* = suportar – traduzido em atos comuns de “consentir”, “condescender”, “admitir” e “aceitar”. O tolerar envolve “sacrifício” e “perda aparente”; é a condição de alguém demonstrar afeto e amor para com o semelhante, ainda mais se esse semelhante for Maçon. Portanto, tolerância é o atributo virtuoso máximo que a Maçonaria cultiva e que lhe dá retorno máximo. A tolerância não deve ter

gradações; é total; não se pode tolerar com limites; é incondicional. Sua prática é extremamente difícil, e aí está o seu valor.

Sócrates e Platão, ao considerar o corpo como empecilho para a ação da razão, mostra a virtude como o esforço de *purificação das paixões*, até a tolerância ao próximo, ao Estado (política) aos direitos naturais, tal como é preconizado no Ritual do Aprendiz Maçon.

Nos Graus Superiores, Tolerância é abordada como sendo a “Virtude que nos conduz a ter paciência com os nossos semelhantes, sabendo suportar os defeitos de nossos Iir.: Razão porque as investidas nos Altos Graus não são nem favor nem honraria; ao contrário, trazem-nos maiores encargos e maiores responsabilidades, eis que assumimos o compromisso de orientar e guiar os irmãos que vêm trilhando o caminho que já percorremos”.

As VIRTUDES podem ser divididas em: CARDEAIS, DIANOÉTICAS, ÉTICAS E TEOLOGAIS.

As **Virtudes Cardeais** são as quatro virtudes que Platão menciona na *República* e que estão entre as que Aristóteles chamava de virtudes morais ou éticas, a saber: Prudência (Sabedoria), Justiça, Temperança E Fortaleza (Coragem).

**PRUDÊNCIA (SABEDORIA)** – conceito de sabedoria, refere-se tradicionalmente à conduta racional nas atividades humanas, ou seja, a possibilidade de dirigi-las da melhor maneira.

Em Aristóteles, encontra-se uma distinção nítida entre sabedoria e sapiência, que não se encontra em Platão. Este chama de sapiência (sofia) à ciência que preside a ação virtuosa, que corresponde

*O segredo da existência humana reside não só em viver mas em saber para que se vive. DOSTOIEVSKI*

à sabedoria. Diz que ela é “a mais elevada e, sem a menor dúvida, a mais bela, pois trata da organização política e doméstica, à qual se dá o nome de prudência e justiça”.

Um saber que é fim em si mesmo é exaltado por Aristóteles, não por Platão, que o considera a sua forma mais elevada e divina: diante dele (vide SAPIÊNCIA): a sabedoria se rebaixa a coisa meramente humana, portanto, de menor valor. Nesse sentido, ela (sabedoria) é definida como “hábito prático e racional que diz respeito ao que é bom ou mau para o homem”. (Abbagnano, 2007).

De acordo com as palavras de Pandolfo (2021), “prudência é a virtude que nos ajuda a escolher os meios adequados para realizar o bem e vencer o mal. Porém, o contrário de virtude é o vício, que se opõe à virtude, e corresponde a uma falha ou falta moral habitual que leva o indivíduo a cometer delitos a infringir princípios morais, como por exemplo: mentir ou o vício pode ser entendido também como uma prática habitual moralmente condenável que impõe ao indivíduo uma conduta prejudicial à sua natureza, como por exemplo: vício das drogas ilícitas e lícitas”.

Nos Graus Superiores a “Prudência significa hábil discricção e é a mais elevada qualidade de um filósofo. Quando se atinge as verdades sublimes é que temos maior necessidade de prudência. O mundo vive convulsionado pelas paixões; o ódio devora; o mal se substitui ao bem e a mentira à verdade. A Maçonaria tem por tarefa combater e destruir essa funesta escravidão. Nosso dever, por isso, é nos conduzirmos sempre com prudência, esclarecendo os homens, procurando colocá-los a seguro da ignorância e do orgulho”.

*Continua na próxima edição...*



## conto

### CONTRATOS DE CASAMENTO

José Ricardo Roquette | Colaborador

“Entrei” em Goiás em 1964 vindo de Uberlândia e cruzando o “Canal de São Simão”, no sul do Estado e me radicando na cidade de Mateira (hoje Paranaiguara), onde montei um escritório de contabilidade, recebendo ali todo o apoio indispensável que um imberbe técnico de contabilidade, nos seus vinte e cinco anos, com uma esposa e um filho necessitava para sobreviver, de um cidadão exemplar, baiano de quatro costados e muita liderança, Dário de Oliveira Lima, de quem guardo as melhores lembranças e tenho muita saudade. E foi pela sua mão que comecei a me entrosar com a realidade daqueles tempos nos sertões de Goiás. Vamos lá.

“Pelo presente documento que entre si fazem, de um lado, José Bueno de Oliveira, 55 anos de idade, brasileiro, agricultor, separado da mulher, portador da carteira de identidade n.º 98864-SSP/GO e de outro lado Maria Caleça de Jesus, 19 anos de idade, brasileira, solteira, trabalhadora rural, portadora do título de eleitor n.º 2.456 – 84ª Zona da Mateira, residentes ambos na Fazenda “Mateira”, no município de Mateira, Estado de Goiás, na

presença das testemunhas abaixo assinadas declaram:

O primeiro nomeado é casado no civil e no religioso e está separado da mulher. A segunda nomeada é solteira e desimpedida. Como os mesmos se gostam, resolvem se unir pelo presente contrato que tem força de contrato de casamento para todos os seus efeitos e se regerá pelas cláusulas e condições seguintes: [...]

Assustei quando o Dário chegou no escritório com um casal: ele, um homem de uns 55 anos, corado, a “curva da prosperidade” bem acentuada, bem vestido, sem estar elegante ou “chic”, roceiro; ela, tímida, com uns 19 anos, se tanto, moreninha, bonitinha mas sem trato, pernas grossas, peitos bem torneados. Estavam acompanhados de um casal mais velho que, vim a saber depois, eram os pais da moça.

– O “Dr.” Zé Roquette vai fazer o casamento. Basta vocês entregarem a ele os documentos e voltarem amanhã, na mesma hora, pode trazer os convidados, a festa vai ser lá em casa.

Sério e circunspeto, falou o Dário, aumentando ainda mais o meu susto. Como

“o bom cabrito não berra”, fiquei calado, apressando-me a recolher os documentos que o Seu Dário já havia recebido do casal e dispensar o pessoal para voltarem no dia seguinte. Assim que sumiram na esquina, perguntei ao Dário:

– Que que é isso, “Seu” Dário? Nunca ouvi falar que contador podia fazer casamento! O senhor precisa me explicar isso direito, indaguei do meu amigo, a meia-voz.

– Calma, Zé Roquette. Vou explicar.

Com a sua voz pausada, sotaque baiano de Cochó do Malheiro, na Chapada Diamantina, acentuado que os anos de Goiás não haviam mudado, e com o seu português escorrido de autodidata, Dário explicou que o “contrato de casamento” era uma instituição largamente vigente no interior de Goiás, (precursor das escrituras de “união estável”, instituto hoje já consagrado na legislação brasileira). Era o instrumento encontrado pelos mais abastados para se “casarem” com as “frangui-nhas”, geralmente filhas de agregados, muitas vezes empregadas das esposas legítimas. Era a forma que inventaram, auxiliados por rábulas e advogados menos escrupulosos, de enganar o pai da “noiva”. Além do “contrato”, uma “ponta” de bezerros brancos, uma roça de milho ou alguns cavalos, um dinheirinho, comprava a moral ultrajada do cidadão-pai.

– Pois é, Zé Roquette. Você vai estrear com o Zé Bueno. Ele é meu freguês antigo, eleitor nosso (Dário era vereador

do antigo PTB), compra bem, tem um dinheirinho emprestado por aí e largou da mulher, a dona Geracina, para enrolar com a menina, filha de um agregado seu. Como o agregado exigiu casamento, ele me procurou e surgiu a solução.

– Mas, seu Dário, nunca fiz um contrato desses que, além de tudo, é ilegal!

– Ah, meu caro amigo. Ilegal é ele ficar carregando a menina p’ra baixo p’ra cima, sem um documento qualquer. O pai dela não aceitará jamais. Pode deixar de luxo, porque é assim que se ganha dinheiro por aqui. Você “tá” novo, aprende!

Aceitei, ainda meio tonto com a ideia e preparei o “contrato de casamento” com a introdução – padrão – que encima esse texto e muita “encheção de linguiça”. Em síntese, um contrato de trabalho, percursor dos atuais “Contratos de União Estável” tão em voga.

No dia seguinte, na hora marcada, estavam lá os “noivos”, os padrinhos, pai e mãe da noiva, convidados e o Dário, espécie de “juiz de Paz”. Li o contrato, todos gostaram, os “noivos” assinaram, a testemunhas, seis, e o Dário, como “fiador”. Pagaram o preço que pedi, uns cem cruzeiros, sei lá quanto, bom e oportuno dinheiro, e foram para a casa de Dário, na esquina de baixo comemorar o “casório”.

Esse foi o primeiro de outros tantos, que se tornaram rotina durante os meus tempos de contador na Mateira. Bons tempos, aliás, aqueles em que os homens se preocupavam com as aparências!



artigo

## UMA VISÃO OCULTA DO DIA 13 DE MAIO

Francisco Feitosa | Colaborador

Grande Bibliotecário do Supremo  
Conselho do Grau 33 do  
REAA da Maçonaria para a  
República Federativa do Brasil

**“Eu conheço um grito de angústia, e eu posso escrever este grito de angústia, e eu posso berrar este grito de angústia, quer ouvir? Sou um negro, senhor, sou um.....negro!”**

Com estas palavras Oswaldo de Camargo, apresentava a dor de ser negro no Brasil há mais de um século. Humanos seres trazidos para o Brasil como mão de obra escrava, o que era uma “mercadoria” altamente lucrativa para os grupos mercantis e para o Estado metropolitano, esses seres humanos eram tidos pela infame ideia de serem inferiores, por serem negros. Infelizmente, essa ideia, ainda, persiste, veladamente, em setores mais resistentes da nossa sociedade, por uma minoria.

Sabe-se que sua liberdade não foi um ato de bondade da elite política imperial. Muitos pagaram com a própria vida pela abolição da escravatura. E desde a época colonial, essa luta já era visível, com a formação dos Quilombos. Os movimentos revolucionários como a Conjuração Baiana (ou dos Alfaiates) em 1789; a revolução dos negros maleses na Bahia em 1835; a Balaiada no Maranhão e outras. Porém considerando esses acontecimentos anteriores por parte dos negros, a campanha abolicionista só começou mesmo depois da Guerra do Paraguai, em 1870, com a participação de algumas personalidades políticas, contando com apoio de alguns segmentos sociais. Um dos fatores fundamentais para essa mudança comportamental foi, sem dúvida, a brilhante participação do negro na Guerra do Paraguai. Participação, às vezes heroica, que contribuiu para modificar a mentalidade do oficialato do Exército, que, consciente da bravura do soldado negro, comparável à do branco, “assumiu” o abolicionismo, levando o Exército, nos anos 80, a se negar a perseguir o escravo fugitivo.

Com isso, as classes médias inseriram em suas aspirações políticas, o Abolicionismo. Os comerciantes e grupos ligados à indústria viam na abolição a possibilidade de ampliação dos mercados consumidores. A aristocracia cafeeira do Oeste Paulista, também, tornou-se simpática ao movimento, devido ao trabalho escravo ser de baixa produtividade e faltar dinâmica, além de dificultar a imigração.

Tomava-se consciência de que o trabalho escravo era extremamente prejudicial para a economia de um país, que buscava se modernizar e se dinamizar, o que era a visão de homens, como: Joaquim Nabuco, Silva Jardim, Luiz Gama, José do Patrocínio e outros.

O governo, no início, tentou impedir esse movimento e não conseguindo, tentou uma manobra política para diminuir a campanha abolicionista em 1871, promulgando a Lei do Ventre Livre, de autoria do Maçon primeiro-ministro Visconde do Rio Branco, que muito pouco ou quase nada favorecia aos negros, servindo de uma espécie de “engodo” para parar o movimento emancipador, o que mais tarde gerou movimentos incontroláveis, levando o governo a mais uma cartada vergonhosa, em 1885, promulgando a Lei dos Sexagenários, conhecida, também, como a Lei Saraiva-Cotegipe, que

concedia liberdade aos escravos com mais de 65 anos de idade. (interessante que, hoje, em dia o governo novamente tenta, “libertar a sociedade” após os 65 anos de idade, desta vez, com o nome de “aposentadoria”. Carece aí uma reflexão!) Outra vergonha, pois o índice médio de vida do negro girava em torno dos 30 anos de idade. Tudo isso só fez tornar, em todo o país, um movimento essencialmente popular, tornando-se insustentável sua oposição. Até que em 13 de maio de 1888, foi assinada, pela Princesa Isabel, a Lei Áurea, que abolia em definitivo a escravidão no Brasil. Sabemos que essa mesma lei que o libertava, também, o lançava a própria sorte, pois sem instrução, profissão, ou qualquer preparo eram lançados ao limitado mercado de trabalho. Aos poucos os negros vieram com muito esforço, até os dias de hoje, galgando seu espaço na sociedade. Foi motivo de orgulho ver no cargo de presidente do STF – o Ministro Joaquim Barbosa – um exemplo de honradez e honestidade, numa sociedade tão carente de valores morais, composta, em sua maioria por brancos.

Bem, este preâmbulo histórico, é, apenas, a parte exotérica dessa marcante conquista, cabendo a partir de agora mencionar a parte esotérica desse fato ocorrido a mais de um século.

A princípio, gostaria de mostrar porque teria que ser no dia treze. Embora esse número, para alguns supersticiosos, represente má sorte, ele significa no estudo dos Arcanos do Taro\*, a Morte. Não como o final da vida e sim como final de um ciclo e início de outro. É a transformação. Justamente, o que aconteceu com nossos irmãos negros, saindo do estado de escravidão e passando para a liberdade, alcançando um novo estado de consciência.

Na Caballah, o alfabeto hebraico tem vinte e duas letras, que são divididas em três categorias: três letras mães, sete letras duplas e doze letras simples. A 13ª letra do alfabeto hebraico, é o “MEM” – uma das três letras mães. O seu valor numérico é 40 e iremos encontrar o significado de passagens bíblicas de quarenta anos ou quarenta dias, que representam a libertação de uma para outra fase iniciática, a exemplo de Moisés liderando as doze tribos de Israel no deserto por quarenta anos; os quarenta dias de jejum no deserto do Mestre Jeoshua Ben Pandira, o Jesus bíblico, sofrendo as tentações do “Diabo”; a Arca de Noé e os quarenta dias do dilúvio universal, assim narrados nas Escrituras Sagradas; para nascermos temos que passar por nove meses ou quarenta semanas da gestação, etc.

A 13ª letra, o “MEM”, o seu valor semântico significa “maternidade” e sua correspondência ao atributo divino é “bendito”, “abençoado”. O dia 13 de maio, para o

mundo ocultista, é o verdadeiro Dia das Mães, da Mãe Santíssima, a Mãe Divina, a Nossa Senhora para os católicos, daí o mundo profano criar o dia das mães no 2º domingo do mês de maio, embora seja uma saudação merecida, sabemos do propósito, totalmente, comercial que tomou essa comemoração.

A primeira aparição de Nossa Senhora, em Fátima – Portugal, as três crianças – Francisco, Jacinta e Lúcia, aconteceu no dia 13 de maio, de 1917!

Encontraremos no Salmo 118, o maior dos 150 salmos escritos por Davi, uma referência a cada letra do alfabeto hebraico que, em sua abertura diz:

“A excelência da Lei do Senhor e a felicidade daquele que a observa”

E esta letra – o “Mem” – está classificada como uma das três letras mãe desse alfabeto. Três, também, foram as Leis para abolir a escravidão, a qual, somente, culminou com a Lei Áurea, de Ouro, o metal mais precioso e, também, representante da Alta Espiritualidade, haja vista sua utilização como parte da construção da Arca da Aliança, no Candelabro Místico, no Templo de Salomão, como um dos presentes doado

a Mãe de Jesus, por um dos três Reis Magos, etc...

Falamos que o “MEM”, 13ª letra hebraica, é uma das letras mãe e não foi uma mulher que assinou a Lei Áurea, justamente no dia 13?

O sufixo BEL (de origem assírio-babilônico), ao final de um nome, vem designar o Nome das Divindades. Assim como, temos, também, no cristianismo o EL dos Arcanjos, como terminação de seus Sagrados Nomes (Rafael, Gabriel, Miguel, Anael...).

Essa mulher com o nome de Isabel, Isa ou Isis, então Isis – Bel ou a Divindade feminina na tradição egípcia, onde a trindade é formada por: Osiris – Isis – Horus, em 13 de maio de 1888, intuída pela Deusa Ísis, assinou a Lei Áurea, e assim, como nas passagens de Moisés, do Mestre Jesus, de Noé, com relação ao nº 40, que é o valor numérico cabalístico da 13ª letra hebraica – o MEM, os negros saíram do cativeiro, cruzando um período turbulento, e após, alcançando a liberdade (respeitemos as proporções e as particularidades de cada personagem).

A redução numero-cabalística da data (13/05/1888) não poderia deixar de ser 7, número sagrado. Esses sacrossantos números, 1, 3 e 7, mais uma vez, através da Chave Mística Numérica, vêm, esotericamente, mostrar-nos a excelência da necessidade deste e de muitos outros movimentos de liberdade em todo orbe terráqueo. Ao girarmos em 180º o número 137 (LEI) escreveremos a palavra LEI, o que aconteceu no dia 13 de maio daquele ano, a promulgação de uma Lei (Áurea),

em harmonia com a LEI Divina, que a tudo e a todos rege.

Misteriosamente, se contarmos os dias do calendário desde o dia 1º de janeiro até o dia 13 de maio, teremos exatamente 133 dias. E aí voltaremos nossas atenções ao que diz o Salmo de Davi, de número 133:

“Quão bom, e quão suave é habitarem os Irmãos em união! É como o perfume derramado na cabeça, que desceu sobre toda a barba de Aarão, que desceu sobre a orla de seu vestido; Como o orvalho que cai sobre o Hermon que desce sobre o Monte Sião; porque ali enviou o Senhor bênção, e vida para sempre.”

Sendo o Brasil a pátria da manifestação do Avatara no presente ciclo – a Era de Aquarius – esse e muitos outros movimentos vieram acontecendo, apresentando-se como movimentos sociais, políticos, etc., mas ocultando, e não poderia ser diferente, seu lado esotérico, pois estão sob a influência dos Excelso Seres da Grande Fraternidade Branca – os Seres que dirigem a evolução do planeta e da humanidade. Diga-se de passagem, a própria descoberta do Brasil, a República, a Independência, dentre outros acontecimentos, teve o suporte desses Seres, através de escolas iniciáticas, como a Maçonaria, Rosacruicismo e outras Ordens de Mistérios.

Saúdo a todos nossos Irmãos, não importando a cor da pele, até porque, nós brasileiros somos o caldeamento de todas as raças – verdadeiro Caldeirão Cultural do Mundo, pois isso, também, estava nos ditames da LEI Justa e Perfeita, o surgimento da Raça Dourada, a Raça Cósmica.

Cabe a nós, privilegiados que somos, por estarmos sob a trilogia da Liberdade – Igualdade – Fraternidade, saudarmos o dia 13 de maio, pelo movimento que foi, tanto exotérico, como esotérico. Pois, justamente nesse dia é comemorado o dia da Mãe Divina, Nossa Senhora para os Cristãos.

Muito teríamos para falar sobre os sublimes Mistérios que envolvem o dia 13 de maio, mas a prudência nos convidava a deixá-los em reflexão sobre o que já foi dito.

Que o Pai Celestial, o Senhor dos Mundos, permita-nos, sempre, sermos um instrumento de Vossa Paz.

Muito obrigado!

(\*) Arcanos do Taro – a palavra “Arcano” deriva do latim Arcanus que quer dizer segredo oculto e da palavra grega Arcon, que significa santuário. Os Arcanos são a linguagem simbólica dos Deuses, onde está condensado todo o conhecimento relativo à formação dos Universos e a origem do homem. É a síntese de todo o conhecimento oculto acumulado através dos séculos, pois neles estão descritos, os laços misteriosos que unem Deus, o Universo e o homem. Esse conjunto de símbolos foi elaborado por sábios atlantes, como forma concreta para a linguagem abstrata, que pudesse passar por civilizações sem conta, sem serem deturpados. Coube a Hermés, o Trimegistro, ou três vezes nascido, a codificação desses conhecimentos, contidos no livro do mural, como era chamado, em lâminas, dividindo-o em 22 lâminas maiores e 56 menores, contendo os mistérios do céu (cosmogênese) e da terra (antropogênese).





**crônica**

**A MORTE DO COLIBRI**

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

**A**briu com gosto a porta de entrada do sobradinho, na parte inferior. O sol esplendia naquela manhã, no pequeno imóvel rural onde passava os fins de semana, admirando as árvores, as flores, a água, a natureza, enfim. Como a edificação ficava fechada a semana inteira, ele foi abrindo todas as janelas todos os vitrais para a entrada dos raios solares e do ar, tão propícios, principalmente no período da manhã.

Olhou as camas, o televisor, o frigobar, as poltronas e a mesinha de centro. Tudo estava em ordem.

Partiu, então, para o banheiro.

Mas ao abrir a porta seus olhos pararam num pequeno volume, encostado na parede de em torno do chuveiro. Numa primeira vista suspeitou. Numa segunda olhadela, aproximando-se, parou, estarecido: era uma pequena ave morta. Um pequenino colibri.

Olhando ao redor, logo entendeu o que acontecera. Num dos vitrais, um pequeno pedaço de vidro quebrado.

A conclusão foi óbvia: a ave entrou por aquela abertura, voara por todo o cômodo, mas não encontrara a saída. Cansada dos seus quase mil batimentos cardíacos por minuto, já à noite, caíra no chão, faminta e sedenta, e adormecera.

Segundo se sabe, quando um colibri adormece, seus batimentos caem para menos de cinquenta. Por isto, quando acorda, precisa de muito ar e o inspira pelo bico alongado, produzindo um barulhinho diferente e especial que alguns até atribuíam ser o seu pequeno roncar.

Mas, pulmões cheios, tem que voar, visitar as inúmeras e diversas flores de seu jardim, para se alimentar. Mas como faria isto, preso naquela compartimento de humanos?

Pensou no desespero da avezinha. Não sabia quantos dias durara a sua agonia, mas o certo é que morreria de sede e de fome e agora, jazia ali, endurecido pela rigidez da morte.

Foi como se um pedaço de si tivesse sido retirado, cirurgicamente, de modo que não se sentia, mais, completo. Amava as avezinhas e a morte do colibri, naquelas condições, o comoveu demais.

O exercício da liberdade e a curiosidade despreocupada levaram a avezinha que coloria o sítio à morte. E que morte!

Passado o momento de estupor, entrou a meditar sobre aquele acontecimento, aparentemente tão simples e, talvez, até corriqueiro, mas que se lhe afigurava singular e emblemático pelo modo como se dera. Colibris morrem todo dia, mas a seu tempo, segundo as leis próprias da natureza. Aquele pequenino cujo frágil corpo tinha em suas mãos provocara que as implacáveis leis naturais se aplicassem mais cedo do que se esperava.

E conjecturou que somos, todos nós, na verdade, em relação à terra, para não dizer ao universo, nada mais nada menos que pequeninos colibris;

É certo que nos vemos poderosos leões, tigres ou rinocerontes, mas somos mesmo apenas frágeis colibris.

É-nos concedida a liberdade, que precisamos saber usar em termos e com a devida responsabilidade. A mera

curiosidade, por exemplo, não deve ser a razão única de nossos comportamentos e decisões.

É certo que a curiosidade foi a mãe de muitas descobertas, mas tem que ser usada com regramento, e na direção certa.

Quantas vezes se ouve de pessoas escravas de certos vícios ou padecentes de certos e graves males físicos que chegaram aquele estado porque houve uma primeira vez, em que a força motriz se chamou curiosidade? A pequena passagem por onde entrara o colibri certamente serviria para sua saída, mas depois de tanto voltar não sabia mais por onde entrara. Logo, não encontrara a saída.

Quantas vezes entramos em situações absolutamente desnecessárias e perigosas e para acharmos a saída penamos?

O espaçoso ambiente pareceu ao colibri, certamente, com ar suficiente para sua perfeita sobrevivência, mas e a água? E a comida?

Naquele cômodo fechado, não deu pra sobreviver.

Na terra há muitos desses cômodos fechados: dinheiro fácil, vaidade excessiva, amor próprio exacerbado;

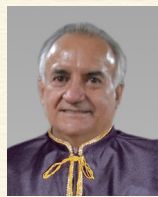
Quando neles entramos, ainda que apenas por curiosidade, só para experimentar, a primeira coisa que acontece é que a porta por onde entramos se fecha às nossas costas.

Fica difícil abri-la para sairmos; E voamos, e voamos, e voamos até a exaustão.

E nos afligimos ou nos enganamos até à morte.

A vida é simples, mas nossas imprudências e inconseqüências a tornam grave e perigosa.

Mistificamos o sagrado e sacralizamos o profano, como se nossas mil pulsações jamais parassem, esquecidos da lição dos antigos de que **a máxima sofisticação se chama simplicidade.**



**sensibilização**

Hamilton Rios de Araújo | Cadeira nº 37

**Feliz Dia das Mães**

**D**ia especial para honrar e celebrar o amor, a força e a dedicação inabaláveis em todo o mundo. É um momento para expressar nossa gratidão por tudo o que elas fazem por nós, desde os abraços acolhedores até os conselhos sábios, sempre nos guiando com carinho e cuidado.

As mães são pilares fundamentais da humanidade, desempenhando papéis multifacetados que transcendem o simples ato de gerar e criar filhos. Sua significância para a sociedade é inegável, pois desempenham uma série de funções essenciais que contribuem para o bem-estar e o progresso da humanidade na totalidade.

Em primeiro lugar, as mães são as primeiras educadoras de seus filhos, transmitindo valores, conhecimentos e habilidades que moldam o caráter e o comportamento das gerações futuras. Desde os primeiros momentos de vida, elas são responsáveis por nutrir, proteger e orientar seus filhos, proporcionando-lhes um ambiente seguro e amoroso para crescerem e se desenvolverem.

Além disso, as mães desempenham parte crucial na formação do tecido social, construindo relações familiares fortes e coesas que servem como base para a comunidade, seja através do apoio emocional, da

resolução de conflitos ou da promoção da solidariedade, elas são os alicerces sobre os quais se constroem laços de afeto e cooperação.

As mães também desempenham incumbência vital na economia, seja como trabalhadoras remuneradas ou como cuidadoras não remuneradas. Muitas mães equilibram habilmente suas responsabilidades profissionais com as demandas da vida familiar, contribuindo não apenas para o sustento financeiro de suas famílias, mas também para o crescimento econômico e o desenvolvimento social.

Além disso, as mães desempenham uma missão fundamental na promoção da saúde e do bem-estar, garantindo acesso a cuidados médicos, nutrição adequada e apoio emocional para suas famílias. Seja como cuidadoras primárias ou como defensoras da saúde preventiva, elas desempenham função essencial na promoção da qualidade de vida de suas comunidades.

Por fim, a relevância das mães para a humanidade é imensa e multifacetada. Elas são as arquitetas do futuro, os pilares da sociedade e os corações pulsantes das comunidades. Exaltar e reconhecer a atribuição das mães não é apenas uma questão de justiça e gratidão, mas também um imperativo para o progresso e o bem-estar de toda a humanidade.





## ÁRVORE CAÍDA

Getúlio Targino Lima

Cadeira nº 13

O que me pede a árvore caída,  
Arrancada do chão por ventos fortes?  
Ela me diz: eu quero que suportes  
Tudo que se ofereça nesta lida.

O que me diz a já apodrecida  
Árvore velha, em seus profundos cortes?  
Ela me diz: se forem muitas mortes  
Supera todas pelo bem da vida.

Abatida no chão e do meu nada  
Te exorto suportar, agradecido,  
Por tudo quanto haja acontecido.

Eu e tu somos trechos da jornada  
Que leva ao Ser, ao dom, ao Bem amado  
Que não tem nem futuro nem passado!



## SOBRE AS COISAS DE DENTRO

Anderson Lima da Silveira

Cadeira nº 02 / Contribuição\*

Sobre as coisas de dentro tenho essas palavras  
desastradas e distraídas que perdem o amor  
que acabou de passar  
mas se conformam e voltam para esperar  
o próximo quando ficam nervosas, começam  
a gaguejar minhas palavras ficam olhando de longe  
ficam vendo tantas outras palavras  
sendo abraçadas e amadas elas ensaiam tanto  
mas acabam ficando nos bastidores  
esperando um olhar atento  
a cada dia elas ficam mais caseiras mais em mim  
lendo e imaginando histórias, momentos e singelas  
felicidades às vezes elas criam coragem e com o peito  
arfando elas correm para fora de mim mas elas  
não enxergam bem e tropeçam ralam as vogais  
e fraturam as consoantes e voltam cabisbaixas  
para o meu peito tristes e sem esperança é triste  
a sina das palavras que esperam.

(\*) Zack Magiezi, Estranherismo



## SENDA DO NAVEGADOR

Flávio Roldão | Cadeira nº 11

Oh intrépido navegante, velejas!  
Entre corredeiras e ribanceiras,  
Desprende-se do cais que estejas,  
Onde não mais se atracarás.

Deguste, ao tempo, o doce encontrar,  
De se gostar e noutro porto ancorar.  
Assim, entre um e outro pulsar,  
Não abandones teu leme ao navegar.

Agora, assegura-te nas correntezas.  
Pois, ao embarcar, no seu ir e vir,  
O impulso há de estar onde pelejas,  
Querendo, em pouco, o rumo seguir.

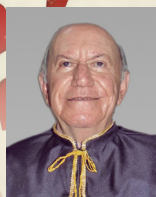
De tudo, o todo não pode esperar.  
Com seu calado, não pare de velejar.  
Sua quilha, seu convés e seu pensar,  
Hão de ser seu comando, sem naufragar.



## REFLEXÃO NO DOMINGO DO HARMONIZADO

João Batista da Silva Paiva  
Colaborador

Justifica sim, o valer a pena  
Suportar o que vier por aí  
Se fosse do ganhar na sena  
Cuidados com o dinheiro...  
Ou ter na rotina diária, daí  
Que na luta das dificuldades  
Ou comum responsabilidade  
Bastaria, ser um Organizado  
E melhor diria, Harmonizado  
E nas Obrigações a Ter  
Em plena Vida  
Cumprido bem o Dever  
E Deus, na Lida.



## NAMORADOS PORQUÊ?

Castro Filho | Cadeira nº 14  
(\*) Contribuição

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói, e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
É um andar solitário entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?



## SIM, SIM, NÃO, NÃO

Antônio Victor | Colaborador

Não mais direi que quero a tua boca,  
não mais direi que sonho com teu beijo.  
Resguardarei comigo os meus desejos  
e toda ideia que pareça louca.

A vida é um circo em cujo trapézio  
os malabares não contam com rede.  
Grande é o deserto, bem maior a sede,  
e um pingo d'água, quase um privilégio.

O teu abraço, tão terno, me acalma,  
mas entorpece os poros de minh'alma  
e a mesma história, triste, se repete.

Teu Não é Não, meu Sim perde terreno,  
e eu busco o antídoto ao meu veneno,  
posto em Mateus, em Cinco, Trinta e Sete!



## O AMOR É TUA JANELA ABERTA

Aidenor Aires | Cadeira nº 03

O amor é tua janela aberta  
como uma rosa madura  
e sem espinhos.  
A rosa é amor, sorrindo  
nos caminhos.

Basta que seja para nós o pranto,  
basta que seja para nós o canto  
ou a passagem fugaz  
da estrela morta.

O amor é um menino, amado,  
despido e claro



## ENTRE COLUNAS

Breno Alves de Oliveira | Colaborador

Entre colunas e mistérios  
A maçonaria se ergue altiva  
Com suas leis e seus critérios  
E sua filosofia ativa

É uma irmandade de homens  
Unidos por laços fraternais  
Que buscam a luz em seus templos  
Cultivando valores morais

Seus rituais de simbolismo  
Revelam verdades sinceras  
Seu ensinamento é um abismo

Consolidado a muitas eras  
Na maçonaria a igualdade é lei  
E a solidariedade é prática comum  
Os irmãos em pé e a ordem  
Sempre juntos, todos por um

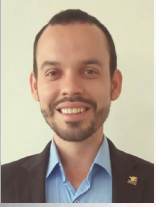
Assim é a maçonaria  
Uma escola de virtudes e valores  
Que ilumina a vida e nos guia  
Cheios de amizade e amores



## NA FITA MÉTRICA

Adilson Zotovici  
Colaborador

Em poética reflexão  
Um bom exercício à mente  
Se o indício na comparação  
Na fita métrica inerente  
Cada centímetro, uma estação,  
Ano a ano a vida da gente  
Situando-se com atenção  
A nossa idade no presente  
Nos já passados a abstração  
Os frutos d'alguma semente  
Face argutos anos que virão  
Parece escasso o tempo quente



artigo

# ÉTICA DA LIBERDADE, ÉTICA DA RESPONSABILIDADE – II

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição\*

A ética, a ética secular, é constituída por estes valores – simples, básicos, mas esculpados nos nossos corações como as “Tábuas da Lei”. Nada mais é necessário para fazer ética. Tenha cuidado, porém, pois a ética inspirada por uma crença religiosa também é muito semelhante à ética secular. No seu livro intitulado Spaccio de la bestia trionfante, o filósofo italiano Giordano Bruno escreveu de forma muito clara: “Os deuses não se enfurecem por um palavrão ou por uma ofensa dirigida a eles; os deuses enfurecem-se quando são cometidas ações que causam divisões na coesão social, enfraquecendo o Estado, a Lei e a Justiça. Não existe religião verdadeira ou falsa (e quem poderia dizer – quando se trata de fé – o que é verdadeiro e o que é falso?). Existem, em vez disso, religiões úteis e religiões prejudiciais.

E a eficácia de uma religião só pode ser medida de acordo com os efeitos positivos ou negativos que produz numa sociedade”. As ações são importantes. A recompensa não deve ir para aqueles que “curaram um aleijado”, mas para aqueles que libertaram o seu país e curaram uma alma perturbada”.

No entanto, a observação amarga, embora espontânea, é que esta ética, esta aspiração de viver eticamente, parece ser estranha à nossa sociedade, à Itália como ela é agora. Os valores mencionados por Mazzini parecem distantes do sentimento comum. Um mundo de pessoas corruptas, rapazes grandes, presunçosos, vigaristas, pequenos ladrões e sujeitos espertos parece prevalecer sobre aqueles homens de honra a quem Mazzini quis confiar o destino do seu país – do nosso próprio país. Este país parece distante – se não totalmente estranho – das pessoas de boa vontade, daqueles que têm um coração puro e dos verdadeiros cidadãos. Por isso, a falta de ética é uma verdadeira doença social. Não é uma questão para ser encarada levianamente. Não é uma questão a ser negligenciada,

pois a falta de eticidade provoca o enfraquecimento da justiça. Mas “Sem justiça, o que é um Estado, senão um bando de malfeitores”: estas são as palavras tristes e proféticas de Santo Agostinho, um dos Pais Fundadores da Civilização Ocidental e do Cristianismo. Se não houver confiança no Estado e na justiça, pode-se dizer – secularizando uma famosa frase de Fëdor Michajlovic Dostoevskij – que “tudo é permitido”. E a “permissão” generalizada leva inevitavelmente ao caos, à luta entre gangues e a uma situação social degenerada e degenerativa na qual – como escreveu Hobbes – “homo homini lupus – o homem é lobo para o homem”. Esta afirmação pode ser – infelizmente – verificada hoje. Em vez disso, é necessário restaurar a responsabilidade do pensamento perante a situação atual e recuperar o valor dos indivíduos – dos seres humanos, para além dos grupos étnicos, das ideologias e das sociedades. Esta é a única forma de reagir ao novo nihilismo, que há muito tempo proclama a superação dos indivíduos, a aniquilação de todos os valores éticos e, com eles, a aniquilação da justiça.

Sabemos, no entanto, que a responsabilidade do pensamento e dos seres humanos é muitas vezes esquecida. No entanto, nós, como Maçons Livres, não podemos aceitar o que acontece noutros lugares – na verdade, devemos rejeitá-lo com todas as nossas forças. Reivindicamos o papel central da ética, a cultura da ética e a prioridade da ética, da ética secular, inteligente e de longo alcance. É destilado – historicamente – das culturas grega e romana, proveniente dos melhores elementos da tradição judaico-cristã, do espírito da Cavalaria Medieval, do sonho renascentista do homem no centro do universo, da coragem de dos heróis dos séculos XV e XVI (pense em Galileu Galilei e Giordano Bruno), daqueles Atletas de inteligência (os intelectuais do Iluminismo) e dos Padres do Risorgimento Italiano:

aqueles que sacrificaram a sua juventude, a sua vida, a sua família e a sua riqueza para a ética de uma nova Itália. Fizeram-no sem hesitar, sem recuar, sem compromissos e sem desmorerar. Devemos fazer um balanço das suas experiências, sabendo que o que realmente importa não é acumular conhecimento, mas o preço que pagamos – e continuaremos a pagar – pelo que acreditamos ser certo pensar, dizer e fazer.

Giordano Bruno escreveu em sua obra intitulada Oratio Valedictoria: “Trabalhando lucrei, sofrendo tive experiências, vivendo no exílio aprendi”. Este é o caminho que todos os homens de dúvida devem percorrer.

Este é também o modo ético que olhamos e que constitui a nossa própria história, ainda que por vezes pareça uma ética mínima. Na verdade, é um caminho cheio de desafios decisivos: da bioética à liberdade de pensamento, da política entendida como projeto e destino, e não como mera burocracia, até aos importantes temas relativos ao ambiente e às relações entre os povos. Este caminho – que aparentemente é uma “ética mínima” – desenvolve-se através da busca e do diálogo. Vai além das diferenças – além de qualquer diferença – em nome do único Panteão que reconhecemos, que se resume numa palavra: humanidade. Em nome da humanidade, o que parece “mínimo” é na verdade “máximo”. Compreender isto é um sinal de sabedoria; experimentar isso em nossa vida cotidiana é um sinal de grande força mental. Aprendemos isto com o nosso trabalho na Loja, e por esta razão podemos competir com as questões éticas que são contornadas por muitos – incluindo a Igreja – sem fazer as perguntas certas e sem afirmar que podemos fornecer as respostas certas. Há muito que fazemos as perguntas certas e tentamos dar respostas possíveis, optando por “voar alto” como as águias. Outras pessoas voam baixo, como galinhas.

Em virtude desta aspiração à ética, reafirmamos fortemente a necessidade – pelo menos para a Itália – de um avanço ético, envolvendo todos, de forma responsável: dos políticos aos cidadãos, dos intelectuais aos trabalhadores, dos estudantes às mulheres, dos jovens e das pessoas que migram para a Itália. É um avanço qualitativo.

Continua na próxima edição...

[ Texto extraído de Revista Masonic Forum, escrito por Gustavo Raffi ]  
 [ Ex-Grão-Mestre, Diretor Honorário do Grande Oriente d'Italia. ]

## agml em ação

# SEMINÁRIO DE MEIO AMBIENTE: RESÍDUOS SÓLIDOS E DESCARTÁVEIS

Ação integrada sobre o Meio Ambiente

**Seminário de Meio Ambiente: Resíduos sólidos e descartáveis**

Data: 27 de junho de 2024  
 Horário: 7h30min - 17h30min

Inscrições Gratuitas e limitadas:  
 Pelo site [seinfra.ufg.br](http://seinfra.ufg.br) ou QR-Code

Local: Faculdade de Farmácia UFG - Goiânia - Goiás  
 Praça bloco B - R. 240, 406 - Setor Leste Universitário

**Inscrições Gratuitas e limitadas:**  
 Pelo site [seinfra.ufg.br](http://seinfra.ufg.br) ou QR-Code

Local: Faculdade de Farmácia UFG - Goiânia - Goiás  
 Endereço: Praça bloco B - R. 240, 406 - Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74605-170  
 Data: 27 de junho de 2024 Horário: 8h00min às 17h00min

**Programação**

**7h30min - Café da manhã**

**08h - Abertura Solene**  
 Profa. Dra. Luana Gássia Miranda Ribeiro - Pró-Reitora de Extensão e Cultura-UGF  
 Dra. Andrea Vulcanis - Secretária Estadual do Meio Ambiente  
 Msc. Poliana Paula Nascimento - Secretária de Infraestrutura-UGF  
 Esp. Hiatha Anderson - Secretário Adjunto da SEINFRA-UGF  
 Prof. Dr. Renato Jaquetto Goes - Diretor de Meio Ambiente da SEINFRA-UGF  
 Prática Ambiental Sustentável - Adm. Mário Martins de Oliveira Neto - Grão-Mestre GLEG  
 Prática Ambiental Sustentável - Adm. Abdalla Hanna Obeid - Grão-Mestre GOG-COMAB  
 Dr. Ari de Oliveira - Grão-Mestre GOG-GO  
 Prática Integrada Ambiental - Representante da AGML

**08h15min - Mensagem Solene de Abertura do Seminário**  
 Prof. Des. Adegmar José Ferreira - AGML - UFG - TJGO

**08h30min - Temática: Mudanças Climáticas: A Catástrofe do Rio Grande do Sul**  
 Prof. Dr. Eng. Agrônomo Antônio Pasqualetto  
 Presidente da mesa: Prof. Dr. José Eduardo de Miranda - AGML - UNIALFA  
 Debatedor: Prof. Dr. Eng. Agrônomo Rogério de Araújo Almeida - UFG

**9h20min - Temática: Biomas Brasileiros e Defesa da Vida**  
 Prof. Dr. Wolmir Theresio Amado - PUC-GO  
 Presidente da Mesa: Dr. Alexandre Magno A. Guerra Marquesa - OAB-GO  
 Debatedores: Profa. Dra. Karla Maria Silva de Faria - IESA-UGF

**10h00min - Intervalo**

**10h20min - Temática: O Impacto Ambiental - Descarte Inadequado de Resíduos Sólidos: Microplásticos**  
 Msc. Luan Gabriel Xavier de Souza - Eng. Ambiental - SEINFRA-UGF  
 Presidente da mesa: Prof. Msc. Tito Souza do Amaral - AGML - UNIP  
 Debatedor: Prof. Des. Dr. Wild Ogawa - TJGO

**11h10min - Temática: Meio Ambiente: Resíduos Sólidos e Descartáveis. Aterro Sanitário**  
 Prof. Dr. Renato Jaquetto Goes - UFG  
 Presidente da mesa: Prof. Msc. Gesmar José Vieira - AGML - PUC  
 Debatedora: Esp. Renata Gonçalves Moura - Eng. Civil e Eng. Seg. Trab. - COMURS e Msc. Luan Gabriel Xavier de Souza - Eng. Ambiental - SEINFRA-UGF

**11h50min - Almoço**

**Programação**

**14h - Temática: Inteligência Artificial no Meio Ambiente. Cidades Inteligentes**  
 Prof. Dr. Nilson Clementino Ferreira - Eng. Cartográfico - UFG  
 Presidente da mesa: Prof. Dr. Edward Madureira Brasil - UFG - Ass. Presidência da FINEP  
 Debatedores: Prof. Dr. Flávio Roldão de Carvalho Leles - Eng. Civil - AGML - IFG e Prof. Dr. Alexandre Avelino Giffoni Jr. - AGML - UNIV

**14h40min - Temática: O papel dos Comitês de Bacias HIDROGRÁFICAS**  
 Prof. Dr. Gabriel Tenaglia Carneiro  
 Presidente da mesa: Dr. Nadim Neme - Presidente da AMMA  
 Debatedor: Prof. Dra. Eliana Paula Fernandes Brasil - Eng. Agrônoma - UFG

**15h20min - Intervalo**

**15h30min - Temática: Como Gerar Riqueza do Lixo?**  
 Prof. Dr. João Marques Delaizo Azevedo  
 Presidente da mesa: Prof. Msc. Anderson Lima Silveira - AGML - PUC-GO  
 Debatedor: Prof. Dra. Eliana Paula Fernandes Brasil - Eng. Agrônoma - UFG

**16h30min - Temática: Meio Ambiente: Queimadas, Segurança, Sustentabilidade. Movimentos sociais**  
 Dr. Paulo Miguel Pagotto - Eng. Ambiental e de Segurança do trabalho  
 Presidente da mesa: Prof. Dr. Luiz Carlos de Castro Coelho - AGML - PUC-GO  
 Debatedor: Msc. Magda Alves Leite - EMATER e Prof. Dr. Emiliano Godoy - Eng. Agrônomo - UFG

**17h30min - Encerramento e entrega de Certificados - Carga horária: 8 horas.**

**Realização:**

DMA SEINFRA UFG

**Parceiros:**

EA FFIECA AMMA TJGO UNIP COMURG PPGDA CREA-GO EMATER PUC-GO

**Secretaria de Infraestrutura/UFU**  
 Prof. Paulo Pasqualetto  
 Diretora de Projetos  
 Jussara Maria F. Soares  
 Diretora de Monitoramento de Qualidade  
 Prof. Dr. Dr. Luan Gabriel Xavier de Souza

**Associação dos Professores da UFG**  
 Presidente: João Carlos de Castro Coelho  
 Vice-Presidente: João Batista Figueiredo  
 Tesoureiro: João Batista Figueiredo  
 Diretor: Manoel de Jesus





artigo

## A MÚSICA E SEUS EFEITOS NO CÉREBRO E NA VIDA

João de França Barros | Cadeira nº 29

A música, um dos mais antigos e universais meios de expressão humana, surgiu da junção entre comunicação, dança e rituais, desempenhando papéis sociais e, em muitos casos, políticos ao longo da história. Em várias épocas, a música foi utilizada para influenciar as massas, tanto para entreter quanto para manipular. Atualmente, observamos uma massificação cultural onde composições musicais são simplificadas, e o estilo clássico é frequentemente rotulado como erudito e elitista.

A música é uma necessidade intrínseca à experiência humana. A escolha do

que ouvimos pode afetar profundamente nossas vidas. Elevando a alma como um todo, ouvir, tocar e compor melodias têm demonstrado benefícios significativos à saúde. No entanto, o termo "música" tem sido, por vezes, empregado de maneira indiscriminada, como sinônimo de qualquer barulho. Isso reflete uma tendência de não buscarmos os elementos mais elevados de nossa alma, e sim os mais imediatos.

A evolução moldou nosso cérebro, alinhando-o aos circuitos auditivos. Mais de 20 regiões cerebrais trabalham juntas para processar a música, envolvendo aspectos

rítmicos e temporais que predominam no hemisfério cerebral esquerdo. Por outro lado, a percepção melódica e espectral é dominada pelo hemisfério direito, que também lida com tempo, espaço, harmonia e memória associativa. A música, portanto, auxilia na integração inter-hemisférica, ligando tempo e espaço através do corpo caloso, uma das estruturas mais importantes do cérebro.

Nosso cérebro possui a capacidade de decodificar, a partir dos eventos mentais, uma imagem do mundo físico. Isso demonstra que a música influencia o cérebro de maneiras significativas e complexas. Além disso, há um caráter social e pessoal nas experiências musicais; as emoções que sentimos ao ouvir uma música são determinadas pelas nossas experiências ao longo da vida, ativando o hipocampo, responsável pela memória.

O escritor, médico pediatra e cardiologista Dr. Nghiem, com base na neurociência, argumenta que as gerações recentes têm sofrido mudanças em seus padrões

de pensamento devido à vulgarização do audiovisual. Ele afirma:

"Para compreender e explicar a ação da música sobre o homem, voltei a estudar as neurociências e tentei fazer uma síntese das descobertas feitas nos últimos trinta anos, levando em conta certas obras realizadas em ciências humanas. Depois, ao aprofundar meus conhecimentos em musicoterapia, dei-me conta da urgência da situação: milhares ou talvez mesmo milhões de crianças correm o risco de comprometer definitivamente seu futuro por causa de uma 'audição forçada' da 'poluição sonora'."

Não ouvimos apenas com os ouvidos, mas com o corpo todo. O cérebro se desenvolve pelos estímulos que recebe, afetando até a fisiologia do corpo humano com níveis hormonais e neurotransmissores como a dopamina, que nos motiva.

Diante de tais evidências, não restam dúvidas sobre a importância de ouvir música. Exercitar nossos ouvidos significa reconstruir o amor pelas artes e, claro, pela boa música.



ciência &amp; saúde

## TREINAMENTO FÍSICO E A CARDIOPATIA

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Hoje viemos falar sobre a atividade física para um grupo de pessoas muito especiais, os cardiopatas. Temos muitos tabus quando se fala em atividade para este grupo. Geralmente estas pessoas ficam muito limitado a: Eu ouvi isso, eu vi na internet isso. Neste caso o ideal seria buscar o auxílio de um bom profissional para poder ter um treino adequado e diminuir os impactos desta doença tão silenciosa. A maior dificuldade é diagnosticar a situação e depois tratá-la de forma adequada. Ter um coração saudável é fundamental

para uma vida longa e ativa, afinal ele possui um papel indispensável para o funcionamento salutar do corpo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que praticar exercícios físicos por 30 minutos por dia é o ideal para manter uma vida saudável, esta prática deve ser de exercícios moderados. Só para lembrar aos irmãos que estamos falando da atividade física da escolha do paciente. Se não gosta de determinado esporte, não precisa praticá-lo. A atividade física de propiciar prazer e não dor.

Segundo alguns cardiologistas os exercícios são excelentes para o tratamento do coração que seria os exercícios aeróbicos ou aeróbios que podem ser também as nossas caminhadas, pedalar, nadar ou correr, pois todos estes exercícios poderão proporcionar bem estar físico e mental, além de

proporcionar um controle de peso e até mesmo fortalecer a musculatura do corpo.

Outros benefícios que podemos salientar seria a redução da pressão arterial, que pode levar a melhoria das camadas internas do coração reduzindo assim o risco de infarto, ajudando assim ao controle do peso, o colesterol elevado assim como triglicérides e a glicemia.

O exercício físico é extremamente benéfico para o paciente cardiopata, desde que seja adequadamente planejado e monitorado. Em geral, atividade física intensa ou competitiva trazem maiores riscos a esses indivíduos. Pois o profissional de educação física ou o Personal Trainer saberá como mensurar seu treino de acordo com suas metas.

Esses sinais podem ser causados por várias condições, não necessariamente problemas cardíacos. No entanto, se você deseja iniciar a prática de exercícios físicos, ou já pratica e deseja realizar uma avaliação física funcional entre em contato comigo pelo meu telefone (62) 99962-4566.



opinião

## É TEMPO DE (RE)INOVAR

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

No âmbito da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás estamos no período aonde os Veneráveis Mestres eleitos ou reeleitos estão sendo instalados e empossados nas suas respectivas lojas. E a mudança de uma diretoria é sempre um bom momento para uma reflexão profunda sobre nossas responsabilidades para com a ordem, afinal, muitos querem o cargo, mas não pensam nos encargos. Desses que querem temos aqueles que se prepararam para a função e os que possuem limitações ainda não trabalhadas nas áreas administrativa e ritualística.

No entanto isso não é o ponto mais importante desde que o irmão conheça e reconheça suas limitações e as aceite procurando na sua loja outros irmãos que possam ajudá-lo. Sabemos que para ser um venerável de sucesso não existe

receita pronta, considerando que cada loja é um universo em suas particularidades e diferenças. No entanto alguns pontos precisam ser cuidados pois são situações comuns a todas as lojas, a saber: cuidar da ritualística, tesouraria, secretaria, ações filantrópicas.

Assim, para ter maior chance de sucesso o venerável mestre deve se atentar para a formação da nominata, procurando o caráter técnico como meio de escolha entre quem vai executar qual cargo. Nomear vigilantes que sejam capazes de substituir o venerável nos seus impedimentos, um secretário atualizado com questões de informática, um mestre de cerimônias que goste de ler, se informar e tenha boa dicção, entre outras questões.

Um bom venerável mestre não precisa inventar a roda, basta saber fazer o seu

melhor com cuidado e dentro das leis, códigos e ritualística previstos, isso é o essencial, fazer o que for possível da melhor maneira. Que seja educado, polido, afável, dedicado e motivado são outras qualidades que um venerável deve cultivar. Vale lembrar que o cargo de venerável mestre é colocar-se como vidraça pronto a receber "pedradas" o tempo todo. É ser observado e vigiado o tempo todo, pois ele é o centro da loja e assim seus passos são "cuidados" por muitos dos irmãos.

Planejar ações é outro ponto a ser cuidado, saber aonde se quer chegar para bem traçar seu caminho. Compartilhar com os irmãos seus projetos e assim trazê-los para perto de si numa ação de todos trabalharem juntos para um fim comum.

Tenho o hábito de dizer que o venerável só está plenamente pronto para o cargo ao final do seu venerato, pois assim como o metal se torna especial após a forja no calor intenso, o bom venerável se faz diariamente na forja da loja, nas adversidades, nas dificuldades que vão ensinando-o gradativamente. Convém ainda lembrar que o cargo de venerável é uma comunhão entre o querer de quem se candidata com o aceitar natural dos

demais irmãos e juntos cria-se o ambiente favorável para todos.

Como sugeri no título é tempo de (re) inovar, de buscar fazer o melhor com o que se tem, buscar alternativas e possibilidades, dedicar-se e mostrar que somente juntos no mesmo objetivo é que alcançaremos o almejado sucesso. É fazer o melhor do que já foi feito até o momento, afinal a ordem sempre exigirá o nosso melhor e esse é o foco, pois entramos na maçonaria para doar, é um trabalho de amor à instituição, uma verdadeira demonstração de entendimento do verdadeiro princípio maçônico.

Finalmente devemos lembrar que os cargos não são nossos, nós apenas passamos por eles, estamos neles por um período e quando acaba, simplesmente acaba. É importante respeitar isso para que nosso sucessor possa também errar, acertar e aprender, isso porque maçonaria é uma escola e as provas são individuais e intransferíveis. Sempre é bom lembrar uma importante frase que ouvimos em algum momento na nossa vida maçônica: "Sic transit gloria mundi", ou seja, "A glória do mundo é transitória". Trabalhar, dedicar, realizar, (re)innovar, pensemos!



**artigo**

## O ORÇAMENTO COMO INSTRUMENTO DE PLANEJAMENTO E CONTROLE

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

A adoção de um sistema orçamentário exige a utilização de técnicas e procedimentos contábeis aplicados antecipadamente aos fatos decorrentes de planos, políticas e metas, visando atingir os resultados esperados, onde se impõe a tentativa de obtenção de um resultado condizente com a situação da empresa. Faz-se necessário que a organização fique sintonizada com as mudanças do ambiente macroeconômico, uma vez que os avanços que estão ocorrendo nos processos de produção, vendas e organizacional, tanto a nível nacional como mundial estão alterando o cenário atual dos negócios. Dentro do processo dinâmico de evolução surgem a cada dia novos produtos, como fruto de pesquisas científicas que absorvem a melhor e a maior parte do conhecimento humano.

O orçamento é visto como uma importante ferramenta de decisões, cuja utilização eficiente pode amenizar o impacto das mudanças provocadas pela globalização dos mercados, uma vez que o estudo de estruturas, no sistema orçamentário, procura destacar as variáveis econômicas e financeiras que influenciam na tomada de decisões. Para um controle eficaz, o gestor utiliza os dados financeiros e econômicos da empresa codificando-os na forma de planejamentos futuros, ou seja, eventos futuros que devem ser previamente orçados.

O processo de tomada de decisões gerenciais, em todos os níveis organizacionais implica, necessariamente, no controle da estrutura empresarial. Para a gestão eficaz do controle, é necessária a busca de instrumentos que permitam acompanhar as atividades da instituição ou empresa, em todos os seus aspectos. Nesse sentido, o orçamento aparece como um instrumento de controle que abrange três funções básicas: o planejamento, a organização e o controle.

Perez Júnior *et al* (1995:81), ao se referirem às responsabilidades do administrador, afirmam que "Planejar representa a forma como ele e sua empresa ou organização pretendem atingir os objetivos propostos. Organizar representa a melhor disposição dos recursos. Suas atividades, as de seus subordinados e de todos os recursos disponíveis deverão estar dispostos de maneira a alcançar os objetivos propostos de forma mais eficiente e eficaz. Controlar representa a segurança de que sua própria energia e ações, bem como as de seus subordinados estejam coordenadas com a implementação dos objetivos da organização."

Para a sua eficácia, a elaboração do orçamento exige o envolvimento de todas as atividades da organização. Cada departamento ou área envolvida será responsável por atingir os objetivos previamente determinados no planejamento estratégico, que constitui a primeira etapa do Planejamento Orçamentário. Mas, é por meio do Planejamento Estratégico que os membros da organização determinam a sua missão, os objetivos de longo prazo e curto prazo, as estratégias e os planos táticos e operacionais para se alcançar os objetivos previamente determinados.

A primeira etapa do Planejamento Estratégico consiste, segundo Frezatti (2000: 17-49), no estabelecimento da Missão, dos Objetivos, das Estratégias, bem como da definição dos recursos necessários para a sua consecução, devendo, no entanto, responder as seguintes perguntas:

MISSÃO: qual é o nosso negócio? Qual a razão de nossa existência? Para onde estamos indo? O que será do nosso futuro? O que queremos ser? Como chegar até esse futuro? OBJETIVOS: O que nós queremos realizar? onde queremos chegar? E ESTRATÉGIAS: Como vamos realizar? O que vamos realizar? IMPLANTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS: Planos táticos – o que vamos fazer? (taticamente) e os planos operacionais – como fazer? (operacionalmente).

O processo de tomada de decisões com implicações de ordem econômica e financeira é de suma importância para o controle de gestão. Para tanto, faz-se necessário que o processo de tomada de decisões se fundamente em instrumentos eficientes e eficazes capazes de assegurar a consecução dos objetivos traçados pelos gestores.

A par disso, o orçamento de uma organização, empresa ou entidade, considerado como instrumento de controle de gestão abrange, por seu turno, de acordo com Figueiredo & Caggiano (1992:23-30) cinco funções importantes: Planejamento, Organização, Controle, Comunicação e Motivação. Sendo estas funções definidas da seguinte forma: a) "O planejamento pode ser definido como o processo de reflexão que precede a ação e é dirigido para a tomada de decisão agora com vistas no futuro". b) A organização envolve a definição da estrutura administrativa para que as decisões estratégicas sejam implementadas. c) O controle está intimamente ligado à função de planejamento, quando se propõe assegurar que as atividades da firma estão em conformidade com os planos. d) A comunicação é uma troca de fatos, idéias e opiniões, por duas ou mais pessoas. e) A troca é bem-sucedida somente quando resulta num real entendimento. f) A motivação traduz-se no envolvimento total dos membros da organização e na busca de maneiras de como melhorar a *performance* individual".

Quanto aos propósitos e uso de um orçamento, o programa orçamentário tem a vantagem de permitir ao administrador influenciar nos itens controláveis e assegurar que a empresa esteja preparada para enfrentar as mudanças nos itens não controláveis, tirando vantagens das mudanças favoráveis (oportunidades) e minimizando o impacto das mudanças desfavoráveis (ameaças).

"As variáveis controláveis são aquelas passíveis de manipulação pela administração, enquanto que as variáveis não controláveis não estão sujeitas ao controle da administração" (Welsch, 1996: 25-26). Segundo esse mesmo autor, o orçamento traz muitas vantagens, como por exemplo: a) Permite a fixação de objetivos, políticas, estratégias e planos da organização – Para a utilização do sistema orçamentário é necessário que sejam traçados os objetivos e políticas para a empresa como um todo.

Sendo feito através de um estudo prévio e cuidadoso, a administração terá embasamento para tomar as decisões importantes; b) permite a harmonização dos objetivos individuais com os da organização; c) concede a quantificação de datas e atividades – Faz-se necessário a quantificação de todos os fatos que ocorrem dentro da organização; d) reduz o envolvimento dos altos escalões com operações rotineiras – Ao alto escalão cabe se preocupar mais com a determinação da política e diretrizes da empresa; e) permite o julgamento do desempenho dos executivos envolvidos no processo

decisório; f) racionaliza o uso dos recursos (financeiros, humanos e materiais) da entidade como um todo; e g) atua como instrumento de comunicação e de coordenação – a coordenação é uma sincronização de ações individuais de modo a fazer que cada departamento da empresa efetivamente trabalhe na direção de objetivos comuns, levando em conta as atividades de todos os outros departamentos, ampliando esforços integralizados.

Por outro lado, como desvantagem constata-se que o sistema orçamentário, embora se baseie em conceitos importantes, constitui basicamente em um instrumento de administração e, portanto, não pode ser considerado superior ao grupo ou ao indivíduo que dele se utiliza.

O que pode ser feito é tornar o processo de administração mais sistemático e eficaz.

No que se refere às dimensões estruturais, o orçamento é um instrumento de gestão que pode ser utilizado em organizações onde o processo decisório é centralizado ou descentralizado. Em entidades com estruturas descentralizadas, o orçamento pode ser realizado por Centros de Responsabilidade (divisões, departamentos, fábricas, regiões, funções etc.). Figueiredo & Caggiano (1992:191-204) definem os seguintes tipos de Centros de Responsabilidade: a) Centros de Custo – pode ser definido como um centro de responsabilidade no qual o gestor não tem controle sobre as receitas, mais é capaz de controlar os gastos; b) Centros de Receitas – neste, é delegada a responsabilidade pela geração de vendas. Sendo considerado como uma forma de avaliar o desempenho da unidade responsável; c) Centro de Lucros – consiste em delegar responsabilidade pela geração de receitas e controle dos custos associados, bem como a maximização do nível de lucratividade; d) Centro de Investimento – representa o último estágio da descentralização do processo de tomada de decisão. Os Centros de Investimento ampliam os princípios dos Centros de Lucro associando os lucros divisionais com o capital investido nas divisões.

Quanto aos aspectos de elaboração do orçamento, tem-se no plano orçamentário basicamente, as seguintes peças que serão descritas: Orçamento de Vendas; Orçamento de Produção; Orçamento de Despesas Administrativas; Orçamento de Investimentos; Orçamento de Caixa; Orçamento do Resultado e Balanço Patrimonial Projetado.

No aspecto de gestão e análise é importante observar que o orçamento é uma peça fundamental para tomada de decisões econômicas e financeiras, sendo por meio de sua análise que os administradores terão embasamento suficiente para aprovarem os planos e alcançarem os objetivos. Ao concluir a elaboração do orçamento, serão feitas avaliações para saber se os resultados apontados pelas demonstrações de resultados e pelo balanço patrimonial são suficientes para proporcionar a otimização dos resultados.

Dessa forma ficarão evidenciadas as possíveis distorções geradas pelas premissas e objetivos considerados em seu desenvolvimento, além de se demonstrar que é através da análise crítica dos resultados dos demonstrativos projetados, que se pode avaliar a condição econômico-financeira da empresa. A análise do orçamento serve como instrumento para o confronto com os resultados reais a fim de permitir ao gestor identificar variações e corrigir falhas, para conseguir otimizar resultados. A análise dos orçamentos pode ser realizada observando-se os seguintes aspectos: ponto de equilíbrio; alavancagem operacional e financeira; análise financeira de balanços, envolvendo a análise de índices e indicadores econômicos-financeiros (liquidez, endividamento, lucratividade, rentabilidade); análise de variações ao exercício anterior ou ao orçamento relativo ao exercício anterior; e análise conjunta com os representantes dos centros de responsabilidade.

*Continua na próxima edição...*



**João Batista Fagundes Filho**  
OAB/GO 14.295  
fagundesadvgo@gmail.com

**62. 3215-2293**

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center  
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



**ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA**  
OAB-GO 35

*Eni Cabral*  
ADVOCADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602  
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973  
Fax: 3215-1838  
e-mail: enicabral@terra.com.br



## falando francamente

### O VALOR DO CONHECIMENTO (O TESOURO DE BRESSA)

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Eu sempre gostei muito de ler as lendas de Malba Tahan sobre o Mundo Árabe do antigamente, sua cultura, hábitos e os bons princípios. Dia desse, reli a lenda do Tesouro de Bressa, onde Malba Tahan nos conta, de forma graciosa e simples, a história de um alfaiate do subúrbio de Babilônia por nome de Enedim. Esse remendão era um sujeito pobre mas inteligente e vivia sonhando com a fortuna, com o poder, com belos palácios, com muitos escravos e a fama. Mas não se passava de um consertador de roupas eficiente, mas com poucos rendimentos.

Enedim era uma pessoa agradável, de vários amigos que não lhe faltavam em sua alfaiataria para longas e agradáveis conversas. Ele nunca escondeu de ninguém seus sonhos de ficar rico e poderoso e pensava sempre em encontrar um desses tesouros escondidos no seio da terra: um tacho cheio de diamante, um pote com pérolas, ouro e até moedas de ouro ou prata. Mas como descobrir um desses famosos tesouros que se acham escondidos no seio da terra ou perdidos nas profundezas dos mares?

Alguns amigos diziam que ouviram falar em estrangeiros vindos do Egito, da Síria, da Grécia e da Fenícia histórias

prodigiosas de aventureiros que haviam encontrado em imensas cavernas cheias de ouro, grutas profundas crivadas de brilhantes; caixas pesadíssimas a transbordar de pérolas... e não poderia ele, Enedim, à semelhança daqueles aventureiros felizes, descobrir um tesouro e tornar-se, assim, de um momento para o outro, mais rico do que o Rei poderoso?

– Um dia ainda hei de encontrar um “enterro” desses e vou me transformar em um dos homens poderosos deste Reino – afirmava ele, com convicção. Era motivo de galhofa de alguns amigos.

Certa tarde, perto do final do expediente, chegou um velho mercador da Fenícia, encostou-se na porta de sua alfaiataria, com seu carrinho abarrotado de quinquilharias. Enedim tirou os olhos da agulha e foi até o vendedor. Contornou o carrinho apreciando aquelas coisas que muita gente compra sem precisar. Não querendo nada, por mera curiosidade começou Enedim a examinar as bugigangas que o vendedor lhe oferecia, quando descobriu, entre elas, uma espécie de livro de muitas folhas, onde se viam caracteres estranhos e desconhecidos.

– Este é uma preciosidade de livro – afirmou o mercador e custa apenas três dinares.

– Três dinares? É muito dinheiro para um pobre alfaiate, e continuou:

– Eu seria capaz de gastar até dois dinares de prata, por este livro estranho

– Está bem, concordou o mercador – fica-lhe por dois dinares, mas saiba que é quase de graça.

Não bem afastou o mercador, Enedim tratou de examinar tal preciosidade que havia adquirido. Tão grande foi sua surpresa quando conseguiu decifrar na primeira página, a seguinte legenda escrita em complicados caracteres caldaicos: O “Segredo do Tesouro de Bressa”. “Tesouro de Bressa”! mas que tesouro seria esse!

Com o coração acelerado, Enedim continuou pesquisando o livro e em seguida conseguiu decifrar que: “O tesouro de Bressa, enterrado pelo gênio do mesmo nome entre as montanhas do Harbatol, foi ali esquecido, e ali se acha ainda, até que algum homem esforçado venha encontrá-lo.

Enedim mergulhou de corpo e alma na interpretação do livro tentando encontrar indícios de qual montanha seria essa onde estaria enterrado tão fabuloso Tesouro.

Logo nas primeiras páginas, encontrou escritas em caracteres de vários povos: os hieroglifos egípcios, a língua dos gregos, os dialetos dos persas, o complicado idioma dos judeus. Enedim foi obrigado a recorrer-se aos mestres de cada dialeto daqueles e se dedicou aos estudos com afinco. Ao fim de três anos de estudo, o pobre alfaiate Enedim era conhecido pela sociedade como o maior poliglota de Babilônia.

O Rei sabendo disso, contratou-o para ser o intérprete do Reino. Deixou de ser alfaiate e se transformou numa das figuras mais importantes do Império, pois

era o intérprete do Rei e das caravanas internacionais.

Mas Enedim continuou focado no tesouro de Bressa e a estudar o livro que lhe custou dois dinares. Na sequência, o livro trazia complicados desenhos geométricos, cálculos matemáticos e ele recorreu novamente aos melhores mestres das ciências exatas para decifrar a possível posição, onde estaria enterrado o tesouro de Bressa.

Precisando de construir uma ponte enorme sobre o rio Eufrates, o Imperador, sabendo dos conhecimentos de Enedim, recorreu a ele para projetar tal obra. O projeto ficou tão bom que o Rei resolveu nomear Enedim para ser o Primeiro Ministro do Império. Com isso, Enedim, já muito rico e poderoso, vivia em palácio de mármore e tinha vários servos e escravos e levava a vida de nobre, admirado e respeitado por todos.

Certo dia, no café da manhã a sós com o capelão do seu Palácio, Enedim lhe confessou o desejo de conhecer o segredo do tesouro de Bressa enterrado na montanha de Harbatol, conforme dizia o livro que ele comprou do mercador. O bom religioso, ao ouvir a confissão de seu amigo primeiro Ministro, respondeu-lhe:

– “O tesouro de Bressa já está em vosso poder, meu Senhor, Graças ao livro misterioso é que adquiristes um grande saber, e esse saber vos proporcionou os invejáveis bens que possuíis. Bressa, significa “Saber”, Harbatol quer dizer “Trabalho”. Com estudo e trabalho pode o homem conquistar tesouros maiores do que os que se ocultam no seio da terra.

Tinha razão o velho religioso: o Saber e o Trabalho valem mais do que qualquer tesouro. Esse Malba Tahan conta cada história boa, Francamente!



## opinião

### A CARIDADE MAÇÔNICA E O FRATERNAE ET SOCIALIS HOMINIS

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Distante de qualquer impulso pelo pessimismo, mas atento aos indícios da realidade, arrisco afirmar que a fugaz observação dos ambientes onde predominam os

relacionamentos interpessoais, é suficiente para retratar a prevalência da vida líquida, prenunciada por Zygmunt Bauman no entremeio dos anos 90.

Ressalto, com isso, que a volatilidade existencial abandonou as páginas das obras do reconhecido sociólogo e filósofo polonês, para simbolizar o modus operandi que demarca a maneira pela qual as pessoas atravessam as calçadas da vida. Imersos no seio de uma sociedade que se deixa absorver pelo matiz da temporalidade, da instabilidade e das incertezas, os relacionamentos, outrora duradouros e sólidos, se converteram em conexões efêmeras e voláteis.

Neste contexto, e absolutamente avesso ao ceticismo, mas coerente com as peculiaridades existenciais e relacionais constatadas no dia a dia, e, sobretudo, firme no propósito do eu-maçom fazer feliz a humanidade, entendo necessária a intervenção dos Maçons em seus ambientes de vida, para atuarem em benefício da transmutação do contorno da sociedade pós-moderna, contribuindo para o resgate dos parâmetros determinantes da solidez socio-existencial.

Para tanto, é preciso suplantarmos o vazio atitudinal que relaciona o valor-do-humano ao estilo de vida definido pelos padrões de consumo.

Multiplicando os valores e princípios que guiam o exercício filosófico da Maçonaria, podem, os Maçons, disseminar a máxima de que ser-alguém-na-vida, é muito

mais do que ser-capaz-de-consumir... Dentro desta perspectiva, a Maçonaria, em virtude de sua histórica edificação moral, necessita sublimar a responsabilidade pedagógica pelo redimensionamento do sentido pleno do viver a vida.

Subscribo, pois, que a prática ritualística deve ser materializada no mundo profano. Não sugiro que os ritos, símbolos, palavras e alegorias sejam proliferadas fora das Lojas, o que me faria descumprir um juramento que perigo amiúde, como condição de vida.

Enalteço, no entanto, que enquanto homens livres e de bons costumes, que buscam a justiça e a perfeição, toca aos Maçons a imperiosidade pelo patrocínio de práticas comportamentais que evidenciem a virtude, a felicidade, a humildade e a sabedoria como valores essenciais do ser-humano, independentemente de suas condições sociais, políticas e econômicas.

Por tudo isso, e com arrimo dos preceitos notadamente humanitários da filosofia maçônica, que sobrelevam a ética e a moral da Maçonaria, firmo, em letras garrafais, que fazer caridade ultrapassa a singular transmissão de oferendas físicas, ou oferta de esmolas monetárias.

No ápice do aspecto de concessão, de compaixão, de solidariedade, e de fazer o bem, que guia o exercício de amor incondicional do Maçom pela humanidade, a caridade Maçônica está associada à fraternidade, cujo cabedal axiológico, de valores humanos e sociais derroga a tendência de se confundir a doação, como gesto da alma, com a publicização do óbolo.

É capital, então, compreender que a caridade resguarda características não materiais, que perfazem uma prática seráfica, transmitida pela outorga de conforto espiritual

aos infelizes, de auxílio na restauração da paz aos desamparados e do levante da esperança aos desafortunados.

Fazer caridade não é somente dar, mas significa, igualmente, estar com..., ficar ao lado..., permanecer junto... Seja como for, a caridade realizada pelo Maçom deve traduzir a gênese da doutrina maçônica, condensada no lema AMA O PRÓXIMO.

Amar ao próximo imprime o estabelecimento da empatia latente, conformada pelo incremento da compaixão e da solidariedade. Desse modo, além de ‘doar’, a caridade maçônica transita pela entrega incondicional, através da celebração de vínculos de proximidade com os menos abastados, proporcionando-lhes o diálogo e a reflexão sobre a vida, para que possam ponderar o presente e redimensionar o futuro...

É dentro desta dinâmica que a Maçonaria moderna consumará com efetividade o princípio de fazer feliz a humanidade, logrando promulgar, através da atuação dos Maçons no mundo profano, que a virtude, a felicidade, a humildade e a sabedoria decorrem da forma pela qual as pessoas desenvolvem suas respectivas percepções sobre o viver a vida.

Longe do tirocínio hipócrita, mas firme no entendimento de que a humildade e a serenidade são marcas solenes do Maçom, advogo que a lapidação continua da pedra bruta, para a edificação constante do caráter do eu-maçom-no-tempo, pressupõe, também, a difusão de valores e princípios que orientem as pessoas comuns a declinarem dos vícios, da vaidade e do orgulho.

A caridade Maçônica alcançará estágios indescritíveis, na medida em que os Maçons atuarem fidedignamente nos seus nichos sociais, colaborando com as pessoas no processo de enfrentamento positivo dos desafios cotidianos, forjando sua personalidade e fortalecendo as emoções necessárias para lidarem com eventualidades que possam oprimir o sorriso e sepultar a felicidade.

Ademais, atuando no locus da vida real, que permeia o mundo profano, o Maçom descobrirá a essência do fraternae et socialis hominis, um homem social e fraterno, consciente de sua condição política, cômico de sua responsabilidade social e ávido por fazer feliz as gentes do mundo.



artigo

## UMA ANÁLISE SOBRE A ALEGRIA QUE SE DEVE TER NAS SESSÕES MAÇÔNICAS

Milton de Souza | Colaborador

O objetivo deste trabalho é explorar a intenção de promover a felicidade nas sessões da loja, ao ponto do aumento do prazer de lá estar semanalmente, reconhecendo a ritualística como um meio de aprendizado e desenvolvimento, e não como uma mera imitação RÍGIDA de costumes históricos. A TOLERÂNCIA às execuções imperfeitas na ritualística será abordada como uma oportunidade para praticar virtudes maçônicas.

### Felicidade nas Sessões Maçônicas:

A felicidade nas sessões maçônicas não se trata apenas de um estado momentâneo de alegria, mas sim de um sentimento profundo de satisfação e plenitude. Essa felicidade está intimamente ligada à vivência dos princípios maçônicos, à construção de laços fraternais e ao desenvolvimento individual de cada membro da loja.

### Ritualística Maçônica - Uma Ferramenta de Aprendizado:

Asso, como os Templos Maçônicos não são a cópia do Templo de Salomão, a ritualística maçônica está longe de ser uma cópia fiel dos costumes históricos, e deve ser vista como uma ferramenta poderosa de aprendizado e desenvolvimento, sem perder desconsiderar a evolução do homem. Através da repetição dos rituais, de forma alegre, prazerosa e compreendida, os maçons internalizam os princípios da Ordem, fortalecem seus laços fraternais e aprimoram suas virtudes.

Tolerância às Possíveis Execuções Imperfeitas e Diferentes - Uma Oportunidade para Praticar Virtudes:

É importante reconhecer que a execução perfeita da ritualística é um ideal a ser perseguido, mesmo porque, só através da perfeita execução se entende o significado. Mas, que não se torne isso uma obrigação

impiedosa, implacável. Os desacertos e imperfeições são inerentes à natureza humana e podem ser vistos como oportunidades para, com a prática da tolerância, exercitar-se a prática das virtudes da humildade, da paciência e do perdão.

### A IMPORTÂNCIA DA FELICIDADE NAS SESSÕES MAÇÔNICAS

a) Como a felicidade pode ser promovida nas sessões da loja? b) Quais são os benefícios da felicidade para os maçons e para a Ordem como um todo?

Ambiente Acolhedor e Fraterno:

- Recepção calorosa e atenciosa aos visitantes e novos membros.

- Diálogo franco e aberto, valorizando a escuta ativa e o respeito mútuo.

- Celebração das conquistas individuais e coletivas, reconhecendo o empenho de cada membro.

- Promoção de eventos sociais e confraternizações, fortalecendo os laços de amizade e camaradagem.

Significado e Propósito (Benefícios)

- Reflexão sobre os valores e princípios maçônicos, conectando-os com a realidade individual e social dos membros.

- Discussão sobre o papel da Maçonaria na construção de um mundo mais justo e fraterno, inspirando ações e iniciativas positivas.

- Celebração dos rituais e tradições maçônicas, conectando os membros com a rica história e o legado da Ordem.

### A TOLERÂNCIA ÀS EXECUÇÕES IMPERFEITAS NA RITUALÍSTICA

a) Como a tolerância pode ser praticada no contexto da ritualística maçônica?

b) Quais são os benefícios da tolerância para o ambiente da loja e para o relacionamento entre os maçons?

### A Tolerância na Ritualística Maçônica: Cultivando a Compreensão e a Harmonia

- A ritualística maçônica, rica em simbolismo e tradição, é um elemento fundamental da experiência maçônica. No entanto, é importante reconhecer que a execução perfeita dos rituais é um ideal a ser perseguido, mas não uma obrigação RÍGIDA. Imperfeições e erros são inerentes à natureza humana.

- Praticando a Tolerância na Ritualística Maçônica.

- Acolhimento e Compreensão.

- Receber com gentileza e compreensão os erros dos irmãos, reconhecendo que todos estão em diferentes estágios de aprendizado.

- Evitar críticas e julgamentos, focando em oferecer apoio e orientação construtiva.

- Celebrar os esforços individuais, valorizando a participação de todos, independentemente do nível de experiência.

### Aprendizado e Crescimento:

- Transformar os erros em oportunidades de aprendizado, buscando entender as causas dos equívocos e aprimorar a execução dos rituais.

- Compartilhar conhecimentos e experiências com os irmãos, promovendo o aprendizado mútuo e o crescimento coletivo.

- Incentivar a pesquisa e o estudo da ritualística maçônica, aprofundando a compreensão dos seus simbolismos e ensinamentos.

### Flexibilidade e Adaptabilidade

- Ser receptivo a novas interpretações e adaptações da ritualística,

respeitando as diferentes tradições e costumes maçônicos.

- Encontrar soluções criativas para lidar com imprevistos e situações inesperadas durante as sessões.

- Valorizar a diversidade de perspectivas e experiências, reconhecendo que a riqueza da Maçonaria reside na multiplicidade de seus membros.

### Ambiente Positivo e Acolhedor

#### - Resolução de Conflitos e

#### Prevenção de Discórdias

- A tolerância contribui para a resolução pacífica de conflitos e divergências de opiniões, evitando a formação de grupos ou facções dentro da loja.

- Promove o diálogo aberto e o respeito mútuo, mesmo em situações de discórdia.

- Fortalece a coesão da loja e a união entre os irmãos, construindo um ambiente mais harmonioso e colaborativo.

### Crescimento Individual e Coletivo

- A tolerância incentiva o aprendizado com os erros, tanto individuais quanto coletivos, impulsionando o aprimoramento da ritualística maçônica.

- Estimula a criatividade e a inovação, permitindo a adaptação dos rituais às necessidades e realidades da loja e de seus membros.

- Fortalece a identidade maçônica e os valores da Ordem, promovendo a construção de uma comunidade mais justa, fraterna e tolerante.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A tolerância na ritualística maçônica não significa renunciar à qualidade ou da seriedade dos rituais.

Pelo contrário, trata-se de uma ferramenta poderosa para o aprendizado, o crescimento individual e coletivo, e a construção de um ambiente mais fraterno, acolhedor e harmonioso nas lojas maçônicas.

Ao cultivar a tolerância, os maçons fortalecem a Ordem como um todo e contribuem para a construção de um mundo mais justo, tolerante e próspero.



educação&amp;cidadania

## GESTÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL DOS RECURSOS HÍDRICOS NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

“O homem é o único animal que para sobreviver, esgota as fontes necessárias à vida e que aplica poluentes prejudiciais aos recursos naturais à sua subsistência” (Corrêa, 1995, p. 74).

Na atualidade constata-se que um dos maiores problemas causados pelo modelo de desenvolvimento industrial brasileiro está relacionado à poluição do meio ambiente em toda sua plenitude, ou seja, do ar, da água e do solo principalmente nos centros urbanos, que têm contribuído para a degradação da qualidade de vida, uma vez que é nas grandes cidades brasileiras, onde há maior concentração industrial. Este processo de industrialização se deu sem a devida preocupação com a preservação ambiental. Outro fator predominante na

poluição produzida pelos centros urbanos está associada também em grande parte, à deficiência e, ou a ausência de serviços de saneamento básico que não acompanham o mesmo ritmo da expansão demográfica.

Deste modo, observa-se que:

O crescimento rápido das cidades não pode ser acompanhado no mesmo ritmo pelo atendimento de infra-estrutura para a melhoria da qualidade de vida. A deficiência de redes de água tratada, de coleta e tratamento de esgoto, de pavimentação de ruas, de galerias de águas pluviais, de áreas de lazer, de áreas verdes (...) nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos, os problemas ambientais são muito maiores do que nos países desenvolvidos, pois, além das questões relativas à poluição do ar, da

água e do solo gerados pelas indústrias e pelos automóveis, existem os problemas relacionados com a miserabilidade da população pobre, que sobrevive em péssimas condições sanitárias vivendo em grupos de adensamentos demográficos nos morros, mangues, margens de rios, correndo riscos de toda a natureza (Ross, 1998, p. 217).

A poluição vem se agravando nas suas diversas modalidades, preocupando os meios científicos e os poderes públicos, atingindo todas as camadas da população alterando quimicamente, fisicamente ou biologicamente a água, o ar ou o solo, atingindo proporções que, em alguns casos, chegam a ser catastróficas. Pois, as atividades produtivas e a própria urbanização, quando realizadas sem que se leve em conta os princípios ecológicos

e a utilização adequada dos recursos naturais que preservam a vida na biosfera, afetam sensivelmente o meio ambiente, violam os ecossistemas, prejudicando os mesmos, destruindo sua capacidade de resiliência, resultando em progressiva deteriorização das condições de vida.

A poluição é fator fundamental provocada pela deteriorização das condições de vida, já que é o resultado de todas as ações humanas que aceleram os processos de alterações ambientais capazes de tornar a biosfera menos adequada à vida, ao bem estar e ao progresso social e econômico do próprio homem.

A poluição é portanto, uma grave ameaça ao equilíbrio ecológico entre os tipos de poluição são do ar, da água e do solo, no entanto objeto de análise é apenas a poluição das águas.



crônica

## VIVA SANTO ANTÔNIO, SÃO JOÃO E SÃO PEDRO!

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Mês de junho, metade do ano, mês que celebra os três santos adorados no mundo, no Brasil principalmente no Nordeste é que eles têm mais notoriedade. Santo Antônio, São João e São Pedro, os três santos sempre lembrados nessa época com danças de quadrilha, sanfonas, zabumba, pandeiro e triângulo. Guloseimas como bolo de fubá, milho cozido, milho assado e batata doce assada na fogueira. Pau de sebo enfeitado de fitas coloridas, frutas e dinheiro.

Mês de junho, mês dedicado aos namorados que imbuídos por uma paixão mútua e ardente. Mês de junho, mês das férias escolares em que os estudantes e professores deixam as salas de aula para o descanso, quem tem posses viaja para o litoral, fazendas para o descanso letivo. Junho, mês de clima frio,

mês que os moradores de rua padecem por não terem um teto para se abrigarem e um pedaço de pano para aplacar a friagem, mês que as autoridades constituídas pelo povo distribuem cobertores baratos como se estivessem fazendo favores, mas na verdade estão em busca de votos para se elegerem novamente. Mês de junho, mês para aqueles que são livres e de bons costumes, que praticam a fraternidade se dispõem em doar sopa quente aos mais necessitados

Mês de Santo Antônio segundo a lenda o santo casamenteiro, o protetor de quem vai participar de uma prova literária, mês de São João Batista o homem Santo que batizou Jesus Cristo no rio Jordão, mês de São Pedro que significa pedra, o pescador, ele que negou Jesus Cristo por três vezes e cortou a orelha do centurião, segundo dizem é

o Santo das chaves o porteiro do céu. Santo Antônio no Brasil, o santo é comemorado com entusiasmo semelhante. No Nordeste, uma das maiores festas se dá em Barbalha, no estado do Ceará, durando vários dias. Inicia com a busca na mata de um pau que possa servir de mastro para a bandeira do santo, ocasião já cercada de ritual. Antes do corte, é feita uma oração que pede permissão à mata para a retirada e faz homenagem ao santo padroeiro, pedindo sua bênção para que o percurso aconteça sem acidentes. Diz a tradição que as moças que tocarem no pau da bandeira casarão dentro de um ano. A festa encerra no dia 13 de junho.

São João Batista, como é chamado pelos cristãos, foi, segundo o evangelho de Lucas, filho do sacerdote Zacarias. Para a maioria das denominações cristãs é o único santo cujo nascimento e martírio é em 24 de junho, são evocados em solenidades e não apenas no meio cristão. João e o batismo de Jesus Cristo com este ato colocando Jesus no centro de toda história bíblica do novo testamento, como sendo o messias tão aguardado. O Dia de São Pedro e de São Paulo é celebrado em 29 de junho. É uma celebração presente no

calendário litúrgico da Igreja Católica. A data celebra essas duas figuras que são importantíssimas para a fé cristã e que foram responsáveis pelo crescimento do cristianismo. Ambos foram martirizados pelas autoridades romanas e acredita-se que Pedro tenha sido crucificado entre 64, e Paulo foi decapitado em 67. A celebração do Dia de São Pedro e São Paulo se junta às festividades juninas. Infelizmente com a bênção de todos esses padroeiros a seca e o sol ardente teimam em castigar o povo nordestino que mesmo sofrendo tem animo para votar, manter a cultura popular e a fé nos santos padroeiros.



opinião

## O DIREITO NATURAL

Jader Frederico Abrão | Colaborador

Este tema pode tranquilamente afastar aqueles não acostumados com o mundo das leis, mas buscarei nas linhas seguintes iluminar de maneira simples este assunto ultimamente enfrentado pelos operadores da Lei e do Direito nas Instituições Maçônicas.

Partiremos do estudo sobre a diferença existente entre o Direito não escrito e o Direito Positivo, abordando sobre a importância do reconhecimento e da valorização dos costumes no âmbito institucional maçônico.

Entendemos como fonte do direito tudo aquilo que o produz. É toda condição do comportamento humano que faz nascer uma regra que se torna comum entre um determinado grupo, instituição, cidade, região, país ou grupo de países.

O Direito Natural independe de leis, têm os seus contornos estabelecidos nos princípios da vida, se fundamentando no bom senso, na racionalidade, na equidade, na igualdade, na justiça e no pragmatismo, é a ideia universal de justiça, sendo em regra, estáveis e dificilmente alterados. Tal regramento calçado por normas não-escritas se perpetua por sucessivas gerações através da oralidade, assim sendo, desde os primeiros agrupamentos humanos.

De outra banda, o Direito Positivo é aquele em que as normas e leis são estabelecidas de forma escrita, através da vontade da sociedade ou das autoridades, possuindo caráter temporal, territorial, formal, podendo ser revogável, variável e mutável.

Entretanto é imperioso que entendamos os limites do direito consuetudinário analisando o lugar onde surgiu, onde

teve o seu início, para que saibamos utilizá-lo. Por exemplo, é comum ver pessoas transitando publicamente em vias públicas urbanas de cidades turísticas praianas usando apenas o traje de banho, o que seria verdadeira transgressão em outros ambientes ou localidades onde não existem estas mesmas características turísticas.

A validade das normas de costumes, nominada de Direito Consuetudinário, extrapola o ambiente interno das nações tendo eficácia também como condição internacional, assim validada por exemplo pela Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados, datada de 23 de maio de 1969, que prevê, em seu artigo 38, a força dos costumes internacionais: "Art. 38 - Nada nos artigos 34 a 37 impede que uma regra prevista em um tratado se torne obrigatória para terceiros Estados como regra consuetudinária de Direito Internacional, reconhecida como tal."

No Brasil optamos pelo positivismo legal estabelecido assim pelo art. 5º, inciso II, da Constituição Federal, in verbis: "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei". Mas, algumas áreas do Direito no Brasil, garantem a aplicação das regras costumeiras, como por exemplo o Direito Civil, a saber: "Código Civil Brasileiro - art. 4º - Quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os princípios gerais de direito".

No direito constitucional voltado às comunidades indígenas, devidamente estabelecido na Constituição Federal de 1988, em seu art. 231, assim estabelece: "São reconhecidos aos índios sua

### Os costumes e o direito positivo maçônico

organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

No ambiente das Instituições Maçônicas, abundam situações que nos delimitam as ações e os comportamentos, e que não estão formalizadas e positivadas por Leis escritas, tendo mesmo assim, eficácia sem qualquer ordenação pelos seus corpos de autoridades. Inúmeras condições e atos são praticados por situações consuetudinárias - conjunto de costumes e práticas aceitas por uma sociedade, como normas jurídicas não escritas. Como exemplo corriqueiro, temos a Sessão Magna de Iniciação que não perde o seu valor se porventura não tiver um jantar após o seu encerramento, mas é quase impossível imaginar que tal situação ocorra em condições normais. Portanto, é possível dizer que o agendamento de uma Sessão Magna de Iniciação, somente ocorrerá em data com a possibilidade de oferecer um jantar. E isto é uma norma consuetudinária não escrita, respeitada por todos.

Podemos até dizer que as essências das lições ritualísticas que nos impõe o caminho a seguir para o aperfeiçoamento humano, são tranquilamente interpretadas através do simbolismo, o que dispensa o recurso literário/escrito tradicional, podendo ser transmitidas e perpetuadas através da oralidade interpretativa, principalmente por meio do 1/4 de hora de estudos ocorrido impreterivelmente nas sessões maçônicas ordinárias.

Assim, não podemos dificultar no ambiente interno maçônico o acolhimento e o reconhecimento social e judicial de qualquer tradição de comportamento ritualístico, administrativo ou social, que não tenha registro normativo positivado, pois a Ordem Maçônica viaja pelo tempo desde séculos e séculos atrás, nos encharcando a todo momento com sua cultura escondida que nos desafia a conhecer, a interpretar e a utilizar, assim, nos expondo em contato direito e constante com os mais antigos e tradicionais comportamentos, valores e costumes.

Perante este cenário tríduo existente entre o Direito Natural, o costume e a Lei positivada, temos que entender que esta última veio daqueles e não o contrário, nos permitindo dizer que estão ligados umbilicalmente através de uma conexão racional. Qualquer ataque ao reconhecimento normativo positivado de um comportamento costumeiro, pode representar uma possibilidade de retrocesso democrático e de combate aos nossos próprios valores e liberdades.

Será cada vez maior o desafio de convergir e de lidar com as atualizações e com as inovações experimentadas nesse momento social, ideológico, cultural, tecnológico e relacional, que viaja desenfreado a galope no século XXI. Os operadores do direito em todas as Instituições Maçônicas, inclusive os legisladores e a comunidade maçônica em geral, devem usar da mais ampla maturidade institucional e técnica, para respeitarem, e, saberem reconhecer e dosar, o alcance e a eficácia das regras consuetudinárias e do direito natural, que alicerçam como freio e contrapesos, o nosso direito positivo e a nossa existência maçônica, para manterem firmes as legislações maçônicas através dos valores morais e éticos que nos trouxeram até aqui e que sempre foram garantidores da segurança, da vida; do progresso do homem e da humanidade; e, da estabilidade das Instituições Maçônicas.



**opinião**

## A PEDRA

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Os símbolos maçônicos tratam de verdades universais e perenes. Por isso mesmo podem ser usados e interpretados em qualquer época e sobre diversas óticas. *“Podem ser encarados sob múltiplos pontos de vista e cada um deles, dá lugar a interpretações análogas, porém, diferentes”.*

Como guardião de ensinamentos imemoriais da humanidade e seu simbolismo, a Maçonaria é tradicionalista, mas também é considerada progressista, trazendo em sua simbologia instrumentos e interpretações atuais, para aqueles que tenham curiosidade de procurá-las e utilizá-las, visando o seu progresso como ser humano. Este sim, o objetivo fundamental e último da Maçonaria.

Para o Maçom Operativo, a Pedra é o objeto de seu trabalho, é ele que a desbasta, poli, esquadrinha, transformando sua superfície e seus ângulos iguais para ser utilizada na construção.

Na Maçonaria Especulativa, a Pedra se transforma em um belo e profundo simbolismo. A Pedra Bruta é a representação interior do Maçom, na psicologia é a psique, com seus defeitos, imperfeições, vícios e preconceitos. É trabalho do Maçom desbastá-la dessas imperfeições, seu aperfeiçoamento moral, para transformá-la em Pedra Polida e assim, ser usada na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e democrática.

A Pedra Bruta nos dá a impressão de matéria crua, não trabalhada, grosseira, rigidez, algo sólido; já a Pedra Polida, com seus ângulos e superfícies perfeitas, nos

passa a impressão de algo mais harmonioso, mais leve, uma ordenação espiritual. Assim pode simbolizar a união entre a matéria e o espírito.

Na história do simbolismo que tudo pode assumir um significado simbólico: objetos naturais como as pedras, a lua, o sol, a água, o fogo; objetos fabricados pelo homem ou formas abstratas, como os números ou formas geométricas. Todo o universo é um símbolo em potencial. O homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos, a Pedra é um desses símbolos que manteve sua significação psicológica constante, desde das primeiras expressões de consciência até as formas de arte atuais.

A Pedra natural ou em sua forma bruta, teve significação altamente simbólica para as sociedades antigas e primitivas. Eram moradas de espíritos ou deuses e eram utilizadas como lápides, marcos ou objetos de veneração religiosa. A história do sonho de Jacó, é um exemplo típico de que um deus vivo ou um espírito divino estavam corporificado numa Pedra, tornando-se um símbolo integrante da Revelação, é a mediadora entre Jacó e Deus. Servem também para representar Deus ou marcar o local de seu culto. O santuário mais sagrado do mundo islâmico é o de Caaba, a Pedra negra de Meca. Cristo é *“a pedra que os edificadores reprovaram”* e que *“foi feita a cabeça da esquina”* (Lucas 20:17), a Pedra angular. Ele também foi chamado de *“rocha espiritual”*, de onde jorra a água da vida (1 Coríntios 10:4).

Em muitos santuários primitivos a divindade é representada por muitas Pedras brutas em configurações precisas.

Foram encontrados em cavernas na Europa, Pedras enrolada em cortiça escondidas pelos homens da Idade da Pedra, como receptáculos de poderes divinos. Aborígenes Australianos acreditam que seus ancestrais continuam vivos dentro das Pedras e ao esfrega-las, seu poder é aumentando em benefício tanto do vivo como do morto.

No Candomblé a Pedra representa longa vida por que não morre e também representam as lutas travadas durante a vida. Há a *Okuta*, Pedra-sagrada em ioruba, onde por meio de ritos, fixa o axé (a força sagrada) de um orixá, tornando-se uma união com a divindade e habitat de uma energia sobre natural.

Durante a iniciação do filho de santo ele é ensinado a alimentar uma Pedra mágica que cresce e procria. Ao fim da cerimônia recebe sua própria pedra mágica que nada mais é que um magneto que, alimentado com limalha de ferro cresce até dar filhos pelo processo de cissiparidade.

O costume de colocar pedras sobre os túmulos traz a ideia de que algo do morto continua a existir. Os antigos germânicos acreditavam que os espíritos dos mortos continuavam a viver nas lápides dos seus túmulos. A necessidade humana de erigir monumentos de Pedra a personagens famosos ou em locais onde aconteceram fatos importantes, vem desse mesmo significado simbólico. A Pedra que Jacó colocou no lugar onde teve seu sonho, ou as Pedras colocadas nos túmulos de santos ou de heróis, mostram o impulso de expressar pelo símbolo da Pedra experiências de outro modo inexprimíveis.

Os alquimistas procuravam na *“pedra filosofal”* o segredo da matéria, na

esperança de encontrar Deus. Muitos deles sabiam que ela só poderia ser encontrada na psique do homem. O alquimista do século VII, Morienus Romanus, esclarece: *“Essa coisa (a pedra filosofal) é extraída de vós: vós sois o seu minério e é em vós que se pode encontra-la; ou, para falar mais claramente, ele (os alquimistas) a tiram de vós. Se conhecemos isso, o amor e a aprovação da pedra crescerão dentro de vós. Saibam que isso é, indubitavelmente, uma verdade”.*

Ainda na Alquimia, a pedra alquímica, chamada de *lâpis*, é algo eterno, que nunca pode ser perdido ou dissolvido, é comparado com a experiência mística de Deus dentro de nós. É um trabalho de muitos anos ou da vida toda se livrar (desbastar) de todos os elementos psíquicos supérfluos que ocultam a pedra.

O arquétipo – conjunto de imagens primordiais que têm sentido aos complexos mentais e às histórias passadas entre gerações, formando o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo – da Pedra aparece frequentemente nos sonhos dos pacientes da psicanálise junguiana. Geralmente representa o *self*, talvez porque represente a experiência mais simples e profunda de algo eterno que o homem às vezes não sabe, mas presente, habitar em seu interior, inalterável e imortal. Portanto, não é mera coincidência que a Pedra tenha o mesmo simbolismo na Maçonaria, na Alquimia e na Psicologia, como algo interior no ser humano e que deve ser lapidado.

O *self* é o centro e totalidade da psique (a personalidade como um todo, abrangendo as ideias modernas de alma ego, mente e espírito), a união entre o consciente e o inconsciente, que dá ordem, integra e equilibra todos os aspectos do inconsciente, proporcionando unidade e estabilidade à personalidade humana.



**crônica**

## MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM HOMEM VIVO – I

Elismar Rodrigues dos Santos | Colaborador

Era uma noite amena e tranquila, quando direcionei minhas retinas para o relógio cujos ponteiros trabalhavam incansavelmente para alcançar meia noite.

Esta é uma hora talvez um pouco mística, porque assim como tudo nesta vida, é preciso que algo acabe, para que outro ciclo se inicie e, por mais paradoxo que possa parecer, o fim não é um fim em si mesmo.

A virada do ponteiro revela um dilema comum a todos nós outros humanos: é preciso recomeçar, e não significa necessariamente que o reinício é uma perda, mas uma oportunidade de se restaurar, repensar, soerguer e seguir.

Aliás, a dualidade é um fator de definição da existência, afinal, só entendemos a noite escura porque há o raiar do dia. O doce do açúcar nos é revelado porque outrora experimentamos o amargo do café, e ainda, ao benfeitor só lhe é permitido ostentar o título de homem altruísta e bom porque há o algoz, insensível.

Dito isso, reputo-me então às primeiras linhas, quando já era meia noite, saltei do pau de arara com um saco de estopa

amarrado com embira. Era um cadeado que guardava lembranças de uma vida sofrida e sem propósito.

A carroceria do caminhão estava cheia de destinos como esse, e cada um buscava ali uma nova vida na cidade grande, cheia de oportunidades. Cada qual com seu caminho. Naquela época, o rádio ainda era um grande amigo, que trazia e levava notícias do sertão.

Pude ouvir bem distante uma cantiga daquelas de apertar o peito, e naquela hora, não era possível identificar sua origem.

Curioso, deixei-me guiar pelos versos bem postos da música para descobrir aonde ela iria me levar.

Fui me aproximando lentamente até chegar num belchior cheio de velharias, com uma gaiola pendurada na porta que abrigava um solitário pássaro. Já não cantava mais. Foi substituído pelas ondas da AM/FM.

Bati palmas para anunciar a chegada de um *sem destino*, e logo apareceu uma figura *machadiana*, com as pálpebras quase cerradas pela janela do tempo, barbudo, apenas meia dúzia de dentes lhe cobria a boca, as unhas cobertas de terra preta

e as pontas dos dedos amarelas de fumo de rolo queimado.

Lançou uma bola de cuspe amarelado na calçada, olhou em minha direção e indagou: Boa noite meu jovem. Em que posso lhe servir?

Aquela figura me encantou instantaneamente. Eu sabia que ali encontraria pelo menos uma boa história, daquelas de se ouvir e fazer uma viagem no tempo.

Subi dois lances da escada que dava acesso à bodega, já meio deterioradas, de modo que era possível ver o tijolo cru. Estendi minha mão direita, calejada pelos cabos de enxada, e lhe cumprimentei dizendo: Meu velho, estou chegando do Sertão, trago somente minhas roupas velhas, um pedaço de rapadura, um prato de farinha, e algumas cartas da minha mãe, que me escreveu quando ainda estava lá, justificando que, quando a saudade bater, a carta me seria a companhia e a lembrança do caco de mãe que lá ficou.

Estou à procura de um lugar pra ficar até conseguir me estabelecer. O senhor pode me ajudar?

Entre meu filho. Vamos embicar uma lapada de cana e trocar de dedal de prosa.

Aquele convite me parecia um fio de esperança. Tratei-me de adentrar no estabelecimento, e logo na entrada, uma sinuca velha, com muitas latas de cerveja e cinza de cigarro sobre o pano verde. À direita aquelas mesas vermelhas da BRAHMA com algumas cadeiras cheias de ferrugem, onde os cães se sentam para lamentar e contar mentiras.

Do outro lado, uma rede que cheirava peido de velho, rodeada de coisas antigas: lamparina, rádio de corda, cristaleiras da época de Dom Pedro, vitrola, balança Filizola, rolo de papel de embrulhar tareco e mariola, e muita poeira.

E á minha frente, um sortimento de bebidas de todo gosto. Logo me sentei para descansar, e o simpático senhor se dirigiu às prateleiras e alcançou uma garrafa de PARATUDO, pegou dois copos americanos e meia dúzia de ovos cozidos da estufa, cuja coloração denunciava o tempo que ali estava.

Nos sentamos e começamos a conversar. Conteí minha história, e ouvi a sua. O papo foi tão agradável que logo a garrafa secou, e a mesa ficou cheia de casca de ovo azul.

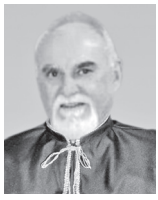
Peguei outra garrafa e continuamos o papo. Ali tive a definição pura do que é felicidade, um momento que eu gostaria que nunca acabasse.

A certa altura do *leriado*, me revelou que tempos atrás sofreu uma desilusão amorosa e saiu a caminhar pelas estradas da vida, sem vírgula e sem ponto final, e na medida que a história avança, perco-me em suas palavras e fico inebriado pela habilidade do ancião em prender minha atenção.

Estava para lhe indagar algo, quando percebi que havia adormecido ali na cadeira velha.

Empreendi-me em acomodar-lhe no meu colo até conseguir lhe encaminhar aos aposentos.

*Continua na próxima edição...*



**opinião**

## OS ESTUPROS, OS ABORTOS E O SOFRIMENTO DA MULHER

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

**R**efletir sobre aborto, estupro e sofrimento materno é uma tarefa mais difícil para um homem nascido em um país composto por maioria machista. Mesmo para pensadores livres, pois as tradições e costumes criam conceitos e preconceitos na estrutura psicológica que são de complicada desconstrução.

Por isso mesmo, os movimentos feministas e outros grupos sociais chegam a desqualificar o homem para o debate

sobre o tema. Penso que essa atitude é equivocada e inútil, senão prejudicial para as soluções dessas graves questões.

A simplificação dos problemas e a generalização dos termos também produzem confusão e posicionamentos equivocados na opinião pública, nos legisladores que trabalham para o aprimoramento das leis e de todos os setores que buscam a melhoria dos costumes, que são as diferentes denominações religiosas,

as tendências e correntes da educação e da política, da saúde da mulher, da repressão policial, a prevenção jurídica e outros setores.

Os gravíssimos problemas das várias formas de estupro realizados por homens precedem e geram, também, os gravíssimos problemas dos diferentes tipos de aborto e suas consequências dolorosas para a vida das mulheres de todas as idades: crianças, adolescentes, jovens, maduras ou idosas.

Desde os crimes hediondos praticados por homens sem alma, até os crimes sexuais considerados menores, equivocadamente, em que o coito ocorreu sem a permissão feminina ou até mesmo por um aparente consentimento, que precisa ser analisado caso a caso, todos eles, produzem lesões físicas e psicológicas irreversíveis no corpo e na mente da mulher.

Se não há consentimento, a relação sexual é criminosa. A dimensão da dor psicológica e moral, nesses casos, é inexprimível por quem não a sofreu. Tendo havido, ou não, o aborto que, a nosso ver, só poderá ser decidido após uma análise complexa de cada caso, com a orientação de diferentes profissionais da Saúde, da Assistência Social, do Direito etc. Mas, sobretudo, levando-se em consideração a decisão soberana das mulheres vítimas grávidas.

Penso que as ações devem passar por uma profunda conscientização dos homens, em especial, a prevenção e a erradicação dos dolorosos costumes machistas; o aprimoramento da legislação e do cumprimento das leis, com a repressão policial, quando necessária; mas, sobretudo, o fortalecimento real das mulheres, com o profundo respeito a elas e aos seus direitos.



**artigo**

## ESCRITOS MAÇÔNICOS – III

Luiz Gonzaga | Colaborador

**A**partir de de 1990, todos conhecem a sucessão de nomes que transformaram a comunicação eletrônica: Gopher, Mosaic, Netscape, Internet, Explorer e Google (fundada em 1998). Disposta desta forma, a velocidade da mudança é de tirar o fôlego: da escrita ao código foram 4300 anos; do código aos tipos móvel, 1150 anos; dos tipos móveis à internet 524 anos; da internet aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo? (Darnton, 2010:39-41).

A concretização dos sonhos dos Iluministas: A República das Letras, e do acesso ilimitado ao conhecimento universal, nos ariscamos a responder o questionamento antecedente. E seja o que seja o futuro próximo ou o que se possa imaginar vir a ser, o futuro do escritor e do articulista maçônico estarão garantidos. Impossível dispensar a escrita como base da comunicação tecnológica do presente e do futuro. Os hieróglifos do século XXI (Emogis) queridinhos da geração Y ou millennials poderão não sobreviverem, como não sobreviveram os hieróglifos egípcios, ante o poder e a extensão da palavra escrita. Portanto, prevalecendo os atuais cenários dos livros impressos e digitais, a presença do escritor e da escrita se impõem por necessários. Os livros digitais jamais se escreverão sozinhos em suas plataformas robóticas de inteligência artificial.

### ATREVA-SE A CONHECER

Seja curioso quanto à curiosidade. Busque conhecer! Sim! A curiosidade revela o buscador autóctone (não semelhante àquele que realiza a busca no cumprimento do dever ou obrigação funcional), àquele que goza de liberdade para perquirir, indagar, e construir o conhecimento a partir de sua autodeterminação. “O ápice da escada de Jacó é a Luz ou a Iluminação” (Guimarães, 2010:147).

A Maçonaria é um universo ainda por desvendar. Os artigos precedentes – “Há mais alguma coisa para escrever?” e “Itinerário do Rito Moderno em Stephen Hawking” – individualmente, é uma pequena amostra e incitação ao quanto há por se escrever e por se

desvendar quando o foco da temática for a Maçonaria. Portanto, seja curioso, atreva-se a desvendar, atreva-se a conhecer os mistérios da maçonaria. E os mistérios da Maçonaria, de tantos que são, nos permitem escolhas, e a nossa escolha recaiu exatamente nos supostos mistérios da frase “Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te”, estampada em um lugar sombrio e de meditação a que se submetem os candidatos à iniciação maçônica.

Não se consegue vislumbrar o pleno alcance do fraseado (“Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te”), e pouco nos parece ser condizente afirmar que “a Maçonaria não pode servir de campo experimental para satisfação de simples curiosidade. Inteiramente dedicada ao estudo de problemas fundamentais e de grandes ensinamentos, todo elemento possuído por uma simples curiosidade, longe de lhe ser útil, seria um perigo. Sendo manifesto o desejo da Maçonaria de participar ao mundo a sua utilidade por meio de sábios e discretos ensinamentos e por elevados exemplos, ela reprime a louca afeição ao superficial, ao fútil, engrandecendo no homem o desejo de instruir-se através de estudos sadios, sérios e proveitosos.” Desculpe, não citaremos o autor e a fonte por nos perdido mentalmente na leitura, mas nos parece haver (conforme transcrito) fundadas contradições e razões para desmentidos. Um deles é que se pode educar na curiosidade; e um outro: a curiosidade não pode oferecer nenhum perigo à Maçonaria. Mas vamos seguir o nosso caminho por outro caminho.

Segundo o traço do filósofo e poeta romano Quinto Horácio Flaco, ou simplesmente Horácio, “Aquele que começou está na metade da obra: ouse saber” (“Dimidium facti qui coepit habet: sapere aude!”), presente na Epistular umliber primus, livro I, carta 2, verso 40. Expressão latina essa que chegou à nossa contemporaneidade por ação de Kant associada ao Iluminismo e depois por Foucault em sua tentativa de encontrar espaço para o indivíduo (homem e mulher) na filosofia pós-estruturalista. Sapere Aude é um convite à transgressão intelectual, ao saber questionador,

ao atrevimento investigativo que acompanha a filosofia, o filosofar e o filosofar.

Seguindo as regras kantianas do pensar a questão, é preciso ter coragem de guiar-se por seu próprio entendimento, de ter a coragem de servir-se a si mesmo sem a direção de outrem (Kant, 2012:63). Então, podemos nos servir da curiosidade para retratar nosso entendimento à especulação maçônica. Advogados não ser somente a curiosidade a mola propulsora do saber, e sim a curiosidade aliada à vontade de querer saber o que nos induz a inquirir, por exemplo, se o GADU, em verdade, apreciava caminhar no jardim do Éder ao frescor das tardes antes do atrevimento de Adão e Eva em provarem do “fruto proibido”; e depois, com Adão e Eva expulsos do Éder, qual a motivação para o GADU não mais caminhar ao frescor das tardes? Robin Hood, o Rei Atheslan (Etelstano) e o Príncipe Edwin (Maçons); o Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda realmente existiram? Ou, ainda, podemos nos servir à exaustão das lendas e tradições maçônicas como regra de conduta?

Bendita Curiosidade. Nos dicionários, a curiosidade se apresenta como sendo uma palavra de duplo sentido. Os dicionários definem o curioso como uma pessoa que trata alguma coisa com um cuidado e uma diligência especiais; e como uma pessoa que está sempre perguntando “por que isso e por que aquilo?” E nos perguntamos: o desejo de conhecer pode ser reprimido? A curiosidade pode ser censurada? Quer saber? A nossa resposta é NÃO com todas as letras em maiúsculas. O desejo de conhecer não pode ser objeto de proibição; o exemplo do que consta no Eclesiástico (um dos livros apócrifos da Bíblia): “Não tente compreender coisas que são difíceis demais para você, ou tente não descobrir o que está além das suas forças” (Eclesiástico 3:21-2), pode e não pode fazer sentido, a depender do entendimento do leitor.

A curiosidade conduz o curioso a tratar as coisas diligentemente, e o conduz no sentido de procurar saber o que está “mais oculto e reservado”, o que jaz, verdadeiramente, além das palavras. Bendita curiosidade. Sejamos, pois, curiosos. A curiosidade é a pedra angular dos escritores e de todos aqueles que ousam perquirir a si e aos outros.

A curiosidade é algo próprio de quem parece se mostrar sempre insatisfeito com as respostas às questões naturais e que, em determinado momento, sai em busca de novas respostas às velhas questões ou

sai a perquirir por questões novas que exigem outras respostas.

A curiosidade, como já o dissemos, é a capacidade natural e inata dos seres humanos para a inquiribilidade. A neurociência, curiosamente, comprovou que a curiosidade é um traço que proporciona uma série de vantagens, dentre as quais, o fortalecimento da inteligência e a melhoria do desempenho intelectual. Uma reflexão séria sobre os aspectos e sentidos sobre a palavra curiosidade, pode, ainda, revelar muitas verdades, mas vamos ficando por aqui, inerte.

Contudo, ousamos perguntar: Entendeu por que a curiosidade não é somente um punctus interrogativus no final das frases interrogativas, ou depois das indagações ou inquiribilidades sobre os “por quês universo e da vida cotidiana?”

### OUSE SER SÁBIO

São Tomás de Aquino foi apelidado de “Boi Burro”. Herdeiro de uma família nobre e bem íntima da aristocracia europeia: o sacro imperador romano era seu primo. A opção de São Tomás de Aquino de tornar-se um frade dominicano escandalizou sua família aristocrática. Ela o sequestrou, o prendeu e o manteve confinado durante um ano, esperando que reconsiderasse a decisão. Ele não o fez. Aquino era um homem de compleição grande, desajeitado e lento, característica que lhe granjearam o apelido de “Boi Burro”. Ademais, Ele recusou todas as posições de poder e prestígio, seja como cortesão ou como abade. Ele era, acima de tudo, um amante dos livros e da leitura. Quando lhe perguntavam pelo que ele mais agradecia a Deus, sempre respondia: “por me conceder o dom de compreender cada página que já li”. A maior obra de Tomás de Aquino é a Suma Teológica, um amplo levantamento das principais questões teológicas, cuja intenção, diz ele no prólogo, é “não só ensinar aos proficientes, mas também instruir os iniciantes” (Manguel, 2016,38-9).

O sábio segundo São Tomás de Aquino, teria duas funções essenciais: primeiro, ordenar as coisas, e segundo, combater os erros. Confúcio, em um dos seus tantos aforismos, disse que para ser sábio há três caminhos: “primeiro, pela reflexão, que é o mais nobre; segundo, pela imitação, que é o mais fácil; terceiro, pela experiência que é o mais amargo (Confúcio, 2005:95). A partir dessas funções e caminhos dos sábios, fica fácil traçar um itinerário filosófico-maçônico para tentar entender o que é ser sábio, a sabedoria, o conhecimento e a verdade.

*Continua na próxima edição...*



artigo

## MEMÓRIAS DE LAVRINHAS – I

Gleisson Ferreira | Colaborador

Lavrinhas de São Sebastião é o nome dado à comunidade quilombola que surgiu nas terras da antiga sesmaria de mesmo nome. Exploração iniciada com o português João Pereira Ribeiro, com numerosa escravaria. (Magalhães, 2004). Há relatos de formação de quilombos e ataques de quilombolas ainda antes da Abolição. (Magalhães, 2004). Embora a comunidade quilombola do arraial tenha se formado após a abolição. (Silva, 1974). O povoado tem cerca de 1500 habitantes e situa-se no Município de São Luiz do Norte, Vale do São Patrício, região norte de Goiás a aproximadamente 250 quilômetros de Goiânia.

Neste artigo, busca-se evidenciar aspectos subjetivos da oralidade que ajudam a compreender os modos de ser e viver com suas subjetividades explícitas e/ou subjetividades implícitas. São analisados os relatos colhidos em 2009 pelo autor do presente trabalho na comunidade quilombola Lavrinhas de São Sebastião, durante trabalho de conclusão de curso de graduação. Procuramos mostrar (através de elementos de duas das entrevistas feitas na ocasião) como essas comunidades lidam com a noção de tempo, com a transmissão de conhecimentos através da oralidade... o valor que dão à palavra... Elementos que refletem uma maneira de existir e resistir.

Para introduzir a discussão a que se propõe este trabalho nos reportamos ao texto de Arturo Escobar “Desde abajo, por la Izquierda y con la tierra”. Escrito como uma resposta a uma crítica de que o pensamento crítico latino-americano estaria em crise. O texto avalia a dinâmica dos movimentos populares na América Latina, avaliando que o pensamento crítico está presente desde os movimentos populares até a academia e as artes. Um movimento que segundo Escobar se fez e deve fazer-se a partir de baixo, através da esquerda e com a terra. (Escobar, 2019)

Se considerarmos o surgimento da humanidade, há aproximadamente 2 milhões de anos e o surgimento da escrita há cerca de 6 mil anos até o presente, constatamos que a palavra ocupou espaço durante mais tempo

que a escrita. Assim constatamos também que descobertas e conhecimentos os mais diversos continuaram a ser transmitidos oralmente. A palavra cumpria um papel difusor de saberes. Sua primeira forma de armazenamento foi a memória. Gravadas na memória, as palavras constituíam acervos diversos de conhecimentos, costumes e tradições. Os povos antigos atribuíam à palavra força criadora. Parafraseando o primeiro capítulo do quarto Evangelho, com todo respeito e as devidas ressalvas, poderia se dizer que: No princípio só havia a palavra. A palavra estava relacionada à divindade. A palavra era divina. Todas as coisas se faziam por meio dela e sem ela nada do que se fez teria sido possível. Sem o seu empenho não havia confiança. A palavra era vida e o conhecimento da vida guiava os homens. A palavra era a luz e o caminho que comunicava todas as experiências...E a palavra gerou a escrita.

Talvez a máxima cartesiana “penso, logo existo” de René Descartes (1596-1650), presente na quarta parte de seu Discurso do Método, publicado pela primeira vez em 1637, (in: Galvão, 1996) devesse ser substituída pela frase: “pensando, reconheço a minha existência e toda a problemática dela decorrente.” Está biologicamente provado que primeiro precisamos existir para que seja possível realizar todas as coisas referentes “a existência, inclusive pensar. Isso é um dado científico incontestável.

Na trajetória da Evolução, primeiro surgimos, depois desenvolvemos a reflexão. Refletindo, desenvolvemos a fala, para comunicar ideias. Por último, desenvolvemos a escrita, que tornou possível registrar o pensamento, a fala e todos os aspectos da vida cotidiana. Em uma cronologia correta: *Existo, logo penso! Penso, logo falo! Falo, logo escrevo!*

Não se trata de estabelecer hierarquias metodológicas ou de colocar os relatos orais acima de outras fontes, mas de reconhecer a antecedência da palavra à escrita, reconhecendo a sua importância. A memória guarda aspectos importantes das vivências e experiências das sociedades no tempo e espaço. A História Oral

*História oral e decolonialidade em uma comunidade remanescente de escravos no Norte de Goiás*

dá ouvidos e viabiliza instrumentos para que as vozes silenciadas possam ser ouvidas.

### A PARTIR DE BAIXO, ATRAVÉS DA ESQUERDA E COM A TERRA

Muitas conquistas auferidas pelas comunidades negras e indígenas na atualidade são resultados de suas lutas históricas contra o colonialismo e seus resquícios. Verificando a história dos negros na América Latina vemos a formação de grupos de resistência e auxílio mútuo pela sobrevivência e a liberdade desde o início da colonização, como foi o caso do Quilombo de Palmares. Os oprimidos sempre buscaram formas de lutar e resistir entre si mesmos, contando apenas com a natureza, seus pares, sua inteligência e habilidade. Às vezes buscavam alianças com grupos indígenas...brancos desertores...enfim...organizando-se sempre a partir de baixo, pois dos poderes constituídos só podiam esperar a repressão. A seu favor só tinha sua coragem e a Terra. Com a Terra possuíam uma conexão espiritual, ela dava-lhes liberdade, os protegia, alimentava, fornecia os elementos para suas artes utilitárias e seus mitos e crenças, configurando o que Escobar denomina “pensamento da Terra”. Ali tentavam reconstruir sua história e reconstituir seus mundos. Segundo Escobar:

**Con pensamiento de la Tierra, por otro lado, nos referimos no tanto al movimiento ambientalista y a la ecología, sino a aquella dimensión que toda comunidad que habita un territorio sabe que es vital para su existencia: su conexión indisoluble con la Tierra y con todos los seres vivos. Más que en conocimientos teóricos, esta dimensión se encuentra elocuentemente expresada en el arte (tejidos), los mitos, las prácticas económicas y culturales del lugar, y las luchas territoriales y por la defensa de la Pacha Mama. Esto no la hace menos importante, sino, al contrario, más relevante para la crucial tarea de todo pensamiento crítico en la coyuntura actual a la cual nos referiremos como la reconstitución de mundos.** (Escobar, 2019. p. 39)

*Continua na próxima edição...*



opinião

## SOMOS A SOMA DO QUE NÃO PODEMOS CONTROLAR

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

Maçonaria e algumas outras instituições afins assentam na raiz dos seus princípios a liberdade absoluta de consciência, a liberdade de expressão e o livre arbítrio como pilares inegociáveis na orientação da conduta de seus membros, posicionando-se também assumindo essa linha mestra como estruturação de seus alicerces e mecanismos internos frente a seus procedimentos cotidianos.

Liberdade absoluta de consciência, liberdade de expressão e livre arbítrio, conceitualmente falando, não são a mesma coisa. Mas se misturam fortemente no exercício das nossas práticas sociais, culturais e existenciais. Muito embora, nos dias de hoje, mais do que no passado, essas ideias e/ou princípios sofram um acirrado combate, contestando sua procedência e até mesmo sua existência. São questões das quais não podemos nos afastar ao olharmos para o ser humano, as sociedades, as culturas e a vida no seu sentido mais amplo. De um

modo geral, partimos do pressuposto que mesmo intensamente influenciados pelo contexto do qual fazemos parte, ainda assim podemos escolher o caminho que desejamos seguir. Quantos de nós já não se encontram diante de verdadeiras encruzilhadas pessoais, dilemas morais e angústias existenciais? Justamente motivadas pelos temas acima mencionados. Mesmo que queiramos nos isentar de fazer escolhas, não posicionamos ou mesmo alegar que certas situações não nos dizem respeito, somos açodados, em algum grau, a nos incomodar pelos desafios do existir no mundo.

O professor Robert Sapolsky, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, neurocientista renomado, concedeu à BBC News Brasil, uma entrevista publicada em 27 de fevereiro de 2024, na qual ele nos falava sobre não acreditar na existência do livre arbítrio e nas suas vantagens para o homem e o mundo, apresentando breves trechos de suas publicações. Para Sapolsky, nós somos

“a soma do que não podemos controlar”. Tudo o que somos é resultado de uma série de interações de nossa carga genética atual e pregressa, bem como dos efeitos físico-químicos produzidos em nossa biologia, que nos determinam a partir das reações e combinações da movimentação do nosso cérebro. Segundo Sapolsky, o mais importante quando abordamos o livre arbítrio se encontra na presença e na interpretação das intenções, pois que mesmo que estas se apresentem como algo livre e deliberativo são também determinadas por fortes episódios físicos, emocionais e mentais, seja no indivíduo ou no coletivo, tanto no presente, quanto no passado.

O professor Sapolsky entende que essa **condição humana**, na verdade, é profundamente libertadora, pois nos impede e restringe a partir de nossa natureza de nos inclinarmos para julgar e condenar os outros. Nos retira também o **suposto direito** de segregar, excluir, perseguir e marginalizar aqueles que não sobrevieram da mesma fortuna que nós. Horizontalizando-nos na mesma condição, por não existirem pessoas especiais, intrinsecamente melhores que outras. No entendimento de Sapolsky, pensar e compreender um mundo sem o livre arbítrio é libertador por inaugurar um novo humanismo.

Não precisamos dizer ainda que a tese do festejado professor encontra

resistências e oposições no campo da filosofia, mais especificamente falando nos ramos da moral e da metafísica. Da mesma forma nos campos da sociologia, pedagogia, teologia etc. Visto que, de fato, vários outros aspectos precisam ser levados em conta quando discutimos o livre arbítrio. No entanto, seus pares de academia, mesmo discordando de Sapolsky, dão boas vindas às suas ideias pela capacidade das mesmas de enriquecer sobremaneira esse precioso debate.

Para nós, maçons, questionamentos dessa ordem, carregados de comprometimento científico e sofisticação nos concitam sempre a repensarmos a nós mesmos e nossa querida instituição, na medida em que nós enquanto maçonaria especulativa surgimos em um ambiente altamente racional e humanista, que é o iluminismo, e que portanto não nos permite nos afastar de qualquer modo de uma razão historicamente constituída. Assim, quando o professor Sapolsky nos convida a pensar um novo humanismo, mais horizontal e menos segregacionista, mesmo que a partir de argumentos que a primeira mão podem não nos ser simpáticos, trago suas ideias também para nosso ambiente de reflexão. Entendo que temos mais a ganhar do que a perder, respeitando os interlocutores que se destacam do mundo atual. Recomendo a leitura!





**conto**

## CADÊ MINHA DEVOLUÇÃO?

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

O ano de 1974 foi caracterizado pelo início de novos tempos para o povo brasileiro. Encerrara-se o período do governo do general Emílio Garrastazu Médici, aclamado como o período chamado “Milagre Econômico”, dado que no seu mandato, de 30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974, o Brasil experimentou exponencial crescimento do PIB e da renda *per capita*, mas também de uma elevação drástica na dívida externa. Por outro lado, foi quando a ditadura militar atingiu seu ápice, com controle das atividades políticas, repressão e censura, sendo tirado qualquer manifestação de opinião contrária ao sistema. Triste período onde houve, sistematicamente, o uso de meios violentos como a *tortura* e o *assassinato*. Fazendo que o período Médici tenha ficado conhecido como “Anos de Chumbo”.

Mas vamos voltar ao período iniciado em 15 de março de 1974 indo até 15 de março de 1979, período esse em que o Brasil foi governado pelo General de Exército Ernesto Geisel, o quarto Presidente da Ditadura Militar, e quem iniciou os tempos para uma distensão que terminaria no retorno da Democracia poucos anos depois. Como dito na primeira frase, o povo brasileiro passou a viver “*novos tempos*”. Mesmo com a forte oposição dos chamados “*linhas duras*”, tivemos o início da abertura política e a amenização da repressão imposta pelos governos ditatoriais anteriores. Era Ministro da Fazenda, o engenheiro, economista, professor e banqueiro, além de erudito, Mário Henrique Simonsem.

Pois bem! No respirar dos novos ares, o exercício de atividades puramente civis foram “*amainadas*” e o viajar pelo Brasil, mesmo que a trabalho, passou a ter mais gosto, pois que os anos de chumbo do período Médici pareciam ter ficado para trás, como realmente ficaram. Nesse embalo, com 26 anos de idade, arrumei uma oportunidade de trabalho em uma fábrica de autopeças em São Paulo – que produzia engrenagens para câmbio e coroa e pinhão destinadas a caminhões pesados – para ser supervisor regional de vendas. Minha área de atuação ia de Minas Gerais/Goiás/Mato Grosso, por um lado, e Paraná/Santa Catarina/Rio Grande do Sul, por outro. O Rio Grande do Sul, desde sempre, possui a maior frota brasileira de caminhões rodoviários, ou seja, grandes caminhões. Por

isso, virava e mexia lá estava eu no Rio Grande do Sul. Sorte! Estado maravilhoso!

Era chegada a época da entrega das declarações do Imposto de Rendas, e considerando que a Argentina já estava “quebrada” desde então, resolvi que entregaria minha declaração do IR em um banco de Porto Alegre. A ideia era a de receber a devolução no mesmo banco e, de posse daquela grana, me mandar para a terra dos “*hermanos*”. Com a ideia brilhante, quando estava na Capital Gaucha dirigi-me à Agência do Banco Bradesco, que havia na famosa Rua da Praia, no Centro da cidade. Entreguei minha declaração, peguei o recibo e fiquei, ansioso, aguardando o período das devoluções.

Quando houve a notícia da entrega das ditas devoluções, felizmente houve a coincidência com uma de minhas viagens ao Sul. Chegando a Porto Alegre, não perdi tempo e fui até a agência do banco onde entregara minha declaração. Fui atendido por uma moça que, com meu recibo, foi proceder a uma pesquisa no interior da agência. Um tempo depois, ela voltou com a notícia que ali não havia devolução em nome. Não concordando com o resultado que ela me apresentou, fui direto ao gerente da agência, que me atendeu com a mesma presteza. Expliquei-lhe o caso e o mesmo passou a proceder sua própria pesquisa. Resultado, não havia devolução para mim ali naquela unidade do Bradesco. De qualquer modo, o atencioso gerente sugeriu que eu me dirigisse à Delegacia da Receita Federal localizada na mesma Rua da Praia. Cabe esclarecer que a Rua da Praia era (ainda deve ser) dedicada a um pesado quantitativo de lojas, bancos e repartições. Dada altura, havia uma Praça que se emendava com a Rua. Tudo muito bonito e bem cuidado. Lembrando que naquela época ainda não havia deflagrado as construções de shoppings.

Atendendo a sugestão do gerente do Bradesco, atravessei a Praça e fui até a Delegacia da Receita Federal. Ali chegando, fui atendido por um funcionário ao qual eu disse o que precisava. Prontamente, o servidor embrenhou-se para o interior da repartição e voltou, minutos depois, com a mesma resposta que já obtivera na agência bancária. Não satisfeito, perguntei-lhe onde ficava a sala do Delegado. Informado, fui novamente

atendido, desta vez por uma senhora, sempre educadamente, que quis saber o motivo de minha solicitação em falar com o titular da Receita Federal no Rio Grande do Sul. Conte-lhe toda a história até ali. Depois que ela sabia de tudo, indicou-me o elevador que me levaria ao oitavo andar, onde estava o gabinete do Delegado. Ali chegando, fui atendido pela Secretária que, também, quis saber o que eu queria. Novamente repeti toda a história havida até sua presença. Ficando a par de tudo, ela foi até o gabinete do Delegado e, em seguida voltou determinando que entrasse. Maravilha de gabinete! Enorme com uma mesa executiva de madeira escura, acho que mogno, e jogos de sofás em couro. De um dos lados, janelas imensas mostravam a beleza e imponência do Guaíba. Um cidadão de uns cinquenta anos de idade, trazendo um fino e elegante terno, recebeu-me e, pacientemente, ouviu toda a história, que agora eu já estava ficando “*craque*” em relatar. O atencioso Delegado chamou um de seus assessores e determinou-lhe que fizesse uma busca de minha devolução. O resultado não foi diferente daquele do Bradesco. A diferença foi quando o Delegado ficou sabendo que eu morava em São Paulo. Meio que com a paciência esgotada, mas ainda muito educadamente, disse-me que procurasse a Delegacia da Receita Federal da Lapa, em São Paulo. Levantou-se da confortável cadeira e levou-me até a porta de seu gabinete. Deve ter ficado puto com a perda de tempo!

De volta a São Paulo, procurei a Delegacia da Receita Federal da Lapa. Houve ali uma repetição do que ocorrera em Porto Alegre. Fui atendido por um servidor a quem contei toda a minha história da devolução. Já tava parecendo “Joãozinho e o Pé de Feijão”! Esse funcionário entrou porta adentro e voltou minutos depois com a notícia de que não encontrara nada em meu nome. Resolvido a pegar o pião pela unha, fui até uma servidora perguntando onde ficava o gabinete do Delegado. Outra vez fui questionado sobre os motivos da audiência. Pedi-lhe uma cadeira e a coloquei a par de tudo que já contara aos anteriores. Sempre nominando um a um. Ela ouviu pacientemente a história e me indicou como chegar ao gabinete do Delegado. Lá fui eu para ser atendido pela Secretária do Delegado. Adivinha? Por quê? Pedi cadeira novamente. Conte a história pela enésima vez. Sempre voltando à atendente do Bradesco em Porto Alegre. A Secretária fez cara de haver entendido a “gravidade” da situação, foi até o gabinete do Delegado e voltou autorizando-me entrar. Impressionante a diferença entre os dois gabinetes de Delegado da

Receita Federal que eu passara a conhecer. Em contraponto ao esplendor daquele de Porto Alegre, o da Lapa não passava de uma simples sala de repartição, apenas um pouco maior e com uma porta fechada que devia ser de um banheiro privativo. Muito bem atendido, mais uma vez contei meu calvário atrás de uma devolução que já estava dando por perdida. Um assessor foi chamado e a ele determinado que localizasse minha devolução. NADA! Mas, ficou a promessa de que seria feita diligência e que eu seria avisado de seu resultado.

Saí da Delegacia da Receita Federal da Lapa e retornei à fábrica. Lá chegando, sentei-me frente a máquina IBM, daquelas de esferas, e redigi uma carta/requerimento dirigida ao Ministro Mário Henrique Simonsem, que além das qualidades profissionais, era um emérito bebedor de whisky, a ponto de haver uma anedota que dizia que se tirassem o copo da bebida de sua mão, ele se desequilibraria. Na dita carta/requerimento, tal como faço agora, mas com mais detalhes, contei toda a desdita de minha declaração e devolução. Começando pela atendente do Bradesco até o Delegado da Receita Federal da Lapa, em São Paulo. Ao final, em letras maiúsculas, acrescentei: SENHOR MINISTRO, EU CONFIO NA REVOLUÇÃO! MAS CADÊ MINHA DEVOLUÇÃO?

Voltei à Delegacia da Lapa e fui até o protocolo onde fui atendido por um senhor que já devia ter passado da hora da aposentadoria. Entreguei-lhe a carta/requerimento. Ele gastou mais de quinze minutos para ler e releu. Olhou para mim e perguntou se tinha certeza de mandar aquele documento. Expliquei-lhe que o período Médici havia passado e que eu queria protocolizar minhas pretensões. Ele então, passou a carimbar, rubricar e enumerar as folhas. Devolveu-me uma das vias e me fez prometer que se eu não fosse preso, voltasse para contar-lhe o desfecho de tudo.

Pois bem! Logo em seguida viajei para o Mato Grosso e só retornei uns vinte dias depois. Chegando em casa, um envelope do Ministério da Fazenda! Em seu interior, um ofício chancelado pelo Ministro Mário Henrique Simonsem, dando seus cumprimentos à minha pessoa e enaltecendo a iniciativa de procurar a autoridade competente para a solução de minhas questões. Pura atividade cívica! E que a tão perseguida devolução estava à minha disposição na agência do banco Panamericano, agência da Avenida Paulista, em São Paulo. Mas aí, já havia passado a hora de ir curtir a diferença de câmbio entre nossa moeda e a da Argentina.

Obrigado Ministro!



**crônica**

## UMA RECEPÇÃO INESQUECÍVEL

Antônio Leite | Colaborador

Há momentos marcantes na vida de cada um de nós. Lembranças ternas dos dias da infância, experiências marcantes de desafios vencidos, instantes, nem sempre breves de perdas, lutos e tristezas. Viver sempre deixa suas marcas, de todas as variedades possíveis. Porém, mesmo havendo percorrido o longo caminho da existência, tendo vivido muitas e diferentes emoções, sempre há espaço para surpresas, especialmente as agradáveis.

Dia 22 de maio último foi uma data especial, especialíssima para mim. Tive o prazer e a honra de ser recebido como membro suplente na nossa respeitável Academia Goiana Maçônica de Letras. A AGML já era minha conhecida através de seu jornal O Confrade,

obra de força e vigor literários impressionantes e com o qual tive o privilégio de participar como convidado a apresentar algumas colaborações.

O dinamismo da Academia, suas múltiplas atividades nos mais variados campos da atuação cultural, educacional e social, aos quais pude conhecer mais de perto causaram-me as mais sinceras constatações de reconhecimento ao trabalho de seus seletos membros. A presidência do Irmão José Mariano, destacado batalhador das causas da AGML, e especialmente o suporte pronto e eficiente dos demais confrades, é um exemplo de união em prol de um objetivo nobre e comum

Não sei se estarei à altura dos desafios que me esperam, mas tenho comigo a noção da dimensão que será atuar como suplente do acadêmico Hélio Moreira, um maçom, um profissional e um cidadão do mais alto valor. Meu compromisso primeiro é empenhar meus melhores esforços no sentido de corresponder à confiança e a honra que me foram dadas.

É mister agradecer a cada um dos Confrades pela distinção e em especial ao presidente José Mariano, que ao longo do tempo tem sido, generoso para comigo, culminando com seu gesto de agora indicar-me para essa elevada honraria.

Delegado Litúrgico

e Membro Efetivo do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33



## ENQUANTO TEUS PAIS ENVELHECEM... DEIXA-OS VIVER...

Genserico Barbo de Siqueira  
| Cadeira nº 23 – Contribuição\*

“Deixa-os envelhecer com o mesmo amor que eles te deixaram crescer ... deixa-os falar e contar repetidamente as histórias com a mesma paciência e interesse que eles escutaram as tuas quando eras criança... deixa-os vencer, como tantas vezes eles te deixaram ganhar ... deixa-os conviver com os seus amigos, conversar com os seus netos... deixa-os viver entre os objectos que os acompanharam ao longo do tempo para não sentirem que lhes arrancas pedaços das suas vidas... deixa-os enganarem-se, como tantas vezes tu te enganaste ... DEIXA-OS VIVER e procura fazê-los felizes na última parte do caminho que lhes falta percorrer, do mesmo modo que eles te deram a mão quando iniciavas o teu.”



## EU FIZ UM JURAMENTO

Carlos Roberto Neri Matos  
| Membro Honorário

Estive refletindo sobre uma figura emblemática que recebi, talvez até alguns de vocês também já a tenham visto. É essa que acompanha o presente texto. Mas o caso é o seguinte a mensagem encaminhada junto é absurdamente perfeita. Precisamos ver e, quando digo isso me coloco no meio, o que estamos fazendo na Ordem Maçônica?

Os Iir'. das antigas com mais de 20, 30, 40 anos de maçonaria acham que não tem mais que comparecer nas sessões e ajudar pois já contribuíram muitos anos. Os Iir'. que já se tornaram VV'.MM.'. acham que já deram a sua parcela de contribuição e se afastam, quando deveria ser justamente o contrário. Os Iir'. mais novos com menos de 5 a 10 anos de maçonaria, muitos deles chegam a M.'.M.'. e acham que é isso aí e pronto quando na realidade deveriam ter o espírito de que eles são o futuro da Ordem.

Ora quando todos entramos, não entramos obrigados, todos ficamos sabendo de nossas responsabilidades para com a Ordem. Certo é que na vida as principais coisas são nossa saúde, família, trabalho e etc, porém não podemos ficar sendo maçons sem ser, só ostentando o que fomos e o que somos, não tem sentido.



## OS DEGRAUS

Antonísio Siqueira Borges  
| Colaborador

A espiritualidade é um aspecto profundo da experiência humana que transcende a religiosidade institucional e envolve uma busca pessoal pelo significado da vida, conexão com algo maior do que nós mesmos, e um senso de propósito. A jornada espiritual pode ser vista como uma série de degraus, cada um representando um estágio de crescimento e entendimento mais profundo. A transformação interna também envolve um maior alinhamento com os valores espirituais e uma vida mais autêntica e consciente. Cada degrau representa um passo em direção a uma maior compreensão de si mesmo e do universo, e uma vida vivida com mais significado e propósito.

Quantos degraus te ocultam a luz?  
Quantos degraus te distanciam  
do Grande Arquiteto do Universo?  
Para que nos aproximemos do Criador em um degrau,  
Devemos adquirir o primeiro acima  
de nossas próprias qualidades

Degraus são qualidades, qualidades são desejos  
Cada degrau alcançado, um ocultamento vencido,  
para chegar ao Criador  
Dele é o desejo absolutamente altruísta  
de criar uma alma  
(o homem), para preenchê-la com prazer  
Quão incompreensível e antinatural  
nos parece sua essência

Em que degrau estariam os desejos egoístas  
sentidos no coração?  
Pode alguém extinguir completamente  
todos os desejos?  
Não, Não pode.  
Assim, as almas estariam todas no estado  
de extrema perfeição.



artigo

## ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS: PARA QUE SERVE

Michael Winetzki | Colaborador

A convite do confrade José Mariano Lopes Fonseca tenho tido o prazer de colaborar com esta publicação “O Confrade” da Academia Goiana Maçônica de Letras. Em março coube-me a honra de ter sido eleito Presidente da Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras que congrega sessenta dos mais importantes escritores e intelectuais da Ordem no país, representando praticamente todos os estados.

Escrevo desde a minha adolescência. Trabalhei em jornais diários e semanais. Editei “house-organs” nas empresas em que trabalhei. A convite do Sebrae escrevi o Guia do Mercosul e por indicação do Ministério das Relações Exteriores participei de um livro sobre Comércio Internacional e Transferência de Tecnologia.

Mas só foi depois de minha aposentadoria aos 53 anos, em 2003, que escrevi o meu primeiro livro, “O caminho da felicidade”, hoje em 10ª edição. A cada dois anos em média, publiquei um novo livro, atualmente são nove, e participei de inúmeras antologias. Tenho

centenas de artigos publicados na internet, criei em 2015 um grupo chamado Maçonaria Ensinos com mais de cem mil postagens de maçonaria, ciência e cultura e há três anos criei o blog maçônico [www.michaelwinetzki.com.br](http://www.michaelwinetzki.com.br), com cerca de meio milhão de visualizações atualmente.

Embora em decorrência da obra, eu participe como membro efetivo ou correspondente de cinco Academia, foi só com a eleição para a presidência da AMVBL que “caiu a ficha”. Eu me perguntei, - para que serve uma Academia de Letras – e fui buscar as respostas.

Diz a Wikipédia que academia (do grego antigo *Ἀκαδημία* (transliterado *Akadémeia*), derivado de *Ἀκαδημος* (transliterado *Akádēmos*), designa, instituições vocacionadas para o ensino, a cultura e a ciência, nomeadamente as artísticas, literárias, científicas e físicas, filosóficas etc. As Academias de Letras são instituições literárias e linguísticas que têm como objetivo promover o conhecimento literário e a cultura e zelar pela língua e pela literatura nacional. As

Academias de Letras também podem estimular a escrita e a leitura, e disseminar o bom uso da linguagem.

A maçonaria é um tema com enorme quantidade de publicações, no mundo todo. Recentemente vi uma matéria onde o autor afirmava que existem mais de trezentos mil títulos sobre a maçonaria somente em inglês e francês. É um número assombroso. E no Brasil não é diferente. A quantidade de obras a respeito é colossal.

Mas infelizmente, grande parte destas obras percorre um caminho distante dos ensinamentos maçônicos pregando misticismo, mágica, tarô, fantasias e invenções de toda ordem, que confundem a mente e afastam do verdadeiro trilho de nossos ensinamentos, especialmente os aprendizes e companheiros ou mesmo mestres que são menos afeitos aos estudos.

As nossas Academias de Letras Maçônicas têm como finalidade estimular a participação das melhores mentes da Ordem na criação de um alicerce de conhecimento expresso em suas obras, que provoquem a reflexão, estimulem a pesquisa

e traga informações confiáveis a respeito do que é, realmente, a maçonaria.

Como livres pensadores, e baseados na filosofia iluminista, temos o dever e a liberdade de buscar conhecimentos e informações onde quisermos, mas ao nos desviarmos do rumo devido ao excesso de imaginação de muitos autores que se arvoram “maçons”, perdemos o sentido dos extraordinários ensinamentos que a Arte Real nos proporciona, e passamos a chafurdar em áreas muito mais afins à magia como as obras de Harry Potter.

A maçonaria tem história e referências documentais. Algum hiato nestas referências, como me disse uma vez o mestre José Castellani, podem ser cobertos pelo exercício da lógica.

As nossas Academias têm por finalidade também deixar um legado às gerações de maçons que nos sucederão. Um legado de trabalho, cultura, dedicação, talento e informação confiável para que a maçonaria continue sendo esta extraordinária criação que transforma homens bons em homens ainda melhores e pugna por tornar mais feliz a humanidade.



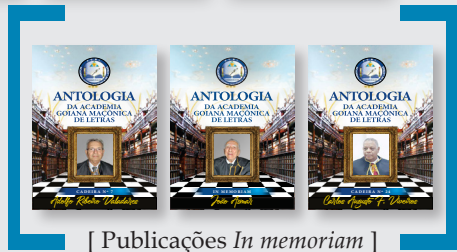
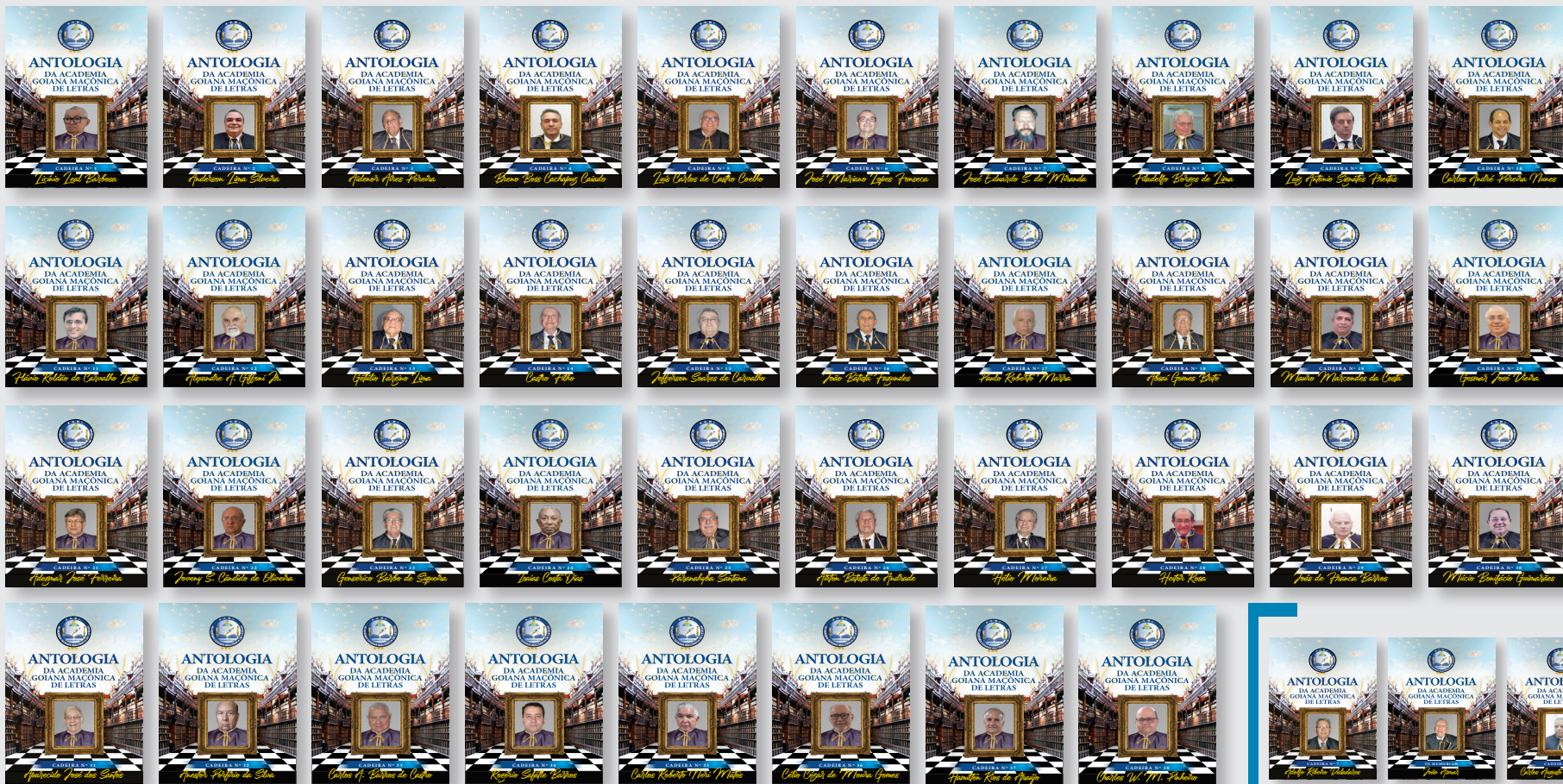


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

### Antologia dos Confrades escritores da AGML



### tributo da AGML

#### Marco registrado de uma escritora

Telma Glória Brasil de Castro nasceu em Caldas Novas, Goiás, filha de Brasil Alla e Ivani Ribeiro Alla. Mudou-se para Goiânia na década de 1950 onde vice até hoje. Estudou no Instituto de Educação de Goiás e na Universidade Católica de Goiás, onde cursou Matemática. Em 1971,

casou-se com Carlos Alberto Barros de Castro e teve três filhos: Marcus, Fábio e Sérgio. Foi funcionária da antiga L.B.A. por mais ou menos 10 anos. Sempre gostou de escrever, cantar, brincar, sorrir para todos e pintar telas, o que acha uma grande diversão.



#### ESPERANÇA

O mundo que é feliz,  
Vive de esperança.  
O pessoal bendiz;  
– Viver é ter esperança.

Vemos em parte grande  
Tantos esperançosos  
Pára! Imundos, é ser grande  
Ou corto-lhes os pescoços.

Temos em nossa casa,  
Uma estampa qualquer;  
Vá, sede feliz criança,  
Viver como uma mulher.

A esperança leva-nos,  
Também ao desespero;  
Venhaamigo, amemo-nos,  
Talvez para o desterro.

#### CONFIANÇA

A maior amiga nossa  
Tendo-a em nós mesmo  
O melhor de uma valsa  
É dançarmos a esmo

Confiança nenhuma  
Deve nos preocupar  
Vamos em suma  
De confiança falar

Devemos ter esperança  
Não em qualquer pessoa  
Como se fosse a herança  
Nunca a gastaria à toa.

Acreditar em alguém  
Comunicando um segredo  
Será que este alguém  
Falará sem Desvelo?

#### FELICIDADE

Certa vez andando  
Vi dois pássaros cantar  
Não se se estavam chorando  
Ou riam sem cessar

Era feliz aquele casal  
De pombos era formado  
E eu triste sozinha  
Sem ninguém a adorar

Corri olhei as estrelas  
Brilhavam sem parar  
Somente duas quietas  
Estavam a meditar

Quanta felicidade  
Existe neste caminho  
É assim em várias cidades  
Existem ninhos, ninhos e ninhos  
Que são de seus habitantes.

#### PROFESSORA

Ser professora é dureza,  
É necessário ter dom.  
Enfim, ter uma natureza  
De lealdade e ser bom.

Professora sempre querida  
Nos formam sem aspereza  
Para termos uma boa vida  
Um futuro de beleza.

É a professora quem manda  
Sempre na classe afável,  
Ela sempre comanda  
Uma turma alegre, saudável.

Quando formos adultos,  
Dela vamos Lembrar;  
Se quisermos, seu vulto,  
A nossa mente irá voltar.



registro ABIN



confraria celestial



Mas – o que é um pormenor de ausência.

Faz diferença? “Choras os que não devias chorar.

O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta”– KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita.

A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!”– desfere então o salmo. As pessoas

não morrem, ficam encantadas. [ GUIMARÃES ROSA ]



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Licínio Leal Barbosa	Maurício Lopes Ferreira (adjunto)
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraaires@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Leis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Genserico Barbo de Siqueira	irtid.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdm@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aínton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	Antonio Rosário Leite Filho, (adjunto)
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Helder Vinhal de Carvalho	helder.vinhal@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br
39	Tito Souza do Amaral	